



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CRISTIANE FERREIRA DE MOURA

**A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DO FEMININO NA
LITERATURA DE CORDEL**

Londrina
2026

CRISTIANE FERREIRA DE MOURA

A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DO FEMININO NA LITERATURA DE CORDEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Rosane Suely Alvares Lunardelli.

Bolsista: CAPES.

Londrina
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

1. M929 Ferreira de Moura, Cristiane.
A Representação Temática do feminino na Literatura de Cordel / Cristiane Ferreira de Moura. - Londrina, 2026.
166 f.

Orientador: Rosane Suely Alvares Lunardelli.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2026.

Inclui bibliografia.

1. Literatura de Cordel - Tese. 2. Representação Temática da Informação - Tese. 3. Mulher - Tese. 4. Ciência da Informação - Tese. I. Lunardelli, Rosane Suely Alvares . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

CRISTIANE FERREIRA DE MOURA

A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DO FEMININO NA LITERATURA DE CORDEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Rosane Suely Alvares
Lunardelli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Gilnei Machado
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia
Fernandes
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 26 de fevereiro de 2026.

Dedico esta obra a todas as mulheres que me antecederam, me ensinaram e me inspiraram — dentro e fora das páginas desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Rosane Lunardelli, pela orientação firme e sensível, pela confiança, pela escuta atenta e pelo rigor que conduziu cada etapa deste trabalho. Sua presença foi norte e sustentação ao longo desta trajetória acadêmica.

À querida amiga Sandra Lage, pela participação na banca de qualificação e, sobretudo, pelo apoio constante, pelas contribuições decisivas na construção desta dissertação e pelo incentivo generoso ao longo de todo o percurso. Sua confiança e encorajamento foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Ao Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes, pela participação na banca e pelas sugestões apresentadas.

Ao Prof. Dr. Gilnei Machado, pela participação na banca e pelas considerações apontadas.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado, apoio essencial para a realização desta pesquisa.

À Universidade Estadual de Londrina, pelo ambiente acadêmico e pelas condições institucionais que possibilitaram o desenvolvimento deste estudo.

Aos funcionários da Biblioteca Central da UEL, pela atenção, disponibilidade e colaboração no acesso ao acervo que fundamenta esta investigação.

Ao André, por caminhar ao meu lado com apoio, compreensão e incentivo em todos os momentos. Este trabalho também é fruto da sua presença e do seu acreditar constante.

Ao Rafael, por ser a razão mais bonita da minha força. Que cada conquista minha seja também um exemplo de que os sonhos exigem coragem e dedicação.

Que esta etapa seja continuidade...

O poder de nomear é o poder de controlar.
Hope A. Olson, *The Power to Name*
(2002).

RESUMO

Moura, Cristiane Ferreira de. **A Representação Temática do feminino na literatura de cordel**. 2026. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

A literatura de cordel, gênero literário reconhecido como patrimônio cultural imaterial brasileiro, é uma relevante fonte de informação. Historicamente marcada por discursos patriarcais, a caracterização da mulher nos folhetos de cordel revela estereótipos e valores de diferentes épocas. De acordo com esse cenário, esta pesquisa, inserida no campo da Ciência da Informação, tem como objetivo geral investigar o vocabulário utilizado para caracterizar o feminino nos cordéis da coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. Como objetivos específicos: descrever procedimentos para identificação e análise do assunto em textos literários; apresentar pressupostos teóricos e metodológicos para a representação temática dos folhetos de cordel; contextualizar a concepção do feminino em uma perspectiva diacrônica. Sob a ótica da Representação Temática da Informação, foram apresentadas categorias que evidenciaram os temas das obras. Como percurso metodológico, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva, nos moldes da análise bibliográfica e documental, na qual foram empregadas a amostragem intencional e a revisão bibliográfica integrativa (RBI). O corpus foi composto por 60 folhetos selecionados por amostragem intencional. A partir da extração de termos literais e da organização em campos semânticos, foram construídas 39 categorias de representação do feminino. Os resultados do estudo evidenciam a recorrência de categorias de representação do feminino marcadas por permanências e deslocamentos ao longo das décadas analisadas, bem como a construção de um repertório de termos e categorias que subsidiam práticas de representação temática em acervos literários. Ao evidenciar as formas pelas quais o feminino é representado nos folhetos de cordel, esta pesquisa contribui para o debate informacional sobre a organização de acervos literários e amplia a reflexão crítica acerca das desigualdades de gênero presentes nos discursos culturais, indicando a relevância social do tratamento temático da informação.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Representação temática da informação; Representação do feminino; Campos semânticos; Ciência da Informação.

ABSTRACT

MOURA, Cristiane Ferreira de. **The Thematic Representation of the Feminine in Cordel Literature**. 2026. 165 f. Master's Dissertation (Master's degree in information science) – Center for Education, Communication and Arts, Graduate Program in Information Science, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

Cordel literature, a literary genre recognized as Brazilian intangible cultural heritage, constitutes a significant source of information. Historically shaped by patriarchal discourses, the characterization of women in cordel pamphlets reveals stereotypes and values from different historical periods. Within the field of Information Science, this research aims to investigate the vocabulary used to characterize the feminine in cordel pamphlets from the collection of the Central Library of the State University of Londrina. The specific objectives are: to outline procedures for subject identification and analysis in literary texts; to present theoretical and methodological foundations for the thematic representation of cordel pamphlets; to contextualize the conception of the feminine from a diachronic perspective; and to compile a list of the terms employed. From the perspective of Thematic Information Representation, categories were developed that highlighted the themes of the works. Methodologically, this qualitative and descriptive study was conducted through bibliographic and documentary analysis, employing intentional sampling and an Integrative Literature Review (ILR). The corpus consisted of 60 pamphlets selected through intentional sampling. Based on the extraction of literal terms and their organization into semantic fields, 39 categories of representation of the feminine were constructed. The results indicate the recurrence of categories marked by continuities and shifts throughout the decades analyzed, as well as the development of a repertoire of terms and categories that support thematic representation practices in literary collections. By making explicit the ways in which the feminine is represented in cordel pamphlets, this research contributes to discussions in Information Science concerning the organization of literary collections and broadens critical reflection on gender inequalities present in cultural discourses, highlighting the social relevance of thematic information treatment.

Key-words: Cordel literature; Subject representation of information; Representation of the feminine; Semantic fields; Information Science.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As vertentes teóricas do TTI e suas características	31
Quadro 2 - Diferenças entre o cordel português e o cordel brasileiro	49
Quadro 3 - Modalidades métricas na literatura de cordel.....	54
Quadro 4 - Objetivos da pesquisa	66
Quadro 5 - BRAPCI, BDTD, Portal de Periódicos CAPES: Busca ou amostragem na literatura	71
Quadro 6 - BRAPCI: Resultado buscas	76
Quadro 7 - BDTD: Resultado das buscas	77
Quadro 8 - BDTD: Teses e dissertações.....	77
Quadro 9 - Lista-base de campos semânticos utilizados na análise	82
Quadro 10 - Categorias de representação do feminino identificadas no corpus	91
Quadro 11 - Cordel década de 1940	93
Quadro 12 - Cordel da década de 40 do século XX (1940-1949)	96
Quadro 13 - Cordéis da década de 50 do século XX (1950-1959).....	96
Quadro 14 - Cordéis da década de 60 do século XX (1960-1969).....	98
Quadro 15 - Cordéis da década de 70 do século XX (1970-1979).....	99
Quadro 16 - Cordéis da década de 80 do século XX (1980-1989).....	100
Quadro 17 - Cordéis da década de 90 do século XX (1990-1999).....	102
Quadro 18 - Cordéis da primeira década do século XXI (2000-2009).....	103
Quadro 19 - Cordéis da segunda década do século XXI (2010-2019).....	105
Quadro 20 - Títulos e ano dos cordéis selecionados	123
Quadro 21 - A mulher que deu à luz na fila do açúcar!	125
Quadro 22 - Discussão de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe.....	125
Quadro 23 - Nequinho e Jandira	126
Quadro 24 - Josafá e Marieta.....	126
Quadro 25 - A mulher roubada.....	127
Quadro 26 - História da Escrava Guiomar	127
Quadro 27 - História do soldado Roberto e a Princesa do reino de Canan.....	128
Quadro 28 - História das três princesas encantadas.....	129
Quadro 29 - O marido que passou o cadeado na boca da mulher.....	129
Quadro 30 - A princesa Rosamunda ou a morte do gigante	130

Quadro 31 - O verdadeiro amor de mãe	131
Quadro 32 - A mulher que deu o filho ao Diabo	131
Quadro 33 - A língua da mulher faladeira	132
Quadro 34 - A mulher de quatro metros que anda de feira em feira	132
Quadro 35 - A moça que bateu na mãe e virou cachorra.....	133
Quadro 36 - A mulher que foi surrada pelo Diabo	134
Quadro 37 - A dama de três amantes	134
Quadro 38 - Como se amansa uma sogra	135
Quadro 39 - A menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra	135
Quadro 40 - O marido que trocou a mulher por uma garrafa de aguardente	136
Quadro 41 - O Direito que a mulher tem	137
Quadro 42 - Reclamação e sofrimentos de uma prostituta	137
Quadro 43 - Eu quero é ser madamo e casar com feminista	138
Quadro 44 - Clara Nunes	139
Quadro 45 - Júlia Corrêa da Silva — uma das expressões vivas da cultura brasileira.....	139
Quadro 46 - Santa Bárbara	140
Quadro 47 - Adeus Menininha – A nossa lalorixá	141
Quadro 48 - Significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos	141
Quadro 49 - A filha da louca do jardim	142
Quadro 50 - O nascimento e a feiura de Totonha Temperada.....	143
Quadro 51 - Lucilene, a moça que dançou lambada com o cão em Juazeiro do Norte	144
Quadro 52 - História do menino dos bodinhos e a Princesa interesseira	144
Quadro 53 - A moça que foi trocada por uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras, na seca de 1877.....	145
Quadro 54 - “Xá” de Xixi da Xuxa”	146
Quadro 55 - Zélia e Bernardo — Os adúlteros de Brasília	146
Quadro 56 - A mulher que desejou um pedaço do marido.....	147
Quadro 57 - A moça que se casou quatorze vezes e continuou donzela.....	148
Quadro 58 - A mulher que comeu a orelha do marido na lavagem do Bonfim	149
Quadro 59 - Lampião e a velha feiticeira.....	149
Quadro 60 - O apaixonamento de Maria Bonita por Lampião	150

Quadro 61 - A moça que foi levada pelo disco voador.....	151
Quadro 62 - João da Viola e a Princesa interesseira	151
Quadro 63 - Mulher feia	152
Quadro 64 - Um adeus a Rachel de Queiroz	153
Quadro 65 - A índia Iracema na lagoa de Messejana	153
Quadro 66 - Homem que bate em mulher não passa de um bufão.....	154
Quadro 67 - A mulher de sete vidas.....	155
Quadro 68 - Resposta à carta à sua ex-mulher	155
Quadro 69 - Lesbecause (um cordel para noss@s filh@s).....	156
Quadro 70 - Mulheres guerreiras decantadas em Cordel	157
Quadro 71 - O cordel da sogra.....	158
Quadro 72 - Muié, Bicho Bão!	158
Quadro 73 - O homem animal e a geografia da mulher	159
Quadro 74 - As heroínas de Tejucupapo	160
Quadro 75 - Maria de Julião.....	160
Quadro 76 - A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro.....	161
Quadro 77 - Bolsa de mulher	162
Quadro 78 - O matuto que perdeu a mulher pro Facebook.....	162
Quadro 79 - Zefa da guia, guiando o parto da vida	163
Quadro 80 - Distribuição das categorias de representação do feminino (1940–2019).....	165

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise documental
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OC	Organização do Conhecimento
RBI	Revisão Bibliográfica Integrativa
RI	Recuperação da Informação
RTI	Representação Temática da Informação
TTI	Tratamento Temático da Informação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	21
2.1	REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	25
2.2	REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO: PROCESSOS, INSTRUMENTOS E PRODUTOS	27
2.2.1	Análise de assunto	33
2.2.1.1	<i>Identificação e extração de conceitos</i>	36
2.2.1.2	<i>Seleção e organização de conceitos</i>	37
3	LITERATURA – ASPECTOS HISTÓRICOS	39
3.1	LITERATURA – ASPECTOS SOCIOLÓGICOS	42
3.2	LITERATURA COMO PRÁTICA SIMBÓLICA DA VOZ	45
4	LITERATURA DE CORDEL	48
4.1	O UNIVERSO FEMININO NOS FOLHETOS DE CORDEL	57
5	PERCURSO METODOLÓGICO	63
5.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	63
5.2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA INTEGRATIVA	66
5.2.1	Primeira etapa - Identificação do tema e seleção da pesquisa	69
5.2.1.1	<i>Objeto de estudo</i>	69
5.2.2	Segunda etapa - busca ou amostragem na literatura	71
5.2.2.1	<i>Busca das fontes documentais</i>	73
5.2.2.2	<i>Organização cronológica e tratamento da datação</i>	73
5.2.3	Terceira etapa – coleta de dados	74
5.2.4	Quarta etapa – análise crítica dos dados coletados	76
5.2.4.1	<i>Análise interpretativa</i>	78
5.2.4.2	<i>Justificativa do procedimento de seleção do corpus</i>	79
5.2.4.3	<i>Limitações do método</i>	80
5.2.4.4	<i>Definição das informações extraídas</i>	80
5.2.4.5	<i>Construção da lista-base de campos semânticos</i>	81

5.2.4.6	<i>Construção das categorias de representação do feminino</i>	83
5.2.5	Quinta etapa: análise e interpretação dos resultados	85
6	ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DO FEMININO	90
6.1	PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS E CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO	90
6.2	EXEMPLO DE ANÁLISE TEMÁTICA: A CATEGORIA “MULHER MÃE”	93
6.3	DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO	94
6.4	DÉCADA DE 1940: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO	95
6.5	DÉCADA DE 1950: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	96
6.6	DÉCADA DE 1960: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	97
6.7	DÉCADA DE 1970: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	99
6.8	DÉCADA DE 1980: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	100
6.9	DÉCADA DE 1990: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	101
6.10	DÉCADA DE 2000: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	103
6.11	DÉCADA DE 2010: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO.....	104
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	111
	APÊNDICES	118
	APÊNDICE A – Títulos e anos dos cordéis selecionados.....	123
	APÊNDICE B – Quadros analíticos individuais dos cordéis analisados.....	125
	APÊNDICE C – Distribuição das categorias de representação do feminino no corpus (1940–2019).....	165

1 INTRODUÇÃO

A literatura, manifestação artística exclusiva do ser humano, forma de expressão de natureza subjetiva, constitui-se como um reflexo da sociabilidade e das práticas de um determinado período histórico. Por meio de sua análise, é possível identificar costumes, tradições, estruturas sociais, estereótipos e preconceitos que permeiam a vida em sociedade. Para Candido (2006, p. 61) “[...] a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.” De acordo com essa perspectiva, a literatura não apenas reelabora a experiência humana, como também atua como registro simbólico de valores, tensões e contradições de cada época. Complementando essa visão, Resende (2004, local. 10) destaca: “É na pluralidade cultural de que, por exemplo, existem na literatura brasileira, muitas literaturas brasileiras, no Brasil, muitos Brasis [...]”.

Dentre os vários gêneros literários, evidencia-se no presente estudo a Literatura de Cordel, entendida, segundo Gaudêncio e Borba (2010, p. 2) “[...] como sendo uma manifestação artístico-cultural da cultura popular que registra a história e a trajetória de um povo [...]” Tal definição reforça o caráter documental e memorialístico do cordel, cuja narrativa, marcada por linguagem acessível e recursos poéticos, preserva tradições, acontecimentos e imaginários coletivos, funcionando como um registro vivo da cultura popular.

No Brasil, em 2018, a Literatura de Cordel foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Além de seu rico conteúdo, que traz diferentes histórias e personagens, os folhetos se destacam, entre outros aspectos, pelas capas ilustradas com xilogravuras – recurso intencionalmente selecionado por autores e gravadores para evidenciar passagens, eventos ou atmosferas centrais à narrativa. Conforme Rodrigues Filho (2024, p. 253), mais do que apenas ilustrar, essas imagens são produtoras de narrativas visuais e de memória, pois possuem “[...] linguagem própria, de referências estéticas e técnicas situadas temporalmente.”

Lage (2023, p. 81) concebe a literatura de cordel como “[...] portadora de inúmeros sentidos, que, mediados por meio de seus folhetos, proporcionam, além da fruição, do lazer, a aprendizagem, a preservação da memória e o exercício da leitura crítica de temas.” Atualmente, os cordéis fazem parte das coleções de bibliotecas

escolares, universitárias e especializadas, sendo utilizados como recursos pedagógicos, objetos de pesquisa e registros de memória cultural, além de fontes de entretenimento. Em meio às transformações tecnológicas, essas obras coexistem no formato impresso, digitalizado e nato digital. No contexto da Web, o cordel no formato nato digital recebe a denominação de cibercordel, sem perder seus traços característicos, como a poesia e o uso das métricas. Assim, os folhetos passam a assumir também a condição de objetos informacionais, cuja organização e representação tornam-se fundamentais para sua recuperação e acesso em ambientes institucionais.

A literatura de cordel oferece um vasto repertório de histórias, fatos históricos e personagens marcantes, ao mesmo tempo em que expressa crenças, valores e percepções próprias de uma época. O cordel destaca-se por sua capacidade de preservar tradições, refletir a diversidade cultural, construir a identidade regional e nacional e influenciar outras formas de expressão cultural. No interior dessa tradição cultural, as representações do feminino assumem contornos específicos, frequentemente vinculados a valores morais e sociais de seu tempo.

O cordel consolidou-se historicamente como um campo de atuação estritamente masculino. Nesse universo multifacetado, a figura feminina surge em muitos enredos, como personagem central ou secundária, frequentemente moldada pelas representações atribuídas pelos cordelistas. As mulheres retratadas nesses folhetos refletem valores de uma sociedade patriarcal fortemente influenciada pela religiosidade católica, que perpetuou arquétipos como o da “Madalena arrependida”, das “esposas-Evas” e das “mães-Maria” (Barbosa, 2010). Também era recorrente o uso de poesia satírica para descaracterizar, ridicularizar e menosprezar condutas femininas consideradas incompatíveis com a moral tradicional.

Esse recurso satírico não se restringe ao cordel, mas integra um repertório mais amplo de crítica social mobilizado em diferentes contextos históricos. No contexto da Primeira República, marcado por transformações urbanas e pela difusão de modelos de sociabilidade importados da Europa, Marques e Silva (2014) observam que a maior circulação feminina em espaços públicos e a adoção de modas contemporâneas passaram a ser alvo de sátiras, críticas e anedotas de toda ordem.

Essas formas de representação, marcadas por valores morais, estereótipos e estratégias discursivas específicas, evidenciam a complexidade temática dos folhetos

de cordel, que constituem um amplo universo e oferecem múltiplas possibilidades de uso por públicos diversos. Independentemente do suporte, seja impresso, digitalizado ou nato digital, quando inseridos em unidades de informação, como as bibliotecas, passam a demandar processos sistemáticos de organização, classificação e indexação, condições necessárias para sua recuperação e acesso.

O presente estudo analisa as relações entre a Ciência da Informação (CI), a Representação Temática da Informação (RTI), o feminino e a literatura de cordel. A Representação Temática da Informação, como dimensão da Ciência da Informação, contribui para a promoção do acesso à informação e para a orientação do fazer profissional, especialmente no que se refere às práticas de indexação. Lancaster (2004) afirma que a recuperação da informação está diretamente relacionada à qualidade dos processos de indexação e representação do conteúdo documental.

Nesse contexto, a Organização da Informação assume papel mediador entre o acesso físico aos documentos e o acesso ao seu conteúdo informacional, genericamente denominado Tratamento Temático da Informação (TTI) (Guimarães, 2009). Enquanto dimensão da Organização da Informação, o TTI trabalha com a análise, descrição e representação do conteúdo informacional, especialmente no que se refere à identificação e representação de conceitos, processo que fundamenta a Representação Temática da Informação.

No que diz respeito à Organização da Informação, Gaudêncio (2014, p. 35) explica que

[...] a lógica da organização da informação deve levar em consideração o processo de representação informacional que, quando aliada à prática de preservação dos conteúdos memoriais, proporcionam uma recuperação da informação capaz de, ao mesmo tempo sistematizar e perpetuar as informações trabalhadas e tratadas pelo profissional da informação.

Essa perspectiva evidencia que a representação informacional não se restringe a uma operação técnica, mas integra um processo que articula organização, preservação da memória e recuperação da informação.

De acordo com essa perspectiva, o processo de representação divide-se em representação descritiva e representação temática. A representação descritiva está relacionada à descrição dos atributos físicos, extrínsecos aos conteúdos, enquanto a representação temática “[...] detém-se na atribuição de assuntos aos documentos a partir da classificação bibliográfica, da indexação e da elaboração de resumos,

facilitando a recuperação de materiais relevantes que dizem respeito a temas semelhantes” (Catarino; Souza, 2012, p. 84).

O processo de representação temática, foco do estudo, deve evidenciar a essência do documento, objetivando a efetiva recuperação e acesso pelo usuário. Desta forma, representar tematicamente um recurso informacional implica extrair do documento os conceitos nucleares, em torno dos quais o texto é construído. A Representação Temática da Informação (RTI) possibilita a identificação, a análise e a tradução dos conteúdos informacionais em termos e categorias que possibilitam sua recuperação e apropriação.

A partir desse enquadramento, o presente estudo adota como eixo analítico a representação temática do feminino nos folhetos de cordel. Essa abordagem orienta a análise do vocabulário empregado na caracterização das personagens femininas, e constitui um recorte metodológico que atravessa o corpus investigado, sendo fundamentado nos termos e expressões literais presentes nos folhetos.

No caso dos folhetos de cordel, marcados por linguagem poética, subjetividade, polissemia e forte vinculação ao contexto sociocultural de produção, a Representação Temática da Informação oferece subsídios teóricos-metodológicos para a análise do vocabulário empregado na caracterização do feminino. O presente estudo busca contribuir para o avanço das discussões na área, ao articular a Representação Temática da Informação com a análise do feminino nos folhetos de cordel, conferindo originalidade à abordagem proposta.

Estudos recentes evidenciam a diversidade de aplicações da Representação Temática da Informação. Rabelo e Pinto (2019), ao analisarem artigos indexados na BRAPCI no período de 2012 a 2017, identificaram abordagens voltadas à indexação de imagens, textos literários e outros tipos documentais, demonstrando a amplitude e a versatilidade do campo. Esse panorama reforça a pertinência de investigações que dialoguem com gêneros específicos, como a literatura de cordel, especialmente no tratamento temático de construções discursivas relacionadas ao feminino.

Tendo em vista o panorama apresentado, tem-se como questão central deste estudo a seguinte indagação: Como os folhetos de cordel caracterizam ou representam o feminino? De que forma essas expressões podem subsidiar a construção de categorias temáticas mais democráticas e inclusivas em acervos literários?

Para responder a essa indagação, estabeleceu-se como objetivo geral investigar o vocabulário utilizado para caracterizar o feminino nos cordéis da coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. Como objetivos específicos a pesquisa procurou:

1. descrever procedimentos para identificação e análise do assunto em textos literários;
2. apresentar pressupostos teóricos e metodológicos para a representação temática dos folhetos de cordel;
3. contextualizar a concepção do feminino em uma perspectiva diacrônica;

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida por meio de análise bibliográfica e documental. Para delimitação do corpus, adotou-se a amostragem intencional, considerando os cordéis identificados na coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. O referencial teórico foi construído a partir da Revisão Bibliográfica Integrativa, com o objetivo de reunir e articular os aportes da Representação Temática da Informação, do feminino e da Literatura de Cordel.

A justificativa do estudo baseia-se, primeiramente, na relevância da Literatura de Cordel como patrimônio cultural e elemento constitutivo da identidade brasileira. Trata-se de fonte de informação e recurso de ensino-aprendizagem, destacando-se também por seu caráter lúdico e prazeroso. Quanto ao acesso dessas obras, importa mencionar que a representação temática com qualidade está estreitamente ligada ao sucesso da recuperação desses materiais. Analisar a forma como o feminino é representado nesse gênero também contribui para compreender suas contradições e potencializar reflexões relativas à igualdade de gênero. Ampliar o entendimento acerca da condição feminina revela-se, neste estudo, aspecto de expressiva relevância, considerando que as estruturas sociais contemporâneas foram historicamente moldadas por visões masculinas que relegaram às mulheres posições de inferioridade. E analisar o feminino em um gênero literário tradicionalmente dominado por homens amplia o escopo de estudos e favorece reflexões críticas nesse campo.

A pesquisa também apresenta contribuição científica ao aplicar a Representação Temática da Informação à Literatura de Cordel, evidenciando seu potencial para o tratamento de narrativas literárias. A articulação entre organização da

informação e representações do feminino amplia as possibilidades de investigação em Organização e Representação da Informação, fortalecendo o diálogo da área com dimensões culturais, simbólicas e discursivas.

No campo científico, a justificativa está no propósito de tornar esta pesquisa material de apoio às bibliotecárias e aos bibliotecários que indexam Literatura de Cordel, diante dos desafios decorrentes de particularidades linguísticas, regionalismos e conotações poéticas, conforme destacam Lunardelli, Lage e Galo (2023).

No âmbito da trajetória acadêmica da autora, este trabalho dá continuidade à pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em 2005 no curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), cujo corpus foi composto por cibercordéis disponíveis na plataforma literária Recanto das Letras. Atualmente, a autora participa como colaboradora do Grupo de pesquisa “A Ciência da Informação e a Literatura de Cordel na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida da população brasileira”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Rosane S. A. Lunardelli, que também orienta a presente investigação.

A dissertação está organizada em sete capítulos. O Capítulo 2 apresenta os fundamentos da Ciência da Informação, abordando a Representação da Informação, a Representação Temática da Informação e a análise de assunto, com ênfase nos processos de identificação, seleção e organização de conceitos. O Capítulo 3 discute a literatura sob perspectivas histórica, sociológica e simbólica, estabelecendo bases para a compreensão do texto literário como prática cultural. O Capítulo 4 contextualiza a Literatura de Cordel e problematiza o universo feminino nos folhetos. O Capítulo 5 descreve o percurso metodológico adotado, detalhando a revisão bibliográfica integrativa e o estudo empírico desenvolvido. O Capítulo 6 apresenta a análise da representação temática do feminino, incluindo a distribuição diacrônica das categorias por década. Por fim, o Capítulo 7 reúne as considerações finais, retomando os objetivos da pesquisa e indicando seus desdobramentos.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Neste tópico, apresenta-se o panorama da Ciência da Informação, sua gênese, desenvolvimento e características.

Ciência da Informação (CI) consolidou-se como área do conhecimento na década de 60, com o objetivo de compreender os processos de produção, organização, disseminação e uso da informação. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, potências como Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética investiram em atividades científicas e tecnológicas que culminaram em uma explosão informacional. Este período foi marcado, sobretudo, pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação, destacando-se o uso dos primeiros computadores em ambientes militares e governamentais, interligados em rede, para o tratamento de registros impressos (Araújo, 2018).

O crescimento exponencial da informação evidenciou as dificuldades relacionadas aos métodos e sistemas capazes de organizar e compartilhar esse grande volume de dados. Neste contexto, destaca-se o artigo publicado em 1945 pelo cientista americano Vannevar Bush intitulado “*As We May Think*”, considerado um marco para a área da Ciência da Informação. Bush (2024), em texto originalmente publicado em 1945, já apontava desafios significativos para a organização e o compartilhamento da informação na sociedade, como a limitação na capacidade e na qualificação das equipes responsáveis pelo processamento dos dados, a insuficiência dos sistemas de armazenamento e recuperação da informação e a ausência, sobretudo, de um campo teórico que fundamentasse as práticas informacionais. Além disso, Bush “[...] introduziu a noção de associação de conceitos ou palavras para organização da informação, pois este seria o padrão que o cérebro humano utiliza para transformar informação em conhecimento” (Barreto, 2008, p. 7).

As discussões levantadas por Bush (2024) anteciparam preocupações que seriam aprofundadas por modelos formais de comunicação, entre os quais se destaca a Teoria Matemática da Comunicação, criada pelos cientistas norte-americanos Claude Shannon e Warren Weaver em 1948. Nesta teoria, a comunicação é apresentada como um sistema composto por um emissor, um canal, uma mensagem e um receptor, incorporando ainda a noção de ruído — elemento que pode interferir na clareza da mensagem transmitida. A partir disso, a informação pôde ser compreendida de forma mensurável e objetiva, oferecendo à Ciência da Informação

uma base conceitual e metodológica para o estudo dos fluxos informacionais (Araújo, 2018).

Como resposta à explosão informacional do pós-guerra, intensificaram-se os estudos sobre recuperação da informação (RI). O termo “recuperação da informação” foi cunhado por Calvin Mooers, em 1951, e se refere aos “[...] aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação.” (Mooers, 1951 *apud* Saracevic, 1996, p. 44). À medida que a necessidade de recuperar informações se impunha, multiplicaram-se investigações sobre fenômenos, processos e variáveis associados à RI, assim como sobre suas causas, efeitos e manifestações (Saracevic, 1996).

A recuperação da informação (RI) tornou-se eixo estruturante da CI: nos anos 1950, formou-se uma massa crítica de pesquisadores e empreendedores; nos anos 1960, a agenda se ampliou, com financiamento, organização institucional e intenso debate técnico e conceitual. Nesse contexto, nas conferências do Georgia Institute of Technology (1961/1962) formulou-se o primeiro conceito sobre a Ciência da Informação:

Ciência da Informação é a que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso. O processo inclui a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. (Shera; Cleveland, 1967 *apud* Robredo, 2011, p. 24).

Em artigo publicado em 1968, intitulado “*Information science: what is it?*”, Borko (1968) amplia essa conceituação ao destacar o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, compreendendo-a como uma área que abrange tanto um componente de ciência pura, voltado à investigação teórica do fenômeno informacional, quanto um componente de ciência aplicada, responsável pelo desenvolvimento de serviços e produtos informacionais — sendo a Biblioteconomia e a Documentação entendidas como aspectos práticos dessa ciência (Borko, 1968).

Em relação às características principais que orientam a trajetória da CI, Saracevic (1996) elenca três: (i) sua natureza interdisciplinar; (ii) sua vinculação ao desenvolvimento das tecnologias de informação; e (iii) sua atuação na construção da sociedade da informação, sustentada por uma forte dimensão social e humana. A

interdisciplinaridade da área está na relação com as seguintes disciplinas: Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, a Comunicação, a Ciência da Computação, a Filosofia, entre outras. Essas características ajudam a compreender como a Ciência da Informação estruturou diferentes modos de abordagem ao longo do tempo, o que se reflete nos paradigmas propostos por Capurro e Hjørland (2007).

Capurro e Hjørland (2007) organizam a conceituação da área em três paradigmas complementares: o físico (1945 a meados da década de 70) relacionado às origens sistêmicas da CI e às primeiras soluções de RI ancoradas em modelos de comunicação e eficiência; o cognitivo (1980 até meados da década de 90), que desloca o foco para o sujeito, a relevância e as necessidades informacionais; e o social, que evidencia que informação, representação e recuperação são práticas situadas em domínios de conhecimento, instituições e valores. Para Smit (2012, p. 90), “O paradigma físico priorizou o objeto, o paradigma cognitivo enfatizou o sujeito, e o paradigma social enxerga o sujeito, contextualizado, em sua relação com o objeto-informação.”

A informação enquanto objeto da Ciência da Informação, possui natureza complexa e polissêmica. Sobre o uso do termo, Pereira (1996) explica que seu uso remonta à Antiguidade e deriva do latim *informare* (dar forma); ao longo do tempo, o termo sofreu sucessivas reinterpretações, sendo “[...] confundido frequentemente com comunicação, outras tantas com dado, em menor intensidade com instrução, mais recentemente, com conhecimento” (Pereira, 1996, p. 71).

Essa multiplicidade de sentidos evidencia a ambiguidade do termo, que tem gerado diversas abordagens conceituais no campo informacional. No sentido de esclarecer esta polissemia, Buckland (1991) propôs três perspectivas complementares para compreender o fenômeno informacional: “informação como coisa”, referente aos objetos ou documentos que contêm informação; “informação como processo”, relacionada ao ato de comunicar e dar significado aos dados; e “informação como conhecimento”, associada à transformação cognitiva resultante do contato com o conteúdo informacional.

Nessa mesma direção, Le Coadic (1996) aprofunda a compreensão da informação como fenômeno mediado por signos, destacando que sua existência depende da relação estabelecida entre emissor e receptor. Segundo o autor,

Informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal, pontuação (Le Coadic, 1996, p. 5).

Essa perspectiva apresentada por Le Coadic (1996) amplia o entendimento da informação como fenômeno dinâmico e relacional, cuja existência depende da mediação entre sujeitos, signos e contextos. Ao reconhecer a informação como construção simbólica e socialmente situada, abrem-se caminhos para compreender os processos de sua organização e representação, que constituem o cerne da atuação da Ciência da Informação.

Nesse âmbito, destaca-se a Organização do Conhecimento (OC), subárea voltada à investigação dos princípios, métodos e instrumentos empregados para estruturar e interligar o conhecimento registrado. Segundo Hjørland (2008, p. 86),

A Organização do Conhecimento é o campo preocupado com a organização de documentos, representações, conceitos e do conhecimento em geral, concentrando-se nos princípios e métodos de classificar, indexar e representar os domínios do saber (Tradução nossa).

Como observa Dahlberg (1978), organizar o conhecimento implica estruturar conceitos de forma sistemática, mas sempre a partir de uma visão de mundo. Olson (2002) acrescenta que todo sistema classificatório reflete uma política de representação, tornando inevitável o questionamento sobre quem define as categorias e com que autoridade. Essa reflexão é central quando tratamos de acervos que expressam identidades culturais e de gênero.

A partir da década de 1990, a CI passou a incorporar abordagens que consideram a informação como construção social. Frohmann (2008) é um dos estudiosos responsáveis por trazer uma abordagem filosófica à Ciência da Informação, deslocando o foco da informação como uma entidade abstrata para as práticas documentárias concretas. O autor critica as perspectivas que entendem a informação como algo técnico e as que acreditam que a informação seja algo processado individualmente pela mente. Para Frohmann (2008), o documento nomeia a materialidade da informação, e são as práticas documentárias que, operando em redes de poder e instituições, causam impacto social e político.

Ao compreender a informação como um fenômeno social e discursivo, essa perspectiva oferece subsídios analíticos para abordagens críticas do Tratamento e da Representação Temática da Informação, particularmente em estudos voltados à linguagem e à cultura como a Literatura de Cordel.

2.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Na sociedade contemporânea, o acesso à informação ocupa posição central na promoção da formação cidadã. A Ciência da Informação, enquanto área do conhecimento que tem a informação como seu objeto de estudo, dedica-se a compreender e operacionalizar os processos que viabilizam esse acesso. Nessa direção, Santos (2016, p. 21) observa que tal operacionalização envolve um “[...] conjunto de tarefas de armazenamento, organização e representação [da informação] para que seja possível a sua recuperação”. Trata-se de atividades e processos técnicos orientados à mediação entre a informação registrada e seu uso pelos usuários.

O termo “representação”, contudo, remete a múltiplos sentidos, o que pode gerar ambiguidades em razão de sua polissemia e de seu uso em distintos contextos. Nessa direção, Toutain (2007, p. 91) assinala que “O termo ‘representação’, relacionado com o mundo cognitivo, pode ser analisado e interpretado de diferentes maneiras. Trata-se de uma habilidade inata; consiste em perceber, descrever, gravar e interpretar uma informação.” A partir dessa perspectiva, compreende-se que a representação ultrapassa uma dimensão meramente técnica, envolvendo processos cognitivos que orientam a percepção e a interpretação da informação. No contexto da Ciência da Informação, tais processos são sistematizados por meio de procedimentos e instrumentos que buscam traduzir o conteúdo dos documentos em formas representacionais capazes de favorecer sua organização, recuperação e uso.

No âmbito da Documentação, Kobashi (1996, p. 11) explica que

[...] o termo "representação" é um conceito pré-teórico, associado, de um lado, à descrição de aspectos que identifiquem materialmente os documentos (catalogação) e, de outro, ao processo e ao produto da condensação de conteúdos de textos, ou seja, à indexação e à elaboração de resumos (processos) e aos próprios índices e resumos (produtos).

Nessa perspectiva, Novellino (1996, p. 38) pontua que “A principal característica do processo de representação da informação é a substituição de uma entidade linguística longa e complexa - o texto do documento - por sua descrição abreviada.” Esse movimento de ‘sumarização’ da informação consiste em expressar de forma sintética os elementos essenciais do conteúdo documental, com vistas a favorecer sua recuperação em sistemas de informação.

Em continuidade à argumentação, Novellino (1996, p. 38) assinala que o processo de representação da informação estrutura-se em duas etapas: “1) análise de assunto de um documento e a colocação do resultado desta análise numa expressão linguística; 2) atribuição de conceitos ao documento analisado.” Para a realização desses processos, empregam-se linguagens documentárias, que atuam como instrumentos de padronização da indexação e de comunicação, assegurando a consistência representacional e o compartilhamento de um vocabulário comum entre indexadores e usuários.

A organização de um objeto informacional envolve, necessariamente, dois tipos de descrição: a física e a de conteúdo. Conforme Guimarães (2009), essa distinção corresponde a duas dimensões do objeto informacional — o acesso físico aos documentos e o acesso ao conteúdo informacional — que orientam os processos de organização e representação da informação. Nessa perspectiva, Bräscher e Café (2008, p. 5) complementam que “O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.”

Nesse sentido, Guimarães (2009) compreende a organização da informação como um conjunto de procedimentos voltados ao conhecimento socialmente produzido, cujos parâmetros variam conforme os contextos e os objetivos que orientam sua organização. O autor acrescenta que os conteúdos informacionais assumem caráter estratégico em bibliotecas, arquivos e museus, na medida em que contribuem para a agregação de valor ao conhecimento registrado.

Diante desse cenário, observa-se que os processos voltados à análise e à representação dos conteúdos informacionais configuram um conjunto de procedimentos técnicos e intelectuais centrais à Organização da Informação. Ao longo do desenvolvimento da área, tais procedimentos passaram a ser designados por diferentes denominações, refletindo abordagens, enfoques e tradições teóricas

diversas. Nesse sentido, Café e Sales (2010) apontam as seguintes denominações para a descrição do assunto: Análise Documentária, Análise Temática, Análise de Assunto, Descrição de Conteúdo, Tratamento Temático da Informação e Representação Temática da Informação.

Entre essas denominações, este estudo adota a perspectiva da Representação Temática da Informação, a qual será apresentada e discutida a seguir.

2.2 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO: PROCESSOS, INSTRUMENTOS E PRODUTOS

As práticas relacionadas à organização e à representação de conteúdos informacionais remontam à Antiguidade. Kobashi (1996) destaca que, já nesse período, eram adotados procedimentos de síntese do conteúdo com o objetivo de tornar a informação acessível sem a necessidade de consulta direta ao documento original. Exemplificam essas práticas os envelopes de argila utilizados na Mesopotâmia, que registravam informações resumidas sobre o conteúdo das tábuas, e, posteriormente, na Idade Média, os papiros organizados e sintetizados pelos monges copistas, visando facilitar a consulta e a recuperação da informação.

Nesse sentido, Guimarães (2003) explica que tais práticas eram realizadas de forma predominantemente intuitiva, fundamentadas no uso do bom senso para identificar o conteúdo dos documentos e atribuir-lhes denominações representativas. Assim, essas experiências iniciais podem ser compreendidas como uma primeira concepção do que viria a se constituir mais tarde como a disciplina de Análise Documentária.

A partir do século XIX, com o impacto da Revolução Industrial e da produção documental em larga escala, as práticas de organização e representação da informação passam a adquirir um caráter progressivamente técnico e operacional. Nessa direção, Guimarães (2003, p. 105) assinala que essas práticas assumem uma dimensão mais pragmática, sendo compreendidas como resultado da aplicação de “[...] um conjunto de técnicas, receitas ou regras previamente estabelecidas”. Como marcos exemplares desse pragmatismo, o autor menciona o surgimento da Classificação Decimal de Dewey (CDD), em 1876, bem como as regras de Cutter (1876) e a Classificação Decimal Universal, formulada por Otlet e La Fontaine (1895).

A busca por fundamentação metodológica e teórica no campo intensifica-se no período pós-Segunda Guerra Mundial, impulsionada pela explosão documental e, conforme Kobashi (1996, p. 6) “[...] pelos experimentos automáticos de indexação, elaboração de resumos e recuperação de informações.”

Conforme analisa Kobashi (1996, p. 6-7), no desenvolvimento da Análise Documentária observa-se uma aproximação significativa com a Linguística Aplicada, devido “[...] inicialmente pelas semelhanças existentes entre os processos documentários e a tradução automática, ressalvadas, evidentemente, as especificidades de cada uma delas.” Nessa vertente, destaca-se a influência do arqueólogo francês Jean-Claude Gardin, responsável por contribuições fundamentais para “[...] a criação das bases fundantes de uma teoria específica sobre os processos documentários e a terminologia adotada pela Ciência da Informação de orientação francesa.” (Kobashi, 1996, p. 7).

Ainda sobre Gardin, Kobashi (1996) ressalta que, entre suas contribuições, destaca-se como principal a proposição de um modelo de linguagem documentária no qual ele afirma que “[...] toda linguagem documentária é constituída por um conjunto de termos (o léxico), por relações entre as unidades lexicais, determinadas a priori (o eixo paradigmático) e por uma sintaxe que articula os encadeamentos entre os termos da linguagem (o eixo sintagmático)”.

Nesse sentido, a linguagem documentária é compreendida como um sistema estruturado de produção de sentido, e não como um simples conjunto de termos isolados. Tal sistema organiza-se em três dimensões articuladas: o léxico, correspondente ao repertório de termos empregados na representação dos conteúdos; o eixo paradigmático, que abrange as relações de sentido estabelecidas entre esses termos — como hierarquia, associação e equivalência — previamente definidas no interior do sistema; e o eixo sintagmático, responsável pelas regras de combinação e encadeamento dos termos na formulação das representações. Dessa forma, a linguagem documentária configura-se como uma estrutura organizada de significados, na qual termos, relações e formas de articulação atuam conjuntamente na construção da representação temática da informação.

Nessa direção, as linguagens documentárias podem ser compreendidas como instrumentos formais criados para representar, de maneira controlada e precisa, os temas identificados na análise de conteúdo. Conforme Cintra *et al.* (1994, p. 23), trata-

se de linguagens “[...] construídas para indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistema de símbolos, destinadas a ‘traduzir’ os conteúdos dos documentos.” Essas linguagens são elaboradas para converter a linguagem natural em termos organizados segundo regras explícitas, de modo a favorecer a consistência da indexação e a eficácia da recuperação da informação.

Essa necessidade de controle e organização terminológica não é apenas teórica, mas decorre das próprias condições de atuação da Documentação. A organização e a representação da informação realizam-se em contextos marcados por grandes volumes de textos, diversidade temática e demandas constantes por atualidade e pertinência da informação. Nesse cenário, os processos documentários precisam garantir resultados rápidos, consistentes e eficazes, o que impõe a adoção de princípios e mecanismos que tornem possível tratar a informação de forma sistemática e padronizada. (Kobashi, 1996).

No interior dessas condições operacionais, a elaboração de informações documentárias materializa-se por meio de um conjunto de operações que mediam a passagem do texto original para sua forma representada. Kobashi (1996) sistematiza esse processo em três fases fundamentais: a leitura do texto, a seleção do conteúdo informacional pertinente e a representação das informações selecionadas de modo a torná-las manipuláveis.

Para explicitar o alcance dessas operações, Guimarães (2003) ressalta que a Análise Documentária congrega dois conceitos fundamentais — análise e documento —, sendo a análise compreendida como decomposição do todo em partes para conhecer seus elementos característicos; quanto ao documento, o autor apresenta concepções que o definem, entre outros aspectos, como meio de prova, materialização de um fato, suporte ou registro de informação e base para geração de novos conhecimentos (Guimarães, 2003).

Esses processos e conceitos inserem-se no campo mais amplo da Organização do Conhecimento (OC), subárea da Ciência da Informação dedicada a estruturar e relacionar documentos e conceitos. Para Hjørland (2008, p. 87):

[...] a Organização do Conhecimento (OC) diz respeito a atividades como a descrição de documentos, a indexação e a classificação realizadas em bibliotecas, bases de dados bibliográficas, arquivos e outros tipos de ‘instituições de memória’. [...] Enquanto campo de estudo, a OC ocupa-se da natureza e da qualidade desses processos de organização do conhecimento,

bem como dos sistemas de organização do conhecimento utilizados para organizar documentos, representações documentais, obras e conceitos.

A partir dessa concepção, compreende-se que a Organização do Conhecimento não se restringe à aplicação de técnicas isoladas, mas envolve uma reflexão crítica sobre os processos e os instrumentos utilizados para representar documentos e conceitos. Ao enfatizar a natureza e a qualidade desses processos, Hjørland (2008) destaca o caráter teórico e metodológico da área, aspecto fundamental para compreender a Representação Temática da Informação como uma atividade que articula análise conceitual, linguagem e contexto.

A Representação Temática da Informação (RTI) situa-se nesse contexto ao concentrar os processos voltados à identificação, análise e expressão dos temas presentes nos documentos. Enquanto a Organização do Conhecimento estabelece os princípios gerais para estruturar e relacionar conceitos, a RTI operacionaliza tais princípios por meio do Tratamento Temático da Informação (TTI), que envolve atividades de análise de assunto, determinação de conceitos e sua tradução para linguagens documentárias.

Segundo Rabelo e Pinto (2019, p. 70-71), a Representação Temática da Informação estrutura-se em cinco frentes de atuação, que delineiam seus principais eixos de desenvolvimento.

a) busca estratégias para a construção dos chamados instrumentos de indexação, como é o caso dos vocabulários controlados, sistemas de classificação, tesouros, ontologias, entre outros; b) volta-se para as ações de indicação dos indícios que possam apontar para a recuperação do documento que contém a informação buscada; c) possibilita instrumentos para a preservação das memórias históricas e socioculturais dos vários saberes; d) contribui para a estruturação de metadados de preservação digital visando à recuperação da informação a longo termo; e) surge como instrumento de base para as pesquisas e os estudos sobre Arquitetura da Informação e mineração de dados, sendo aplicado a qualquer área do conhecimento, o que possibilita estudos interdisciplinares e contribuições ricas para outros campos. (Rabelo; Pinto, 2019, p. 70-71)

Entretanto, a literatura da Biblioteconomia e da Ciência da Informação registra diferentes denominações para os processos representacionais de conteúdo, como: Representação Temática da Informação (TTI); Análise Documentária; Indexação; Análise de Assunto; Representação da Informação. Algumas são tidas como sinônimas, outras correlacionadas ou mesmo como propostas independentes (Lage; Moura; Lunardelli, 2024). O uso de diferentes expressões representa um sinal de

alerta, pois quando não conceituadas e contextualizadas podem trazer implicações, como dispersões e dificuldades no acesso.

O emprego de diferentes nomenclaturas foi evidenciado por Guimarães (2009) quando menciona que a literatura acerca da Organização da Informação e do Conhecimento é norteadada por três vertentes teóricas: a primeira de matriz norte-americana denominada Catalogação de assunto (*subject cataloguing*); a segunda de matriz inglesa denominada Indexação (*indexing*) e a terceira de matriz francesa chamada de Análise documental (*Analyse documentaire*) (Lage; Moura; Lunardelli, 2024). Para melhor compreensão são demonstradas no quadro a seguir as principais características das três vertentes teóricas.

Quadro 1 - As vertentes teóricas do TTI e suas características

Vertentes teóricas	Características
Matriz norte-americana Catalogação de assuntos (<i>Subject cataloguing</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • A partir do final do século XIX; • Refere-se a uma área mais pragmática, focada no desenvolvimento de produtos por meio do TTI; • Geração de produtos para bibliotecas como listas de cabeçalho e catálogos.
Matriz inglesa Indexação (<i>indexing</i>);	<ul style="list-style-type: none"> • A partir de meados do século XX; • Uso de linguagens documentais, para a representação dos assuntos; • Desenvolvimento de instrumentos utilizados no TTI, para a recuperação da informação; • Centrada nos instrumentos e produtos de TTI.
Matriz francesa Análise documental (<i>Analyse documentaire</i>);	<ul style="list-style-type: none"> • A partir da década de 1960; • Atividade interdisciplinar; • Centrada no desenvolvimento de referenciais teórico-metodológicos para os procedimentos envolvidos no TTI; • Representar e auxiliar no processo de geração de produtos; • Procedimentos de análise e representação do conteúdo informacional de documentos, para a busca e recuperação.

Fonte: a própria autora, com base em Lage; Moura; Lunardelli (2023, p.5).

De acordo com o quadro acima, o uso de “Catalogação de assunto” tem origem em uma corrente norte-americana, voltada para uma área mais pragmática, focada no desenvolvimento de produtos para bibliotecas, como listas de cabeçalho e catálogos.

A vertente inglesa conceitua Indexação como “[...] um processo intelectual que envolve atividades cognitivas na compreensão do texto e a composição da representação do documento” (Lima, 2003, p. 83). A indexação concentra-se na elaboração de instrumentos. Para Guinchat e Menou (1994, p. 31) “A indexação é uma forma de descrição mais aprofundada e consiste em determinar os conceitos expressos em um documento, em função de sua importância para o sistema [...].”

A corrente teórica da Análise Documental (AD), de matriz francesa, “[...] reconhece a existência de um conjunto de operações, focadas no desenvolvimento de referenciais teóricos-metodológicos para os procedimentos envolvidos no TTI.” (Lage; Moura; Lunardelli, 2024, p. 7).

De modo geral, ainda que se diferenciem quanto ao foco (produtos, instrumentos ou processos), as três vertentes convergem para um objetivo comum: favorecer a recuperação informacional, condição central para a circulação social do conhecimento e para o acesso a objetos informacionais em contextos institucionais diversos.

No âmbito do Tratamento da Informação, Dias e Naves (2007, p. 15) esclarecem que:

[...] o termo indexação possui dois sentidos: um, mais amplo, quando se refere à atividade de criar índices, seja de autor, título, assunto, tanto de publicações (livros, periódicos), quanto de catálogos ou banco de dados, em bibliotecas ou centros de informação. O outro sentido, mais restrito, se refere apenas à indexação ou catalogação de assuntos das informações contidas em documentos.

Essa distinção permite compreender que, no escopo desta pesquisa, a indexação é considerada em seu sentido restrito, diretamente vinculada à determinação e representação temática dos conteúdos.

Para que os processos de análise e representação se tornem consistentes e recuperáveis, faz-se necessária a utilização de instrumentos específicos, responsáveis por estruturar, controlar e padronizar os termos empregados na representação temática.

Entre esses instrumentos destacam-se as linguagens documentárias, os vocabulários controlados, os sistemas de classificação e os tesauros, construídos para estruturar e padronizar a representação temática dos documentos (Cintra *et al.*, 1994; Guimarães, 2003). Mais recentemente, observa-se a incorporação de

ontologias no âmbito dos sistemas digitais de organização do conhecimento (Rabelo; Pinto, 2019). Tais instrumentos atuam como mediações entre o conteúdo analisado e os sistemas de recuperação, garantindo consistência terminológica e estabilidade conceitual no processo de representação temática.

A aplicação dos processos e instrumentos da Representação Temática da Informação concretiza-se na geração de produtos documentários, entendidos como o resultado das operações de análise e representação realizadas sobre os documentos. Conforme assinala Kobashi (1996), a informação documentária constitui uma construção resultante dessas operações, materializando-se em registros que possibilitam sua manipulação e recuperação nos sistemas informacionais. Entre esses produtos destacam-se os catálogos, índices, bases de dados e registros bibliográficos, nos quais os conteúdos são formalmente expressos por meio de descritores, cabeçalhos ou notações classificatórias. Tais produtos configuram-se como mediações entre o documento original e o usuário, viabilizando o acesso ao conteúdo informacional sem a necessidade de consulta direta ao texto integral.

2.2.1 ANÁLISE DE ASSUNTO

No campo do Tratamento da Informação, Dias e Naves (2007) distinguem dois macroprocessos fundamentais: a descrição física e a descrição temática. A descrição física volta-se à identificação dos elementos extrínsecos do documento, como autoria, título, edição e dados de publicação, enquanto a descrição temática se dedica à identificação e expressão dos elementos intrínsecos, isto é, do conteúdo informacional. Nesse sentido, Cordeiro (2018, p. 13) esclarece que se trata da “[...] atribuição de seus assuntos-núcleo (assuntos fundamentais/principais), que constituirão os pontos de acesso temático para sua recuperação em catálogos, índices e outras fontes.”

No desdobramento dessa distinção, os autores situam a análise de assunto no interior da descrição temática, entendendo-a como a etapa responsável pela leitura orientada do documento e pela identificação dos conceitos que estruturam seu conteúdo. Antes que o documento seja representado por meio de descritores, cabeçalhos ou termos controlados, é preciso determinar quais temas são relevantes e quais conceitos sintetizam o conteúdo informacional.

Diante desse cenário, torna-se fundamental aprofundar a compreensão da análise de assunto enquanto operação central da descrição temática, explicitando seus fundamentos conceituais e seus desdobramentos metodológicos.

No âmbito da Ciência da Informação, o termo Análise de Assunto apresenta variações terminológicas na literatura especializada. Conforme observa Fujita (2003, p. 68) essa atividade assume diferentes designações, como “[...] Análise temática, Análise documentária, Análise conceitual, ou mesmo Análise de conteúdo.”

A análise de assunto constitui o núcleo intelectual do Tratamento Temático da Informação, uma vez que envolve a identificação sistemática dos conteúdos presentes nos documentos. Dias e Naves (2007, p. 6) a definem como um “[...] conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação.”

Ao discutirem esse processo, os autores assinalam que a passagem do texto original para sua forma representada configura-se como uma operação semântica, atravessada pelas escolhas do analista e pelas diretrizes da instituição. A análise de assunto, portanto, não se reduz à simples atribuição de termos nem ocorre de maneira neutra ou automática, mas envolve um processo interpretativo orientado por critérios, no qual a compreensão do texto precede sua formalização em linguagem de indexação. Trata-se de uma atividade que articula leitura, seleção e organização conceitual, exigindo do analista domínio temático e atenção às especificidades do documento (Dias; Naves, 2007).

A leitura, no contexto da descrição temática, não se realiza de forma casual, mas assume caráter técnico e orientado. Dias e Naves (2007) denominam esse exame de leitura técnica, destacando que seu objetivo é identificar o assunto ou os assuntos que estruturam o conteúdo informacional. Trata-se da etapa inicial da análise de assunto, antecedendo a extração e a seleção de conceitos que, posteriormente, serão formalizados por meio de linguagens de indexação.

Guimarães (2003, p. 112-113) sistematiza a análise documentária em dois momentos fundamentais:

Etapa analítica:

– Leitura técnica do documento, em que o documentalista adentra na estrutura do documento, buscando tomar contato com as partes que revelem maior conteúdo temático valendo-se, para tanto, de um conjunto de estratégias metacognitivas;

– Identificação de conceitos: uma vez identificadas as partes mais significativas tematicamente, aplica-se ao documento um conjunto de categorias conceituais, visando à construção de enunciados de assunto.

Etapa sintética:

– Seleção de conceitos: os enunciados de assunto são, então, categorizados em principais, secundários e periféricos, e ordenados logicamente, tendo como parâmetros a estrutura, a função e os usos (tipo de busca informacional a que se presta o documento).

– Condensação documentária: redução do documento original a um micro-documento (resumos), e

– Representação documentária: tradução do conteúdo temático do documento em linguagem de indexação, representando-o por meio de índices. (Guimarães, 2003, p. 112-113)

Na sistematização proposta por Guimarães (2003), a Análise Documentária é tratada como processo articulado entre decomposição e formalização conceitual. Na etapa analítica, a leitura técnica é responsável por identificar o tema e determinar os conceitos. Por sua vez, na etapa sintética, há a organização, a seleção e a tradução desses conceitos em formas representacionais responsáveis pela recuperação do documento.

Nessa mesma direção, Fujita (2003) afirma que a análise de assunto integra o estágio analítico do processo de indexação, no qual se realizam a compreensão do conteúdo, a identificação e a seleção de conceitos, seguidas de um estágio posterior de tradução desses conceitos para a linguagem de indexação. A autora destaca que tais momentos se sobrepõem durante a leitura documentária, configurando um processo dinâmico e interpretativo, orientado simultaneamente pelo conteúdo do documento e pela demanda informacional do sistema. Assim, a identificação de conceitos constitui operação intelectual central da análise de assunto, exigindo domínio temático e competência interpretativa.

Segundo Dahlberg (1978), o conceito constitui uma unidade de conhecimento formada pela síntese de características atribuídas a um referente, sendo expresso por meio de um termo. Nessa perspectiva, o conceito não deve ser confundido com a palavra que o designa, pois enquanto o termo corresponde à forma linguística utilizada para sua expressão, o conceito refere-se ao conteúdo semântico estruturado que resulta de um processo de abstração e delimitação. Tal distinção é fundamental para a análise de assunto, uma vez que a identificação de conceitos não implica a simples extração de palavras do texto, mas a apreensão das unidades significativas que estruturam seu conteúdo informacional.

A partir dessas bases conceituais, torna-se necessário discutir os procedimentos metodológicos empregados para a identificação e extração de conceitos no âmbito da Análise de Assunto. A literatura da área apresenta diferentes estratégias para essa operação, que variam desde abordagens estruturadas por categorias e facetas até métodos baseados em questionamentos sistemáticos aplicados ao texto. Tais procedimentos visam orientar a leitura técnica, permitindo ao analista distinguir os elementos nucleares do conteúdo daqueles de caráter acessório, de modo a construir enunciados de assunto coerentes e representativos.

2.2.1.1 Identificação e extração de conceitos

A identificação de conceitos constitui desdobramento da leitura técnica no âmbito da análise de assunto. É a partir da compreensão do conteúdo do documento que o analista reconhece as unidades conceituais que estruturam seu tema. Conforme discutido por Fujita (2003), os Princípios de Indexação, formulados pelo *World Information System for Science and Technology* (UNISIST) em 1981, estabelecem diretrizes internacionais para a análise de documentos. O documento recomenda que a identificação de conceitos siga um esquema de categorias reconhecidas no domínio temático, como fenômeno, processo e propriedades. Essa orientação dialoga com a tradição da análise facetada proposta por Ranganathan. Nessa perspectiva, o conteúdo pode ser decomposto em dimensões conceituais fundamentais. O uso de categorias fornece ao indexador um referencial para a leitura técnica e contribui para organizar a extração conceitual de forma mais consistente.

Além da orientação por categorias, a literatura indica o uso de questionamentos sistemáticos durante a leitura documentária. Fujita (2003) destaca que a identificação de conceitos não ocorre de forma intuitiva, mas exige um exame dirigido do texto. O indexador deve examinar o documento buscando explicitar seu foco temático e suas condições de abordagem. Esse procedimento contribui para delimitar o núcleo temático e distinguir elementos principais de conteúdos acessórios. A leitura, nesse sentido, torna-se um processo analítico estruturado e consciente.

Outra estratégia metodológica para a identificação de conceitos baseia-se na análise da estrutura temática do texto. Conforme apresentado por Tálamo (1987 *apud* Fujita, 2003, p. 77),

[...] o processo de indexação consiste em identificar o tema de um documento por meio de um mecanismo de perguntas e respostas agrupadas por generalidades e que respondem a cada uma das seguintes questões fundamentais: Quem? (ser), O que? (tema), Como? (modo), Onde? (lugar) e Quando? (tempo). [...] identificando essa estrutura temática encontra-se o objetivo principal do texto, isto é, as informações relevantes separando-as das acessórias.

Para além dos métodos operacionais, Fujita (2003) discute a problemática da tematicidade (*aboutness*) como critério orientador da determinação do assunto. Nessa perspectiva, a identificação do assunto não se limita à extração de termos presentes no texto, mas envolve a compreensão de seu núcleo informacional. A análise busca explicitar aquilo de que o documento trata essencialmente, distinguindo o foco central de elementos periféricos. A determinação do assunto configura-se, assim, como etapa interpretativa que antecede e fundamenta a seleção formal de termos de indexação.

No plano normativo, a análise de assunto é tratada como etapa estruturada do processo de indexação. A ISO 5963 (1985), embora não mais vigente, estabeleceu métodos para examinar documentos, determinar seus assuntos e selecionar termos, influenciando diretrizes posteriores. No contexto brasileiro, a NBR 12.676 (ABNT, 1992) organiza o processo em fases distintas, como identificação de conceitos e posterior tradução desses conceitos em termos de indexação. Essas diretrizes reforçam a necessidade de distinguir a etapa de análise conceitual da posterior representação formal em linguagem de indexação.

2.2.1.2 Seleção e organização dos conceitos

Após a identificação dos conceitos, a análise de assunto prossegue com a etapa de seleção e organização conceitual. Dias e Naves (2007) ressaltam que a descrição temática não se limita ao reconhecimento dos conteúdos presentes no documento, mas à escolha daqueles que melhor o representam para fins de recuperação da informação. A seleção implica, portanto, um processo de síntese, no qual o analista avalia a relevância e a representatividade dos conceitos identificados.

Na sistematização proposta por Guimarães (2003), essa etapa integra o momento sintético da Análise Documentária. Após a leitura técnica e a identificação dos conceitos, os enunciados de assunto são organizados segundo sua centralidade temática, podendo assumir caráter principal, secundário ou periférico. A seleção

envolve, assim, a hierarquização e a ordenação lógica do conteúdo, considerando a estrutura do documento e sua função informacional.

Em consonância com essa perspectiva, Fujita (2003) afirma que a identificação e a seleção de conceitos integram o estágio analítico do processo de indexação e tendem a se sobrepor durante a leitura documentária. A autora destaca que a seleção não é operação neutra, mas resulta de decisões interpretativas orientadas pelo conteúdo do documento e pelas finalidades do sistema de informação. A organização conceitual, nesse contexto, constitui etapa fundamental para a posterior formalização dos conceitos em linguagem de indexação.

No âmbito dessa organização conceitual, uma das estratégias possíveis de sistematização consiste na articulação de conceitos em campos semânticos. A noção de campo semântico, desenvolvida nos estudos linguísticos, parte do pressuposto de que os sentidos não se constituem de forma isolada, mas se organizam em redes de significação, definidas por relações de associação e oposição entre unidades lexicais. Conforme apresentado por Vanoye (1991 *apud* Henriques, 2018, p. 78),

CAMPO SEMÂNTICO: conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado, que tem o objetivo de definir os empregos da palavra e fazer o levantamento dos termos aos quais ela se associa ou se opõe. É o mesmo que chamamos de Campo Conceitual.

No contexto da Ciência da Informação, essa perspectiva permite compreender que os conceitos identificados na análise de assunto podem ser organizados segundo redes de proximidade e distinção semântica, favorecendo uma representação temática relacional e estruturada. Tal compreensão dialoga com a concepção de conceito como unidade relacional proposta por Dahlberg (1978) e com a ideia de sistemas de organização do conhecimento como redes conceituais, destacada por Hjørland (2008), evidenciando que a significação emerge das relações estabelecidas no interior de um domínio.

A partir dos fundamentos apresentados, torna-se necessário compreender o objeto informacional que será submetido a esses procedimentos analíticos. Assim, o capítulo seguinte dedica-se à contextualização histórica e sociocultural da literatura, com ênfase na Literatura de Cordel e na construção do universo feminino em seus folhetos.

3 LITERATURA : ASPECTOS HISTÓRICOS

Para compreender o corpus analisado nesta pesquisa, é fundamental situá-lo no campo dos estudos literários, considerando as transformações históricas e conceituais que marcaram a noção de Literatura ao longo do tempo.

A Literatura, segundo Candido (2023), pode ser entendida como uma construção cultural com estrutura e significado, que tem a função de expressar, por meio da criação artística, tanto as emoções quanto as mais diversas visões de mundo individuais e coletivas, constituindo-se, por isso, como uma forma de conhecimento.

Ao longo da história, o conceito de Literatura sofreu variações condicionadas por visões de mundo de diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Nesse sentido, a análise da criação literária tem como ponto de partida a compreensão de que se trata de um fenômeno histórico e cultural (Abreu, 2008).

Na tradição ocidental, as primeiras reflexões sistemáticas sobre literatura remontam à Grécia antiga, com destaque para os filósofos Platão e Aristóteles. Enquanto Platão compreendia a poesia como *mimese* — imitação das emoções humanas e, portanto, uma forma de afastamento da verdade —, Aristóteles atribuiu à literatura valor positivo, ao defender sua função catártica, isto é, a purificação das emoções. A *mimese* é definida como “[...] propriedade das obras literárias capazes de reproduzir e representar o mundo circundante e o comportamento das pessoas” (Zilberman, 2012, p. 16).

No contexto grego, a literatura era vivenciada como parte essencial da vida pública, estando presente em praças, teatros e templos, cumprindo diferentes papéis.

Aos olhos de hoje, a literatura deles (gregos) parece uma atividade fundamentalmente integrada à vida grega. Forma de exprimir sentimentos coletivos, forma de comunicação com os deuses, forma de purificação (pela expressão) das grandes emoções, a literatura grega, mais do que frios textos escritos, era entrelaçada à vida pública e coletiva da Grécia. (Lajolo, 1988, p. 55)

Essa observação só foi possível devido ao desenvolvimento das pesquisas no campo. A Teoria da Literatura, entendida como o “[...] conjunto de princípios gerais e sistemáticos que visam à compreensão e explicação técnica da literatura”, (Cardoso Filho, 2011, p. 9), buscava sobretudo ordenar e classificar essas expressões intrínsecas do próprio texto literário. Contudo, como lembra Paiva (2023), ao entender que o indivíduo deveria ser considerado resultado do entroncamento do seu contexto

histórico, de seu meio ambiente e de sua raça, uma escola de estudiosos viria a desenvolver a Sociologia da Literatura, trazendo outras perspectivas de estudo. (Zilberman, 2012). “Estas duas tendências, surgiram e tomaram forma devido ao entendimento dos seus usuários, e utilizavam-se de concepções importadas da Psicanálise, Antropologia e da Linguística para formular suas investigações.” (Paiva, 2023, p. 38).

Considerando a importância das questões de ordem histórica no esforço de compreensão da História da Literatura (Zilberman, 2012), observamos que, embora a tradição grega tenha deixado registros importantes, o uso da linguagem literária para atribuir sentido à vida esteve presente em todos os povos. Com a incorporação do território grego pelo Império Romano, a cultura grega foi amplamente difundida por meio de uma política expansionista.

Com o processo de cristianização, o conceito de literatura passou a considerar diversas formas de expressão, especialmente por meio da oralidade, da música e da poesia, assumindo novas funções tanto na vida individual quanto na coletividade. Autores como Ong (1998) classificam essas manifestações de oralidade, distinguindo-as entre: “oralidade primária” e “oralidade secundária”. Entre os pesquisadores brasileiros, Cascudo (1994, p.10) ressalta a exuberância das manifestações históricas da Literatura Oral, “[...] mantida através de séculos, independentemente do ambiente letrado oficial e de todas as coerções do ensino ritual e administrativo”. Conhecer a oralidade, observa Paiva (2023), permite compreender a escrita.

A partir desse processo, a literatura tornou-se importante instrumento de propagação dos ideais cristãos. Na Idade Média, uma parte da produção literária foi financiada através da prática do mecenato, quando um homem de muitas posses encomendava a um artista uma obra. Lajolo (1988, p. 66) explica que “Sem dúvida, esta forma de produção marcou fortemente a literatura, imprimindo nela o selo de atividade de luxo, e no poeta a marca de cidadão ocioso [...]”. O mecenato influenciou, assim, a ideia de uma prática literária elitizada, destinada a um público específico.

Dessa maneira, as canções trovadorescas e as novelas de cavalarias costumavam representar o ponto de vista aristocrático e cortesão. As mazelas vividas pela maioria dos servos, como a servidão e o autoritarismo eclesiástico, eram silenciadas. Contudo, ainda que em poucos registros, houve momentos em que o discurso oficial sofria fissuras provocadas pela “[...] malícia e o jogo de cintura do

povinho miúdo" (Lajolo, 1988, p. 60) que conseguiam se infiltrar, permitindo críticas veladas às autoridades.

A partir do século XVIII, com a Revolução Francesa em 1789, o mundo aristocrático ruiu e com ele surgiu uma nova classe social: a burguesia. Com essa classe uma nova cultura e uma nova linguagem se estabeleceram redefinindo “[...] a posição do homem no mundo e a natureza deste mundo” (Lajolo, 1988, p. 68). Nesse contexto, o termo Literatura passou a ser prioritariamente relacionado a textos impressos consumidos por um público escolarizado, demarcando, assim, sua associação a um determinado nível de instrução e a um conjunto específico de obras.

Deste modo, o conceito de literatura passou a designar, dependendo do uso, ora a totalidade de textos, ora apenas as obras de arte reconhecidas pelas camadas ilustradas como peças literárias (Steger, 1987). No que diz respeito à sua categoria, até o século XVIII, o termo se referia à arte de escrever e à cultura letrada, a partir da segunda metade do século o termo passou a designar sobretudo “[...] o produto da atividade do homem de letras [...]” (Souza, 2007, p. 45).

No que tange à história das práticas literárias, a princípio, o mundo burguês foi revestido de ideais românticos e liberais, que provocaram transformações na sua produção. Comparada à concepção clássica, portanto, a literatura romântica passou por um significativo processo de democratização. Esta democratização estendeu-se ao próprio objeto literário: a produção manuscrita em poucos exemplares dispendiosos cedeu lugar ao jornal, um veículo democrático; e posteriormente ao livro de bolso, às publicações em fascículos e outras formas acessíveis.

Nos textos românticos, esta liberdade manifesta-se de vários modos: na linguagem adotada, na musicalidade dos ritmos, na desobediência à razão cerceadora das peripécias, na concepção de personagens arrebatadas pela própria fantasia que, transbordando, contagiava leitores e autores. Ambos, por assim dizer, coniventes com as regras do jogo (Lajolo, 2008, p. 69).

O Romantismo, segundo Compagnon (2009), marcou o surgimento da figura do autor como gênio criador e da literatura como expressão do eu — elementos fundamentais para a consolidação da subjetividade moderna. De todo modo, aquela concepção romântica da literatura perdura até os dias atuais. Foi a ideia da literatura como espaço e prática privilegiada de liberdade aos autores que permitiu o “[...] texto assumir, abertamente, a função de denúncia de uma vida social injusta, de reivindicação de uma nova ordem social (Lajolo, 1988, p. 71).

O século XIX foi marcado pela industrialização crescente, pela crença na Ciência como impulsionadora do progresso e pela precarização do proletariado que reivindicava nas ruas por melhores condições de vida. Nessa efervescência social, de embate entre burgueses e proletários nasce uma nova corrente literária chamada Realismo, que pode ser entendida como:

[...] um conceito e uma prática de literatura que se concebem representação do real e que abominam qualquer rastro de deformação deste real pelo sentimento ou imaginação. [...] O que a chamada literatura realista vai propor, então, não consistirá exatamente numa novidade: o que ela inova é, como sempre, o conceito de realidade que instaura, a sensação de 'verdadeiro' (verossímil) que ela quer dar ao leitor, a linguagem que ela usa e como a usa para fazer tudo isso (Lajolo, 1988, p. 79).

No contexto do Realismo literário, a literatura assumiu uma função documental, configurando-se como retrato crítico de uma sociedade percebida como estruturalmente injusta. A fantasia e as dimensões emocionais foram intencionalmente relegadas, por distorcerem a realidade. Neste cenário, Lajolo (1988, p. 80) aponta que “Ao “homem-emoção-e-sentimento” seguiu-se o homem-instintos, o homem-corpo, o homem-orgânico.” O cientificismo do século XIX amparou diversas teorias e influenciou a literatura, contribuindo para reforçar o caráter antirromântico do Realismo, que afetou tanto a prosa como a poesia.

O Parnasianismo, que surgiu ainda em meados do século XIX, defendia um retorno aos tempos clássicos e, ao mesmo tempo, preocupava-se com a estética da linguagem poética, buscando conferir à obra aparência de naturalidade e espontaneidade. Os parnasianos, além da linguagem rebuscada, utilizavam descrições pormenorizadas que eram um convite à imersão no sensorialismo.

As características das fases literárias não se restringem a seus contextos temporais originários, mas transcendem períodos históricos, mantendo relevância na produção literária contemporânea. Paralelamente à dimensão estética, a literatura também comporta significados sociais, os quais serão discutidos a seguir.

3.1 LITERATURA – ASPECTOS SOCIOLÓGICOS

A literatura constitui um sistema vivo de obras que interagem entre si, estabelecendo uma relação dinâmica com os leitores. Desse modo, essa expressão artística só se realiza na medida em que os agentes a movimentam, transformando-a

e reinterpretando seus usos e significados. Em uma perspectiva sociológica, Candido (2006) esclarece que uma obra é composta sempre por três elementos que se inter-relacionam, a saber: a própria obra, o autor e o público. “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.” (Candido, 2006, p. 47). Em seu processo de circulação no tempo, são as dinâmicas do campo literário que configuram a sua realidade. Elemento fundamental da literatura, a criação ficcional ou poética, está presente na cultura, independentemente da formação escolar dos indivíduos, manifestando-se nas mais diversas expressões.

Lajolo (1988, p. 16) explica que “[...] a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social.” Essa relação, contudo, em nossa sociedade capitalista, é mediada por diferentes instâncias, como a do editor, a do distribuidor e a dos livreiros. Nessa dinâmica, a literatura, para além de seu caráter artístico, adquire os contornos de um produto a ser consumido como qualquer outro. Ainda que não se desligue do real, a obra deve ser interpretada como um texto que possui uma linguagem específica “própria de um segmento particular de produção, e esta ocorre considerando dadas regras peculiares ao meio intelectual de onde emerge, ao veículo em que será veiculada e ao público a que se destina.” (Chartier, 1990, p. 62).

Candido (2012, p. 82) ressalta que a literatura como experiência humana possui uma função humanizadora, sendo “[...] algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.” Essa atuação influencia no modo como vemos, sentimos e agimos no mundo, além de auxiliar na forma como nos entendemos enquanto seres humanos e entendemos melhor o outro. Neste sentido, mais uma vez alerta-se para a necessidade de compreender o fenômeno do regionalismo com propriedade, considerando que “[...] região implica uma parte dentro de um todo mais amplo – o país como tal – a arte regionalista *stricto sensu* seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional” (Almeida, 1999, p. 54).

Nessa perspectiva, ressaltamos a necessidade de se pensar a obra a partir das relações do artista com as condições sociais que determinam a sua posição na estrutura da sociedade. Desde a poesia nas sociedades antigas, a análise da literatura aponta para a importância da experiência cotidiana como fonte de inspiração.

Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio. Estas técnicas podem ser imateriais — como o estribilho das canções, destinadas a ferir a atenção e a gravar-se na memória; ou podem associar-se a objetos materiais, como o livro, um instrumento musical, uma tela. (Cândido, 2006, p.42).

Na história da literatura brasileira, observamos uma tensão entre o localismo e o cosmopolitismo. Enquanto a primeira das tendências defende, às vezes de forma violenta, um nacionalismo literário, com aspiração de criar uma linguagem própria e diversa; a segunda segue uma perspectiva conformista de imitação aos cânones europeus. Contudo, em vez de se anular, essas tendências se manifestam de forma dialética, em uma relação dinâmica da cultura local com as influências estrangeiras.

As primeiras manifestações literárias em solo brasileiro seguiram os moldes da tradição literária portuguesa, uma vez que os homens letrados do Brasil-Colônia haviam sido formados em Portugal ou educados ao modo português. A produção intelectual deste período, voltada para o público português, atendia finalidades utilitárias como as de natureza administrativa ou religiosa. A religiosidade foi o eixo estruturante deste período, se fazendo presente na política, nos modos de vida, “[...] não espanta que fosse, igualmente princípio estético e filosófico” (Cândido, 2006, p.101).

Essa realidade foi alterada a partir do século XIX, com a formação dos primeiros escritores genuinamente brasileiros e com a independência política que promoveu um sentimento de rejeição ao que se referia à colônia. Essa dinâmica contribuiu para fortalecer um nacionalismo que encontrou sua expressão literária no movimento denominado Romantismo. Durante o processo de amadurecimento de nossa identidade nacional, “[...] fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de auto-afirmação [...]” (Cândido, 2006, p.117).

O Romantismo (1836-1870) no Brasil se desenvolveu a partir da busca pela superação da influência cultural portuguesa, assim como da tentativa de reconhecimento da singularidade da literatura brasileira. Para Cândido (2014), a produção literária no Brasil, expressa nossa realidade. Por isso, o autor ressalta que se deve valorizá-la e atribuir-lhe significado, pois somente por meio do reconhecimento é que sua mensagem poderá ser plenamente revelada. Mesmo diante de contextos adversos, os escritores empenharam-se em transformar emoções e percepções em linguagem literária.

Posteriormente, o modernismo, que teve como marco a Semana da Arte Moderna (1922), foi o catalisador de uma nova literatura, renovando a poesia, o ensaio, a música e as artes plásticas, rejeitando a assimilação passiva da estética europeia e incorporando temas da cultura brasileira, tal como postulava o manifesto antropofágico. Paralelamente, a chamada literatura regional (ou regionalista) “[...] surgiu graças à interação contínua entre pessoas de regiões diferentes e à necessidade do ser humano de se enquadrar no ambiente que o cerca.” (Favero, 2017, p. 58).

3.2 LITERATURA COMO PRÁTICA SIMBÓLICA DA VOZ

Desde os primeiros agrupamentos humanos, a transmissão de experiências, saberes e visões de mundo esteve vinculada à palavra proferida. Antes de se fixar em suportes materiais, a narrativa circulava pela voz, constituindo-se como prática simbólica fundamental para a continuidade cultural dos grupos. Conforme apontam Silva e Pinheiro (2019), os mecanismos de comunicação desenvolvidos pelas sociedades humanas estiveram diretamente relacionados à necessidade de preservar e compartilhar narrativas sobre diferentes dimensões da vida coletiva. Nesse contexto, a oralidade configurou-se como meio privilegiado de circulação de histórias, mitos, lendas, costumes e conhecimentos, sustentando uma tradição baseada na memória e na transmissão entre gerações.

Ong (1998) destaca que as culturas de tradição oral desenvolveram formas expressivas de grande complexidade estética e humana, organizadas por recursos como ritmo, repetição e fórmulas linguísticas que favoreciam a memorização e a circulação coletiva da palavra. A oralidade, portanto, não corresponde a uma etapa “inferior” em relação à escrita, mas a um modo específico de produção e compartilhamento de sentidos, no qual a palavra se realiza como acontecimento sonoro e social. Assim, a literatura pode ser compreendida, em sua dimensão mais ampla, como prática simbólica que tem na voz um de seus fundamentos históricos, ainda que, ao longo do tempo, passe a coexistir com diferentes formas de registro escrito.

Essa compreensão da literatura em sua dimensão vocal é aprofundada por Zumthor (1997), para quem a oralidade não deve ser reduzida à ausência de escrita, mas entendida como um modo específico de existência da palavra. O autor destaca

que “Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna” (Zumthor, 1997, p. 27). Nessa perspectiva, a palavra oral se caracteriza pela presença, pela materialidade sonora e pela situação concreta em que é proferida, envolvendo corpo, voz, memória e escuta. O sentido não se limita ao enunciado verbal, mas emerge do encontro entre locutor e ouvintes, no tempo e no espaço da enunciação.

Essa dimensão da presença conduz ao conceito de performance, central no pensamento de Paul Zumthor (1997). Para o autor, o texto oral não se apresenta como um objeto estável, mas como um acontecimento que se efetiva no momento em que é proferido e ouvido. A performance corresponde, portanto, à situação concreta em que a mensagem poética ganha existência, articulando locutor, ouvintes e o contexto em que a palavra é enunciada. Entonação, ritmo, pausas, gestos e as respostas do público participam da construção do sentido, de modo que a palavra não se separa do corpo que a emite nem da escuta que a recebe.

A tradição oral constitui o modo pelo qual essas manifestações da voz se mantêm ao longo do tempo. Trata-se de uma forma específica de continuidade cultural baseada na transmissão intergeracional, na qual narrativas, cantos e saberes não se conservam como produtos fixos, mas se atualizam a cada nova realização. Como observa Alberti (2005), a tradição oral sustenta-se simultaneamente na repetição e na recriação: os conteúdos são retomados porque pertencem à memória coletiva, mas cada nova enunciação os adapta às circunstâncias do presente. Cascudo (2012) destaca que essa transmissão se efetiva no cotidiano das relações sociais, apoiando-se na memória, na convivência e na circulação da palavra entre gerações. A tradição oral, portanto, não corresponde a um resíduo do passado, mas a um processo vivo de produção e atualização de sentidos.

A literatura, quando observada a partir da centralidade da voz, revela-se não apenas como conjunto de textos, mas como prática simbólica enraizada em modos históricos de dizer, ouvir e lembrar. A oralidade, entendida como forma específica de produção de sentidos, e a tradição oral, como princípio de continuidade cultural sustentado pela repetição e pela recriação, permitem compreender que a palavra literária sempre esteve vinculada a contextos de presença, escuta e interação. Nessa perspectiva, a escrita não substitui a oralidade, mas passa a coexistir com ela,

instaurando novas formas de circulação sem eliminar o caráter performático da linguagem.

Nesse horizonte, a literatura de cordel ocupa uma posição singular, pois materializa, em suporte escrito, práticas expressivas profundamente enraizadas na oralidade. Embora impressos em folhetos e circulando como textos gráficos, os cordéis mantêm marcas estruturais, rítmicas e performáticas próprias da tradição oral, preservando a centralidade da voz como princípio organizador do discurso poético. A métrica, a rima, o uso de fórmulas fixas, a repetição e o ritmo cadenciado evidenciam que o texto foi concebido para ser dito, ouvido e memorizado, e não apenas lido silenciosamente.

Assim, o cordel configura-se como forma híbrida, em que escrita e oralidade coexistem, não como instâncias opostas, mas como dimensões complementares de uma mesma prática simbólica. Como observa Abreu (1999, p. 118), “Embora os poetas registrem seus textos sob forma gráfica, não aderem completamente às convenções do texto escrito [...]”, o que indica que o registro impresso não elimina a vocação vocal desses textos, mas funciona como meio de fixação de uma palavra que continua orientada para a performance e para a circulação social da voz.

4 LITERATURA DE CORDEL

Inserida nesse horizonte em que voz, memória e escrita se articulam, a Literatura de Cordel consolidou-se, ao longo do tempo, como um gênero caracterizado por versos rimados e metrificados. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

O cordel é uma expressão cultural que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos pela população ou imaginados pela verve criativa dos poetas. Por esse motivo, há uma profunda identificação entre o público leitor/ouvinte e a narrativa presente na literatura de cordel que diverte, informa, opina, polemiza e participa ativamente da vida social. (Brasil, 2018, p.14).

Materialmente, o cordel se manifesta por meio dos folhetos — publicações de baixo custo, tradicionalmente vendidas em feiras, praças e mercados, que se consolidaram no Nordeste brasileiro e, com os fluxos migratórios e a ampliação dos circuitos de distribuição, passaram a circular em todo o país. Entretanto, a compreensão dessa produção não se restringe ao objeto impresso: sua formação histórica envolve disputas interpretativas sobre origens, formas de circulação e modos de produção poética.

No que se refere à formação histórica do gênero, é recorrente na literatura da área uma posição teórica que defende que o cordel brasileiro seria uma produção derivada do cordel português. Apesar dessa narrativa amplamente difundida, Abreu (1999) aponta a inexistência de pesquisas sistemáticas que demonstrem essa derivação e critica essa perspectiva que possuiria um caráter colonialista. Em suas palavras:

Todos concordam, entretanto, que o material português sofreu alterações em contato com a realidade brasileira; fala-se em ‘adaptação’, ‘recriação’, ‘transformações’, ‘desdobramentos’, ‘fusão’ entre a ‘literatura popular ibérica’ e a ‘prática dos poetas improvisadores’, sem que jamais se tenha tentado um cotejo entre as duas condições de produção ou entre os textos efetivamente produzidos em Portugal e no Brasil. (Abreu, 1999, p. 17).

Assim, ao confrontar as duas literaturas, traçando suas trajetórias históricas e comparando seus textos, a pesquisadora revelou a incongruência dessa vinculação. Prosseguindo em sua análise, Abreu (1999) aborda, primeiramente, a questão terminológica. No Nordeste, essa produção foi inicialmente chamada de ‘literatura de

folhetos' ou 'folhetos'. O termo 'literatura de cordel nordestina' foi utilizado por estudiosos somente a partir da década de 1970, que importou o termo português. Os poetas populares, ao entrarem em contato com esses estudiosos, começaram então, a utilizar esta denominação. Enquanto em Portugal, sempre foi utilizado popularmente o termo 'Literatura de cordel'.

Ainda examinando a tradição portuguesa, a autora observa que em Portugal, a forma como eram vendidos, na rua, presos em cordões, definiu sua denominação. Também eram conhecidos como 'literatura de cegos', pois por muitos séculos a exclusividade das vendas eram concedidas pelo rei às pessoas cegas que juntamente com os cordéis vendiam nas ruas diversos itens como “[...] breviários, livros de orações, jornais ou caixas de fósforos [...]”. (Abreu, 1999, p. 20).

Em relação a temática ou gênero a autora aponta que não havia uma constância abrangendo desde “[...] autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias...além de poder ser escrita em prosa, em verso ou sob a forma de peça de teatro.” (Abreu, 1999, p. 20). A partir das comparações apresentadas por Abreu (1999), é possível sintetizar as principais diferenças no quadro a seguir.

Quadro 2 - Diferenças entre o cordel português e o cordel brasileiro

Portugal	Brasil
Adaptadores de textos de sucessos	Autores que viviam de compor e vender versos
Textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade	Autores e parte significativa do público pertenciam às camadas populares
As matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita.	Os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos.
Interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros.	Boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino.
Os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público.	Os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos.

Fonte: Histórias de cordéis e folhetos (Abreu, 1999, p. 104-105)

A partir desse conjunto de diferenças, Abreu (1999) afirma que o ponto em comum das duas literaturas seria sobretudo a questão editorial.

A chamada 'literatura de cordel' é uma fórmula editorial¹ que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população. Essa fórmula editorial não é uma criação portuguesa, já que se encontram publicações similares em quase todos os países europeus-basta que se pense nos chapbooks ingleses, na littérature de colportage francesa, nos pliegos sueltos espanhóis etc. (Abreu, 1999, p. 23)

Assim, partimos da tese de que o cordel brasileiro não foi derivado do português, mas constituiu-se em uma manifestação original. A narrativa reproduzida sobre a produção brasileira derivaria da europeia foi amparada na relação colonial historicamente estabelecida entre os dois países a qual contribuiu para a construção do mito do colonizador como ser superior. Nas palavras de Abreu (1999, p.136) “[...] compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.” Essa interpretação da autora, contudo, distancia-se do entendimento mais recorrente entre pesquisadores, que tendem a atribuir a origem do cordel brasileiro às tradições europeias, especialmente às portuguesas.

Além do debate acerca das origens e influências, outro eixo fundamental para compreender o cordel brasileiro diz respeito às práticas poéticas que sustentaram sua formação. Para Rebechi Júnior (2020), é mais pertinente vincular sua formação aos espetáculos de cantoria realizados em espaços públicos e privados como, feiras, engenhos, mercados e festividades. Nessas ocasiões, os poetas-cantadores se enfrentavam em desafios ou pelejas que, conforme define Abreu (1999, p. 73-74)

[...] são debates poéticos em que dois cantadores enfrentam-se, devendo dar prosseguimento aos versos apresentados pelo oponente, sem se retardar na composição de sua fala. A disputa encerra-se quando um dos antagonistas declara-se incapaz de prosseguir ou, simplesmente, para de cantar por não encontrar resposta adequada.

A narrativa dos desafios possui expressões próprias: os duelos musicais são chamados de pelejas; o assunto ou o tema é denominado mote; e as composições recebem o nome de glosas. Utiliza-se a expressão 'glosar' para se referir ao movimento de “[...] desenvolver um verso e incluir o tema (mote) apresentado pelo público ou pelo adversário durante o desafio.” (Melo, 2019, p. 72). Em relação aos

¹ A autora emprega o termo 'fórmula editorial' no sentido de padrão editorial de configuração material das brochuras, seguindo as sugestões de Roger Chartier, *Textos e edições: a literatura de cordel*, *In: A história cultural*. Lisboa, Bertrand, Rio de Janeiro, Difel, 1990.

temas, Melo (2019, p. 72) aponta que se referiam “A descrição da vida no sertão, as narrativas da figura mítica do boi, as festas, a religiosidade, as sátiras, as biografias e as aventuras amorosas dos vaqueiros [...]”

Sob essa perspectiva, o cordel se insere em uma matriz de tradição oral, no interior da qual as narrativas eram [e em muitos contextos ainda são] difundidas por meio da declamação, do canto e da contação de histórias. O poeta atuava simultaneamente como autor e intérprete de sua obra, utilizando recursos de entonação, repetição, fórmulas expressivas e estruturas rítmicas que favoreciam a memorização e a recepção coletiva. Para Ong (1998), culturas de forte tradição oral desenvolvem estratégias linguísticas específicas, como a redundância, a formulação rítmica e a proximidade com a experiência cotidiana.

O conjunto desses elementos permite compreender o cordel como manifestação vinculada a uma tradição oral. À luz da concepção de oralidade discutida por Zumthor (1997) anteriormente, essa relação evidencia que a oralidade não deve ser entendida como ausência de escrita ou como estágio cultural ‘primitivo’, mas como um modo próprio de construção e circulação de sentidos, relacionado à voz, à memória e às formas coletivas de transmissão cultural. No caso do cordel, tal perspectiva permite reconhecer que os significados não se constituem apenas no suporte impresso, mas também nas práticas sociais, na memória coletiva e nas situações de circulação da palavra que historicamente acompanham esses folhetos.

A concepção de oralidade como dimensão constitutiva da produção poética dos cordéis também é reconhecida por Cascudo (2012), ao afirmar que “Com ou sem fixação tipográfica, essa matéria [folhetos] pertence à Literatura Oral. Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Serão depressa absorvidos nas águas da improvisação popular, assimilados na poética dos desafios, dos versos, nome vulgar da quadra nos sertões do Brasil.” (Cascudo, 2012, p. 16). A observação do autor reforça que a presença do suporte impresso não descaracteriza o vínculo dessas produções com a oralidade, mas evidencia a coexistência entre escrita e práticas vocais, nas quais a palavra circula em interação com o público e com a tradição cultural.

A relação entre oralidade, memória e tradição também é enfatizada por Cascudo (2012), ao afirmar que a literatura oral se mantém e se movimenta por meio da transmissão intergeracional, sustentada por uma força cultural que dispensa

registros formais. O autor chama atenção, ainda, para o papel das mulheres nesse processo, destacando-as como detentoras de um “arquivo mental” responsável pela preservação e difusão de narrativas populares, especialmente no contexto doméstico e familiar. Tal observação evidencia que a oralidade não se configura apenas como forma de expressão, mas como prática social de memória e continuidade cultural, aspecto que contribui para compreender os modos de circulação simbólica que também atravessam o cordel.

Essa dimensão torna-se ainda mais evidente quando se observam as situações de declamação pública associadas ao cordel. Nesses contextos, o texto não existe apenas como sequência de palavras, mas como acontecimento, realizado no momento em que é dito diante de um público. Zumthor (1997) denomina esse fenômeno de performance, entendida como o ato concreto em que a mensagem poética é produzida e percebida, envolvendo a presença do locutor, dos ouvintes e das circunstâncias da enunciação. Nesse processo, elementos como entonação, ritmo, gestos e interação com o público participam da construção do sentido. Assim, no cordel, o significado não se constitui exclusivamente na materialidade do folheto, mas também na situação viva em que a palavra é pronunciada.

A valorização do folheto enquanto objeto impresso também influenciou o modo como o cordel passou a ser interpretado pela historiografia literária. Conforme problematiza Santos (2009), ao priorizar o contexto editorial e a materialidade escrita, parte dos estudos enquadrou o cordel nos parâmetros da cultura letrada, desconsiderando os procedimentos vinculados à tradição oral. Nesse enquadramento, variações linguísticas próprias da composição mnemônica e da performance vocal foram frequentemente interpretadas como desvios ou “erros”, e os poetas passaram a ser caracterizados a partir da falta de escolarização formal, em uma leitura que subordina a oralidade aos valores da escrita.

A autora utiliza a expressão escriptocentrismo para designar a perspectiva centrada no texto escrito que obscurece os modos de produção poética baseados na memória, na voz e na performance. Tal orientação gerou implicações importantes: ao privilegiar apenas o que foi fixado tipograficamente, desconsideraram-se expressões orais não registradas e invisibilizaram-se formas de participação que ocorriam fora dos circuitos letrados. Esse movimento contribuiu para o apagamento de sujeitos cuja

atuação se dava majoritariamente na esfera da oralidade, entre eles muitas mulheres, cuja presença nas práticas poéticas nem sempre se converteu em autoria impressa.

A consolidação do cordel impresso no Brasil não pode ser compreendida apenas como desdobramento espontâneo da tradição oral, mas como resultado de um conjunto de condições poéticas, técnicas e históricas que se articularam no Nordeste no final do século XIX. Nesse sentido, Santos (2009, p. 28) aponta que

Três processos foram fundamentais para a emergência desse novo contexto de editoração poético de editoração no Brasil, responsável pela existência de um extenso campo produtivo, envolvendo editores, tipógrafos, vendedores folheteiros xilogravadores, entre outros: a) a existência, já amadurecida, de uma poética cantada; b) a presença das máquinas tipográficas no Nordeste [...]; e c) a apropriação por parte dos poetas cantadores – emergentes poetas de cordel –, dessas novas tecnologias de informação e comunicação. Sem essas premissas, certamente, não teria sido possível a circulação dessa cultura impressa, responsável pelo surgimento de um extraordinário volume de produção em folhetos, divulgados a partir de um mercado proveniente das feiras existentes nas cidades interioranas do Nordeste.

O cordel, materializado no folheto, desenvolveu pouco a pouco uma estrutura própria. A simplicidade dos versos pode muitas vezes dar a impressão de que não há ali regras para sua criação. Contudo, para que uma poesia seja definida como cordel, é necessário seguir determinadas normas. Um dos poetas mais consagrados da literatura de cordel, Manoel Monteiro (Brasil, 2018, p. 17), eternizou em versos, os três elementos obrigatórios que definem um cordel:

Para produzir um texto
No estilo cordelista
Há três regras básicas que
Não podem perder de vista,
São a METRIFICAÇÃO
As RIMAS e a ORAÇÃO
Ou sabe disso, ou desista.

A poesia estruturada em verso somada ao uso da rima e da repetição é uma ferramenta importante que auxilia no exercício da memorização. A metrifcação é definida como “[...] a medida das sílabas de cada verso, em determinado gênero de estrofe” (Brasil, 2018, p. 22). Para contar a medida das sílabas é necessário fazer a distinção entre sílaba gramatical e sílaba poética. É a partir do número de sílabas poéticas que se define a metrifcação. Diferente da contagem silábica normativa da gramática, a metrifcação poética baseia-se primordialmente na sonoridade e na pronúncia oral das palavras. O processo de contar as sílabas poéticas recebe o nome

de escansão dos versos, “[...] tem como referência a sonoridade da palavra falada e não a contagem gramatical, por isso os ditongos em geral são agrupados numa única sílaba (elisão).” (Brasil, 2018, p. 22).

A partir destes princípios estruturais, a literatura de cordel apresenta um conjunto variado de modalidades métricas, resultado do próprio aprimoramento da cantoria e das práticas poéticas populares. Cada forma possui regras específicas relacionadas ao número de versos, à contagem silábica e ao arranjo de estrofes, aspectos que influenciam diretamente a musicalidade, o ritmo e a expressividade dos poemas.

No Quadro 3, são apresentadas as principais classificações métricas identificadas na tradição do cordel, acompanhadas de suas características estruturais e do contexto em que são empregadas.

Quadro 3 - Modalidades métricas na literatura de cordel

Modalidade	Características métricas	Contexto de uso
Parcela	Versos de quatro e cinco sílabas.	Utilizada nos repentes e nas pejejas (duelos poéticos).
Quadra	Estrofe de quatro versos de sete sílabas (redondilha maior). O esquema de rimas mais comum é ABCB (rimam o segundo e o quarto verso).	Uma das formas mais antigas e populares, usada tanto em cantorias como em folhetos.
Sextilha	Estrofe de seis versos de sete sílabas. O esquema de rimas é ABCBDB.	É a estrofe mais comum na literatura de cordel, usada para desenvolver a maior parte das narrativas.
Setilha	Estrofe de sete versos de sete sílabas. Apresenta diferentes esquemas de rimas, sendo o mais comum ABCBDDDB.	Menos frequente que a sextilha, é utilizada para variar o ritmo da narrativa.
Oitavas ou Quadrão	Estrofe de oito versos de sete sílabas	Usada em desafios e pejejas, onde os poetas buscam demonstrar maior habilidade técnica.
Décimas	Estrofe de dez versos de sete sílabas ou, mais raramente, de dez sílabas.	Comum em poemas mais elaborados e lamentos, permite um desenvolvimento mais aprofundado do tema.
Martelo Agalopado	Estrofes com versos de dez sílabas (decassílabos), geralmente em décimas	Utilizado em pejejas e cantorias para demonstrar virtuosismo, com um ritmo forte e rápido.

Galope à Beira Mar	Versos de onze sílabas, com acentuação específica que confere uma musicalidade característica, lembrando o galope de um cavalo.	Modalidade muito apreciada em desafios e cantorias, conhecida pela sua complexidade e beleza sonora.
Versos Alexandrinos	Versos de doze sílabas poéticas.	Forma mais rara e erudita, usada por poetas que desejam demonstrar grande domínio da métrica.

Fonte: própria autora com base em: Brasil (2018).

A rima, outro elemento do cordel, é entendida como a “[...] relação de semelhança entre palavra e som.” Por intermédio da rima, o poeta busca a harmonização e a consonância das palavras. O verso é considerado a unidade mais importante no cordel, sendo a estrofe definida como um agrupamento de versos. No vocabulário da literatura de cordel, o verso é chamado de ‘linha’ ou ‘pé’. (Brasil, 2018)

Além da rima, tem-se a oração, chamada de ‘narrativa’, ‘conteúdo’ ou ‘desenvolvimento’. A narrativa precisa ser coerente, clara e compreensível, de forma a segurar o leitor até o final. No que diz respeito ao suporte material, existe também a padronização da impressão. Em sua grande maioria são impressos no formato de livros de bolso, medindo 11 x 16 cm, a especificidade está na impressão em folha 30x 20 cm dobrada ao meio sendo suas páginas sempre em múltiplos de 4 fazendo os folhetos possuírem 4, 8, 16, 24, 32 páginas (Brasil, 2018)

No que se refere ao design e à visualidade, os cordéis podem ser categorizados pelas técnicas de ilustração utilizadas em suas capas. Paiva (2021) tendo como base as categorias criadas por Liêdo Maranhão em seu livro ‘O folheto popular, suas capas e seus ilustradores (1981)’ classifica-as da seguinte forma: folhetos tipográficos, desenho popular, cartões postais, fotografia, gravura popular e folhetos contemporâneos.

Os folhetos tipográficos são identificados como os primeiros a serem impressos no século XIX e se referem às capas compostas por tipografias e ornamentos, sendo os folhetos de Leandro Gomes de Barros seu maior expoente. O desenho popular se refere as capas com desenhos e caricaturas feitas em litogravura² ou zincogravura³. Outra técnica foi o uso de cartões postais vindo da Europa que traziam estampados

² Também chamada de litografia é o método de impressão que cria imagens a partir de desenhos feitos com materiais gordurosos (como lápis ou tinta) numa pedra calcária especial.

³ Também chamada de ‘clichê’, técnica de gravura que utiliza placa de zinco como matriz.

artistas do cinema e do teatro. A fotografia foi outro recurso utilizado, reproduzidas em clichês de metal, traziam os artistas de cinema.

No entanto, foi a gravura popular, feita através da xilogravura que se tornou símbolo do cordel. A xilogravura é uma técnica de impressão em que a imagem é talhada em relevo sobre uma base de madeira. Após a incisão com instrumentos de corte, a superfície recebe tinta e é prensada sobre o papel para gerar a imagem. Essa técnica, originada na China, entre os séculos V e VI, tornou-se tradicional na literatura de cordel por ser uma técnica barata, simples e rápida para a produção de imagens em grande quantidade. (Brasil, 2018). O registro mais antigo encontrado no Brasil até o momento do uso da xilogravura como ilustração em um cordel data de 1907 de Francisco das Chagas Batista no folheto 'A vida de Antônio Silvino' e não estava na primeira página e sim na parte interna. E foi somente a partir da década de 1920 que a xilogravura se tornou popular no Nordeste. Por fim, os folhetos contemporâneos compreendem produções com capas coloridas, elaboradas com o uso de tecnologias modernas, como a impressão *offset* (Paiva, 2021).

Sob outra perspectiva, no campo visual, Paiva (2021) destaca que os elementos gráficos dos folhetos desempenham papel significativo na formação da identidade do design gráfico brasileiro. Trata-se de práticas projetuais complexas, realizadas muito antes da institucionalização do design gráfico no Brasil. Sendo importante destacar que todos os trabalhos gráficos “[...] eram produzidos à margem do conhecimento erudito, por artistas locais, autodidatas, que não passaram pela academia ou um curso técnico para aprender as técnicas de produção” (Paiva, 2021, p. 100).

Com a expansão dos meios de comunicação e das tecnologias digitais, o cordel passou a coexistir em diferentes formatos: impresso, digitalizado e nato digital. Em sua versão nato digital, recebe o nome de cibercordel, responsável por ampliar ainda mais as possibilidades expressivas, incorporando recursos multimodais como hiperlinks, imagens, áudio e vídeo, sem abandonar elementos estruturais como a métrica, a rima e o humor característico. Essa multiplicidade reafirma a vitalidade do gênero, bem como sua capacidade de ressignificação em novos ambientes culturais e informacionais.

A análise dos folhetos, considerando sua materialidade, temas, estrutura narrativa e modos de circulação, fornece as bases necessárias para examinar, nos

próximos itens, as representações construídas nesses textos, especialmente aquelas relacionadas ao feminino. A partir desse panorama, torna-se possível situar o corpus da pesquisa dentro de uma tradição complexa, heterogênea e profundamente marcada pelas transformações culturais.

4.1 O UNIVERSO FEMININO NOS FOLHETOS DE CORDEL

Como discutido anteriormente, a consolidação de uma literatura considerada genuinamente brasileira, a partir do século XIX, ocorreu em um contexto de formação do campo literário nacional marcado por hierarquias sociais, regionais e de gênero. Ainda que algumas mulheres participassem da vida cultural e intelectual do período, sua presença nos espaços de autoria reconhecida foi sistematicamente restringida, resultando em processos de silenciamento e apagamento na memória literária. Um exemplo emblemático desse processo é a escritora cearense Emília Freitas, autora de *A Rainha do Ignoto* (1899), considerada pioneira do gênero fantástico no Brasil, cuja produção, apesar de inovadora, permaneceu à margem do cânone por longo tempo, evidenciando as barreiras estruturais enfrentadas por mulheres no campo literário (Silva; Pinho, 2025).

Esse panorama mais amplo permite compreender que a exclusão feminina observada na literatura de cordel não constitui um fenômeno isolado, mas integra uma lógica cultural mais abrangente, que atravessou a literatura brasileira de modo geral. Nesse sentido, a literatura de cordel também foi por longo período marcada por uma perspectiva androcêntrica que restringiu a participação feminina aos espaços socialmente considerados “adequados” ao seu papel. Em uma sociedade patriarcal de herança colonial, as mulheres foram associadas ao ambiente doméstico, à maternidade e às chamadas “prendas domésticas”, em um contexto de acesso restrito à educação formal e marcado por elevados índices de analfabetismo (Zanello, 2022). Esse quadro contribuiu para que suas práticas culturais fossem secundarizadas ou ignoradas pelos registros oficiais. Como observa Lerner (2019, p. 28), “[...] o que as mulheres fizeram e vivenciaram ficou sem registro, tendo sido negligenciado, bem como a interpretação delas, que foi ignorada.”

Ainda assim, a invisibilização não corresponde à ausência de participação feminina na tradição poética nordestina. Sua presença foi mais evidente na oralidade, em práticas como as cantorias, desafios e recitais populares, que, embora

marginalizados pelos registros oficiais, revelam que as mulheres sempre integraram esse universo. Um exemplo expressivo é Francisca Maria da Conceição, a Chica Barrosa, considerada uma das primeiras mulheres repentistas do Nordeste brasileiro, “[...] que exaltava-se como ‘negra atrevida’, propagando a sua voz em um contexto bastante adverso, marcado pelo domínio patriarcal e por relações escravistas, mesmo nos anos do pós-abolição” (Ananias, 2023, p. 3). Sua trajetória demonstra que a exclusão feminina nos registros não reflete a sua inexistência, mas sim um processo de apagamento cultural. Nesse sentido, Santos (2009, p. 74) afirma que “[...] a exclusão de negros, índios e mulheres da historiografia da cantoria e do folheto se deu tanto pelo silêncio que omitiu a contribuição e a existência – nada harmoniosa – das etnias nesse universo, quanto pela repetição constante desse silêncio.”

Se, por um lado, a oralidade ofereceu espaços de participação feminina, por outro, a transposição para o campo impresso reforçou mecanismos de exclusão. Ao adentrar o campo da autoria registrada, as mulheres enfrentaram novas barreiras, pois, mesmo quando atuavam na produção dos folhetos, raramente eram reconhecidas como autoras. Um exemplo é a autora Maria das Neves Batista Pimentel, que, em 1938, publicou ‘O violino do Diabo’ ou ‘O valor da honestidade’ sob o pseudônimo masculino ‘Altino Alagoano’. Nesse sentido, Santos (2006, p. 184) ressalta que “[...] as mulheres do sertão, mesmo convivendo e participando daquele contexto cultural rico em poesia, não lhes era permitido inserir-se nas práticas poéticas nas mesmas condições dos homens [...]”, evidenciando as limitações impostas à sua atuação no campo impresso.

Além das barreiras sociais mais amplas, a inserção feminina no cordel deve ser compreendida à luz da dinâmica interna do próprio campo literário. Campos (2022) demonstra que esse campo se organiza a partir de regras especializadas, capitais simbólicos e mecanismos de legitimação que regulam o direito de entrada e de permanência. A tradição funciona, nesse contexto, não apenas como herança cultural, mas como instância normativa que define quem pode falar, como deve falar e sob quais condições será reconhecido como cordelista.

Ainda segundo Campos (2022), nessa configuração, a participação feminina historicamente dependeu, muitas vezes, da chancela dos chamados “guardiões do cordel”, agentes detentores de capital simbólico e autoridade no campo. A exclusão, portanto, não operava apenas no plano social mais amplo, mas também no interior do

próprio campo especializado, por meio de critérios implícitos de validação e reconhecimento. A entrada das mulheres não significou ruptura imediata com essas estruturas, mas um processo de negociação, tensionamento e progressiva redefinição das regras do jogo.

No cenário contemporâneo de afirmação feminina no cordel, destaca-se o blog Cordel de Saia (<http://cordeldesai.blogspot.com/>), espaço criado para divulgar a cultura popular do cordel e possibilitar que mulheres marquem seu lugar como poetisas. Criado em 2010 por Dalinha Catunda e Rosário Pinto, vinculadas à Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), o blog tornou-se importante instrumento de visibilidade e fortalecimento da autoria feminina, representando uma estratégia de ocupação simbólica no interior do campo cordelista.

Em contraste com esses movimentos contemporâneos, ao longo do século XX predominaram representações marcadamente estereotipadas da mulher. Nas narrativas produzidas pelos cordelistas, a figura feminina era frequentemente estereotipada, expressando valores patriarcais. A pesquisa de Oliveira (2017) analisou as figurações da mulher na produção da principal tríade de cordelistas nas primeiras décadas do século XX (Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Ataíde), e identificou o contraste entre protagonistas exemplares ("mártires") e as "meretrizes", caracterizadas como transviadas e interesseiras. A figura feminina era descrita ora como moça casadoira, ora como valente, mística, transviada, recatada, ambiciosa ou prostituta.

As mulheres eram frequentemente associadas a papéis moralizantes ou estereotipados, como a "Madalena arrependida", as "esposas-Evas" ou as "mães-Maria" (Barbosa, 2010). A poesia satírica também serviu para ridicularizar comportamentos femininos considerados inadequados aos padrões da época. Como afirmam Marques e Silva (2014, p. 149), "À medida que começam a frequentar mais livremente os espaços públicos, ostentando o que de mais atual havia em termos de moda, as mulheres tornam-se objetos de sátira, críticas e anedotas de toda ordem". Entre os exemplos citados pelos autores está o cordelista Leandro Gomes de Barros, saudosista dos tempos do Império, que escreveu cordéis condenando a adoção da moda europeia pelas mulheres. Na concepção dos autores "A poesia satírica de Leandro ajudava a reforçar os laços moralizantes da tradição, repondo um modelo

de conduta que devia ser seguido por toda a sociedade.” (Marques; Silva, 2014, p. 155).

Para além dessas polarizações morais que estruturam a figura feminina no cordel, estudos recentes evidenciam que tais representações não operam de forma homogênea. Ao analisar a construção da mulher nos folhetos, Silva (2022) demonstra que os estereótipos atribuídos às personagens femininas variam conforme marcadores raciais, revelando o intercruzamento entre gênero e raça na organização discursiva do texto cordelista. Enquanto mulheres brancas tendem a ser representadas nos polos simbólicos da “Maria” — associada à pureza, à castidade e à submissão — ou da “Eva” — vinculada à transgressão moral e à corrupção —, as mulheres negras são majoritariamente construídas a partir de campos ligados à feitiçaria, à demonização, à hiperssexualização e à desumanização.

Essa diferenciação evidencia que o feminino, no interior dos folhetos, não constitui uma categoria uniforme, mas um lugar simbólico atravessado por hierarquias raciais e morais. A autora aponta, ainda, que nas narrativas e nas xilogravuras, o corpo da mulher negra aparece frequentemente associado à disponibilidade sexual e à marginalidade social, sendo representado como objeto de consumo ou como figura ameaçadora. Tal construção reforça não apenas estereótipos de gênero, mas também padrões racistas historicamente sedimentados na cultura brasileira.

Sob essa perspectiva, compreende-se que as representações do feminino nos folhetos de cordel se estruturam por meio de eixos simbólicos que articulam moralidade, corpo, religiosidade e raça. Esses elementos não apenas organizam a narrativa literária, mas também influenciam os termos e atributos mobilizados para caracterizar as personagens femininas, aspecto central para a análise temática desenvolvida nesta pesquisa.

A partir da década de 1970, esse cenário começa a se modificar. Com os movimentos feministas e as transformações sociais, ampliaram-se as possibilidades de inserção das mulheres na produção impressa e fizeram emergir cordelistas com novas perspectivas e repertórios. Muitas dessas autoras, com maior escolaridade formal, passaram a questionar a lógica patriarcal dominante, ressignificando temas e elaborando narrativas próprias sobre o feminino. Como afirma Santos (2002, p. 80):

A presença feminina como autoras de cordel, apesar de herdar a tradição, também vai instituir uma outra autonomia. Elas vão ressignificar a literatura de cordel a partir de temas próprios como o feminino, ecologia, saúde da

mulher etc., ao mesmo tempo em que inauguram outros espaços de veiculação do cordel como escolas, passeatas, instituições, universidades, enfim.

Dessa forma, compreender o percurso histórico da participação feminina no cordel — da oralidade à autoria impressa, das representações estereotipadas às narrativas produzidas por mulheres — permite reconhecer que o feminino no gênero é fruto de disputas simbólicas contínuas. Esse percurso revela não apenas as marcas do patriarcado e os processos de invisibilização que moldaram a construção dessas narrativas, mas também as fissuras abertas pela atuação das mulheres ao longo do tempo, que reconfiguraram temas, perspectivas e modos de enunciação.

Na contemporaneidade, a literatura de cordel tem sido também um espaço de afirmação de vozes femininas que deslocam e ampliam o horizonte temático e identitário do gênero. Um exemplo é a cordelista indígena Auritha Tabajara, reconhecida como a primeira mulher indígena a escrever e publicar cordéis no Brasil. Sua trajetória articula tradição oral familiar, escolarização e militância cultural, incorporando à poética do cordel temas relacionados à memória ancestral, à cultura Tabajara e às experiências de ser mulher indígena no Brasil contemporâneo. Além disso, ao se afirmar publicamente como mulher lésbica, sua produção também tensiona padrões normativos de gênero e sexualidade, ampliando o cordel como espaço de expressão de identidades historicamente marginalizadas. (Wunderlich; Costa, 2022). Dessa forma, sua atuação evidencia não apenas a presença de mulheres no campo autoral do cordel, mas a resignificação do gênero por meio de perspectivas étnicas, culturais, políticas e de dissidência sexual, reforçando a vitalidade e a pluralidade da tradição literária popular.

Essas dinâmicas, que envolvem disputas simbólicas, processos de silenciamento e a emergência de vozes femininas historicamente marginalizadas, tornam-se centrais para esta pesquisa, cujo foco recai precisamente sobre a representação do feminino nos folhetos de cordel. As escolhas lexicais, os atributos associados às personagens femininas e as relações conceituais mobilizadas nos textos não apenas refletem essas transformações históricas, mas participam ativamente da construção de sentidos sobre o feminino em determinados contextos sociais. O feminino, nesse contexto, não é compreendido como categoria acessória, mas como dimensão estruturante da organização discursiva dos folhetos, atravessando personagens, conflitos, valores morais e construções simbólicas.

No âmbito da Representação Temática da Informação, tais escolhas assumem relevância ainda maior, pois a seleção, organização e formalização desses conceitos influenciam diretamente os modos pelos quais essas representações se tornam recuperáveis nos acervos. Os processos de descrição e indexação não são neutros, sendo atravessados por valores sociais e culturais que influenciam a forma como sujeitos e experiências são nomeados, classificados e disponibilizados à recuperação (Silva; Pinho, 2025).

Desse modo, a compreensão do universo feminino no cordel, em suas tensões históricas, silenciamentos e reconfigurações contemporâneas, não se limita à contextualização literária, constituindo o fundamento analítico da investigação desenvolvida nos capítulos seguintes.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresenta o percurso metodológico adotado para o desenvolvimento da pesquisa, explicitando os procedimentos, técnicas e etapas que orientaram a investigação. São detalhados o delineamento da pesquisa, os critérios de seleção do corpus, as estratégias de busca e filtragem dos folhetos, bem como os procedimentos de extração, organização e análise dos termos e expressões atribuídos às personagens femininas. A descrição sistematizada dessas etapas visa garantir a transparência do processo investigativo e a coerência entre os objetivos propostos e os resultados alcançados.

5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A presente pesquisa investiga o vocabulário utilizado para caracterizar o feminino nos cordéis da coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. Para isso, procede-se à extração de termos e expressões associados às personagens femininas, seguida de organização semântica, com vistas à identificação dos modelos de representação do feminino nessas obras.

Desta forma, esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, de natureza qualitativa, utilizando procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental, com corpus constituído por folhetos de cordéis de diversos autores e períodos. A abordagem qualitativa, conforme esclarece Richardson (1999), orienta-se para a compreensão dos significados e das particularidades contextuais que envolvem os fenômenos estudados. Na dimensão social na qual esta pesquisa se encontra, a abordagem qualitativa busca entender fenômenos sociais, explorando os padrões de relacionamento e como eles influenciam as atitudes e crenças dos indivíduos. O objetivo é compreender como os atores sociais constroem o conhecimento e dão significado ao seu entorno, analisando os parâmetros específicos que regem o fluxo de informação na rede (Valentim, 2005).

Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa possui relevância particular para o exame das relações sociais, uma vez que a aceleração das mudanças sociais e a ampliação da diversidade dos contextos de vida impõem aos pesquisadores novos desafios interpretativos. Nesse cenário, a abordagem qualitativa mostra-se especialmente adequada para investigar dimensões subjetivas, como as das “[...]”

representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações.” (Flick, 2009, p. 20)

Para a construção da pesquisa será utilizada a metodologia da Revisão Bibliográfica Integrativa (RBI) que, segundo Lage (2023, p. 2), “[...] tem por finalidade reunir e sintetizar resultados que estejam relacionados a um determinado tema (ou temas), de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento dos assuntos pesquisados”. A pesquisa bibliográfica, como preconizada por Marconi e Lakatos (2003, p. 158), “[...] é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Essa concepção evidencia que a revisão da literatura é um processo dinâmico, interpretativo que exige seleção criteriosa, análise crítica e articulação conceitual. Por meio dela, o pesquisador não apenas fundamenta teoricamente sua investigação, mas também reconhece avanços, controvérsias e lacunas existentes no campo estudado, o que possibilita a construção de novas perspectivas de análise.

A pesquisa documental, de acordo com Gil (2008, p. 51), compreende os “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa.” Desta forma, são selecionadas fontes primárias não tratadas analiticamente ou que, apesar de tratadas, são passíveis de reinterpretação.

Os documentos a serem analisados, ou seja, os folhetos de cordel, estão disponíveis na coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. Esta coleção teve início com a doação do professor e pesquisador, Alcides Vitor de Carvalho, que entre 1986 e 1993 coletou folhetos pelo Brasil e no exterior, com o apoio do CNPQ e da própria instituição. (Aguiar *et al.*, 2008).

Inicialmente organizado de forma manual, com fichas catalográficas, o acervo teve seu primeiro catálogo impresso lançado em 1993, seguido por outro em 1997. Em 2001, com apoio da Fundação Araucária, o catálogo foi disponibilizado em CD-ROM, contendo capas digitalizadas e referências. Em 2008, a coleção contava com cerca de 3.500 títulos, tornando-se uma das primeiras no Brasil a oferecer um acervo de cordel em formato digital. Atualmente, conta com aproximadamente 6.000 exemplares, todos digitalizados, embora o acesso on-line seja limitado por questões de direitos autorais. (Aguiar *et al.*, 2008).

O acervo também impulsionou a criação, em 2003, de um grupo de pesquisa interdisciplinar sobre Literatura de Cordel, reunindo profissionais e estudantes de diversas áreas, com apoio do PIBIC/CNPq. Desse grupo originou-se o projeto Literatura Popular: os folhetos de Cordel da BC/UEL – Pesquisa, Preservação e Divulgação, coordenado pela professora Raimunda de Brito Batista do Departamento de Ciências Sociais. (Aguiar *et al.*, 2008).

Atualmente, o acervo ocupa uma sala no andar inferior da BC, tendo sido os exemplares higienizados, organizados e digitalizados. Estão acondicionados em sacos plásticos transparentes em pastas A/Z, armazenados em um armário de madeira, possuindo cada item um número de registro. O acesso é permitido após autorização da Bibliotecária responsável. A Biblioteca recebe doações continuamente de folhetos, seja de pesquisadores e de colaboradores da própria instituição.

Em contato realizado com a bibliotecária Enidelci, responsável pela coleção, em 02/12/2025, foi informado que o acervo conta com 5.856 exemplares catalogados. Considerando esse quantitativo, aliado às práticas de organização, o acervo da UEL destaca-se em âmbito nacional, inserindo-se entre importantes coleções brasileiras de literatura de cordel.

No contexto brasileiro, existem outros acervos de reconhecida relevância vinculados a bibliotecas, centros de documentação e instituições de memória. Destacam-se, nesse cenário, coleções custodiadas por instituições como a Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), a Biblioteca Nacional (RJ), o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (RJ), a Universidade Federal da Paraíba (PB) e a Universidade Federal de Pernambuco (PE), entre outras. Esses acervos evidenciam a ampla institucionalização da literatura de cordel no país e reforçam sua importância como patrimônio cultural e recurso informacional.

A escolha pelo acervo da Coleção Prof. Alcides V. de Carvalho, pertencente à Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, justifica-se, portanto, por sua importante relevância no cenário da Literatura de Cordel.

Nesta pesquisa, os folhetos de cordel são tratados não apenas como produções literárias, mas como objetos informacionais. Enquanto documentos, constituem unidades passíveis de tratamento temático, inserindo-se nos processos de análise, organização e representação da informação. Assim, o cordel é abordado

como suporte de informação que materializa construções simbólicas sobre o feminino, permitindo a articulação entre o domínio literário e o campo da Ciência da Informação.

A seguir, apresenta-se um quadro síntese das etapas da pesquisa e de sua relação com os objetivos propostos.

Quadro 4 - Objetivos da pesquisa

QUESTÃO PROBLEMA	
Como os folhetos de cordel caracterizam ou representam o feminino? De que forma essas expressões podem subsidiar a construção de categorias temáticas, mais democráticas e inclusivas em acervos literários populares?	
OBJETIVO GERAL	
Investigar o vocabulário utilizado para caracterizar o feminino nos cordéis da coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.	
OBJETIVOS ESPECIFICOS	
OBJETIVOS	AÇÕES
Descrever procedimentos para identificação e análise do assunto em textos literários.	Pesquisa bibliográfica a respeito da temática.
Apresentar pressupostos teóricos e metodológicos para a representação temática dos folhetos de cordel.	Pesquisa bibliográfica a respeito da temática
Contextualizar a concepção do feminino em uma perspectiva diacrônica	Pesquisa bibliográfica a respeito do feminino em diversas fontes de informação

Fonte: a própria autora (2025).

A escolha do acervo da Biblioteca Central da UEL não se configura apenas como uma decisão de conveniência institucional, mas como uma opção metodológica fundamentada na relevância, abrangência temporal e organização do conjunto documental. A partir desse corpus delimitado, foram estabelecidos os critérios de seleção e os procedimentos de análise, descritos nas seções seguintes.

5.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA INTEGRATIVA

A Revisão Bibliográfica Integrativa (RBI), como método de pesquisa, “[...] surge na área da Saúde por volta de 1980, no contexto da Prática Baseada em Evidências (PBE), com a proposta de relacionar os estudos baseando-se nas temáticas presentes nas publicações científicas” (Rabelo e Pinto, 2019, p.172). Embora tenha se originado nesse campo, sua aplicação expandiu-se para outras áreas do conhecimento, configurando-se como um método para síntese e organização do estado da arte.

Mendes, Silveira e Galvão (2008, p. 759) explicam que:

A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos.

Em comparação com outros métodos de revisão bibliográfica Mendes, Silveira e Galvão (2008) destacam que a revisão integrativa é mais abrangente, sendo sua principal vantagem a capacidade de combinar simultaneamente dados de pesquisas experimentais e quase experimentais, o que possibilita uma compreensão mais completa do tema e a união de informações teóricas e empíricas.

De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008) a Revisão Integrativa é composta pelas seguintes etapas: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

No presente estudo a Revisão Bibliográfica Integrativa possibilitou:

- (i) reunir produções teóricas e empíricas oriundas da Literatura, dos Estudos de Gênero e da Ciência da Informação;
- (ii) identificar tendências, convergências, divergências e lacunas acerca da representação do feminino;
- (iii) subsidiar a construção dos fundamentos metodológicos da análise dos folhetos de cordel, especialmente no que se refere aos procedimentos de Representação Temática da Informação.

De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008), a RBI é composta por seis etapas: elaboração da pergunta norteadora; busca ou amostragem na literatura; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados; e apresentação da revisão integrativa. A seguir, apresenta-se uma figura ilustrativa dessas etapas.

Figura 1 - Etapas da Revisão Integrativa



Fonte: adaptado de Manual... (2014, p. 11).

Como demonstrado na Figura 1, a primeira etapa da RBI, a primeira etapa consiste na formulação da pergunta que norteará a revisão. Para Souza, Silva e Carvalho (2010), trata-se da fase mais crucial do processo, pois orienta a seleção dos estudos, os métodos de busca e o tipo de informação a ser extraída. A clareza e a delimitação da pergunta são determinantes para a consistência da revisão.

A segunda etapa refere-se à busca ou amostragem na literatura, diretamente vinculada à formulação da questão de pesquisa. Mendes, Silveira e Galvão (2008) destacam a necessidade de critérios rigorosos para evitar excesso de estudos e possíveis vieses. Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 104) complementam que “Os critérios de amostragem precisam garantir a representatividade da amostra [...]”, constituindo indicador de confiabilidade dos resultados.

Na terceira etapa, realiza-se a coleta de dados. Souza, Silva e Carvalho (2010) indicam a utilização de um instrumento previamente elaborado capaz de assegurar que a totalidade dos dados relevantes seja extraída, minimizando o risco de erros na transcrição, garantindo precisão na checagem das informações e servindo como registro. Os dados devem incluir: definição dos sujeitos, metodologia, tamanho da amostra, mensuração de variáveis, método de análise e conceitos empregados.

Na quarta etapa, procede-se a avaliação dos estudos selecionados sendo semelhante a análise dos dados de pesquisas convencionais. Para validar a revisão, é fundamental que os estudos escolhidos sejam analisados de maneira aprofundada. Essa análise deve ser feita criticamente, buscando entender as razões por trás de resultados que se mostram diferentes ou conflitantes entre as pesquisas. (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Na quinta etapa, com base na análise e interpretação dos estudos, apresenta-se a discussão dos resultados. Rabelo e Pinto (2019, p. 74) apontam que este é “[...] o diálogo entre o pesquisador e os resultados encontrados, no qual serão colocados à prova suas hipóteses e seus questionamentos, assim como as contribuições para o objeto que está sendo evidenciado no estudo.”

E na sexta etapa, a Revisão Bibliográfica Integrativa, que segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008, p.763) “[...] deve incluir informações suficientes que permitam ao leitor avaliar a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração da revisão, os aspectos relativos ao tópico abordado e o detalhamento dos estudos incluídos.” Complementando, Souza, Silva e Carvalho (2010, p 105) esclarecem que “A apresentação da revisão deve ser clara e completa [...]. Deve conter, então, informações pertinentes e detalhadas, baseadas em metodologias contextualizadas, sem omitir qualquer evidência relacionada.” Assim como Rabelo e Pinto (2019), observamos que as duas últimas etapas se complementam e configuram a solidificação da RBI, devendo ser apresentadas juntas para a melhor compreensão do leitor.

Concluída a etapa de Revisão Bibliográfica Integrativa, que subsidia a fundamentação teórica da pesquisa, passa-se ao estudo empírico, no qual os procedimentos de Representação Temática da Informação são aplicados aos folhetos de cordel selecionados.

5.2.1 Primeira etapa – Identificação do tema e seleção da pesquisa

A etapa inicial do estudo empírico teve como ponto de partida a pergunta norteadora da pesquisa e seus desdobramentos: Como os folhetos de cordel caracterizam ou representam o feminino? De que forma essas expressões podem subsidiar a construção de categorias temáticas mais democráticas e inclusivas em acervos literários populares?

A partir dessas indagações, definiu-se como objetivo investigar o vocabulário utilizado pelos cordelistas na caracterização do feminino nos folhetos pertencentes à coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

No âmbito da Ciência da Informação, o estudo dos temas ou assuntos dos objetos informacionais insere-se no campo da Representação Temática da Informação (RTI). Dessa forma, a definição do tema da pesquisa — Representação Temática do Feminino no Cordel — orientou a estratégia de busca bibliográfica e a seleção dos referenciais teóricos.

Considerando que a RTI apresenta diferentes denominações conforme a vertente teórica adotada, foram utilizados como descritores e termos de busca:

- Tratamento Temático da Informação
- Análise Documentária
- Indexação
- Análise de Assunto
- Representação da Informação

Além desses, empregaram-se os termos, folhetos e literatura popular como variações relacionadas à designação dos cordéis.

Para a realização das buscas bibliográficas, optou-se por bases de dados com acesso aberto e por livros de referência, utilizando os operadores booleanos AND, OR e NOT para refinamento dos resultados.

As bases selecionadas foram:

- BRAPCI (Base de Dados em Ciência da Informação) – repositório especializado na área de Ciência da Informação, que reúne produção científica nacional desde 1972.

- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) – base que disponibiliza em acesso aberto teses e dissertações defendidas no Brasil.

- Portal de Periódicos CAPES – plataforma que reúne periódicos científicos nacionais e internacionais, bases de dados referenciais e textos completos.

A escolha dessas fontes justifica-se por sua relevância acadêmica, abrangência temática e representatividade na área da Ciência da Informação e campos correlatos.

5.2.1.1 Objeto de estudo

Para a constituição do corpus documental, foi disponibilizado pela Biblioteca Central da UEL um arquivo em formato Excel intitulado Levantamento_Cordel_BC, contendo a descrição dos folhetos que compõem a Coleção Professor Alcides Vitor de Carvalho.

A planilha apresenta os seguintes campos: Bib ID; Número de chamada bibliográfico; Autor; Título; Descrição física; Edição; Publicação; Ordem estante digitalização; Capas; Observação.

O levantamento inicial contemplou 4.258 títulos de cordéis, com data-limite entre 1913 e 2022. Esse conjunto documental constituiu o universo de análise a partir do qual foram aplicados os critérios de seleção e filtragem descritos nas etapas subsequentes.

5.2.2 Segunda etapa - busca ou amostragem na literatura

Nesta etapa, realizou-se o levantamento bibliográfico com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa, reunindo estudos sobre Representação Temática da Informação, literatura de cordel e concepções do feminino no âmbito da Ciência da Informação e áreas correlatas.

A seguir, são apresentadas, na forma de quadro, as estratégias de busca utilizadas no levantamento das fontes bibliográficas.

Quadro 5 - BRAPCI, BDTD, Portal de Periódicos CAPES: Busca ou amostragem na literatura

Base de Dados	Estratégia de Busca (Descritores)	Resultados obtidos	Crítérios de exclusão aplicados	Resultados finais
	Representação temática AND Cordel AND feminino	0	—	0
	Representação temática AND Cordel AND mulher	0	—	0
	Representação temática OR Catalogação OR Indexação OR	Resultados inconsistentes	—	—

BRAPCI	Análise documental AND Cordel			
	Cordel AND Representação Temática	16	2 duplicados. 2 não relacionados ao tema	12
	Cordel AND Catalogação	4	3 não relacionados ao tema	1
	Cordel AND Indexação	7	1 duplicado; 1 já na lista anterior; 2 não relacionados ao tema	3
	Cordel AND Análise Documental	11	3 já listados na catalogação; 7 não relacionados ao tema	1
	Total BRAPCI	—	—	17 trabalhos
BDTD	Representação temática AND Cordel AND feminino	7	Todos da área de Letras (fora da Ciência da Informação)	0
	Cordel AND Representação Temática	29	4 duplicados; 18 não relacionados ao tema	7 (4 teses e 3 dissertações)
	Cordel AND Indexação	7	1 duplicado; 3 não relacionados; 3 já listados	0
	Cordel AND Catalogação	7	Nenhum pertinente ao tema	0
	Cordel AND Análise Documental	—	Nenhum pertinente ao tema	0
		Total BDTD	—	—
Portal de Periódicos CAPES	Cordel AND Representação Temática	11	6 já listados na BRAPCI; 5 não relacionados	0
	Cordel AND Catalogação	3	Nenhum relacionado ao tema	0
	Cordel AND Indexação	3	Todos já indexados na BRAPCI	0
	Cordel AND	15	1 duplicado; 2	0

	Análise Documental		já na BRAPCI; 12 não relacionados	
	Total CAPES	—	—	0 trabalhos novos (todos já indexados na BRAPCI)

Fonte: a própria autora.

A análise dos resultados evidenciou que a BRAPCI concentrou a maior parte dos trabalhos pertinentes à temática, totalizando 17 estudos após aplicação dos critérios de exclusão. Na BDTD, foram selecionadas 6 produções (3 teses e 3 dissertações), enquanto no Portal de Periódicos CAPES não foram identificados novos trabalhos além daqueles já recuperados na BRAPCI. Esses resultados demonstram a centralidade da BRAPCI como fonte especializada na área de Ciência da Informação e confirmam a consistência da estratégia de busca adotada.

5.2.2.1 Busca das fontes documentais

A segunda etapa da pesquisa correspondeu ao processo de definição do corpus documental, realizado a partir da base de dados disponibilizada pela Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, em formato de planilha eletrônica (Excel).

A listagem, extraída em 04/12/2025, totalizava 5.857 títulos de folhetos de cordel e continha os seguintes campos: Código de barras; Título; Classificação; Nome tipo obra; Exemplar/volume; Código da área de conhecimento; Ano de publicação; Referência. Esse conjunto constituiu o universo inicial da pesquisa.

5.2.2.2 Organização cronológica e tratamento da datação

Para a identificação dos folhetos potencialmente relevantes à investigação das representações do feminino, utilizou-se a ferramenta de filtragem do próprio Excel, adotando-se, primeiramente, a ordem cronológica como critério de organização.

Nessa ordenação, observou-se um número expressivo de registros com datação ausente, incompleta ou presumida, conforme indicado na própria base catalográfica por meio de colchetes, traços ou interrogações. A distribuição dos registros apresentou o seguinte panorama:

- 7 títulos sem qualquer indicação de data;
- 2.373 títulos com indicação de século presumido, registrada como [19--];
- 381 títulos também identificados como pertencentes ao século XX, com datação incompleta;
- 91 títulos com indicação genérica de século XX, registrados como [20--];
- 3 títulos com data provável da década de 1980 ([198-], [1981?], [1982?]);
- 2 títulos com data provável da década de 1990 ([199-], [1995?]);
- 2 títulos com data provável da década de 2000 ([2003]);
- 1 título com data provável da década de 2010 ([2012]);
- 16 títulos registrados com a data de 1900, informação que demanda conferência direta;
- 2 títulos registrados com a data de 1797, igualmente sujeitos à verificação.

No total, 4.751 títulos apresentaram algum nível de incerteza quanto à datação, e foram excluídos, restando 1.106 títulos com data explícita e passíveis de ordenação cronológica.

5.2.3 Terceira etapa: coleta de dados

Na terceira etapa procedeu-se à coleta de dados das fontes acadêmicas previamente selecionadas. Foram considerados os artigos científicos recuperados na BRAPCI e as teses e dissertações identificadas na BDTD, uma vez que a busca no Portal de Periódicos CAPES não resultou em novos trabalhos além daqueles já indexados na BRAPCI.

Optou-se por não estabelecer delimitação temporal, considerando-se a necessidade de mapear a produção científica sobre Representação Temática da Informação e sua aplicação ao cordel em perspectiva ampla.

Como critérios de inclusão, definiu-se que os trabalhos — artigos, teses e dissertações — deveriam abordar: Representação Temática da Informação; Indexação da informação; Catalogação da informação; Análise documentária; desde que articulados ao contexto da literatura de cordel e do feminino.

Para sistematização das informações coletadas, elaborou-se uma planilha de registro no Word, contendo os seguintes metadados: tipo documental; nome do periódico (quando aplicável); link de acesso; título; autoria; palavras-chave; resumo.

Para o preenchimento da planilha realizamos a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave.

Para a coleta de dados das fontes documentais, após a identificação dos folhetos com data explícita, realizou-se a leitura dos enunciados dos títulos com o objetivo de identificar ocorrências lexicais relacionadas ao universo feminino. Foram considerados como marcadores preliminares de seleção de termos que indicassem referência direta a personagens femininas, tais como nomes próprios e designações de parentesco, papéis sociais ou qualificações associadas ao feminino, entre eles: mulher, filha, mãe, sogra, irmã, tia, avó, comadre, menina, moça, velha, bruxa, piranha, puta, prostituta, meretriz, feiticeira, madama, donzela, santa, princesa, rainha e professora. Esses termos foram utilizados como marcadores lexicais iniciais, não como categorias analíticas, mas como estratégia de delimitação temática do corpus, garantindo objetividade no processo de seleção.

A partir desse procedimento, foram identificados 339 títulos potencialmente relacionados à representação do feminino. Esses títulos foram organizados conforme a década de publicação, em consonância com a proposta de análise diacrônica adotada na pesquisa.

Inicialmente, considerou-se a possibilidade de analisar aproximadamente 40% do conjunto identificado (163 títulos). Contudo, diante das limitações temporais e da necessidade de assegurar equilíbrio comparativo entre os períodos históricos, optou-se por um recorte amostral de até 10 cordéis por década nos períodos em que o volume excedia esse quantitativo.

Esse critério permitiu manter: proporcionalidade temporal, viabilidade analítica e representatividade histórica do corpus.

Ao final, o corpus analisado foi composto por 60 títulos, distribuídos da seguinte forma:

- Década de 1940: 1 cordel
- Década de 1950: 4 cordéis
- Década de 1960: 5 cordéis
- Década de 1970: 10 cordéis (de um total de 125 títulos identificados)
- Década de 1980: 10 cordéis (de um total de 112 títulos identificados)
- Década de 1990: 10 cordéis (de um total de 18 títulos identificados)
- Década de 2000: 10 cordéis (de um total de 57 títulos identificados)
- Década de 2010: 10 cordéis (de um total de 15 títulos identificados)

Esse recorte possibilitou uma análise equilibrada entre décadas com grande volume de produção e períodos com menor incidência de títulos, preservando a coerência metodológica da abordagem comparativa.

A relação dos 60 títulos que compõem o corpus analisado encontra-se apresentada no Apêndice A desta dissertação.

5.2.4 Quarta etapa: análise crítica dos dados coletados

Após a seleção dos artigos, teses e dissertações que atenderam aos critérios previamente definidos, procedeu-se à análise crítica do conjunto recuperado.

A busca inicial na BRAPCI utilizando a combinação “Representação temática AND cordel AND feminino OR mulher” não retornou resultados, indicando a ausência de estudos que articulem explicitamente a Representação Temática da Informação ao feminino no contexto do cordel. Esse dado aponta para uma ainda limitada exploração da temática sob essa perspectiva específica na área da Ciência da Informação.

Na sequência, a busca com os descritores “Representação Temática AND Cordel” resultou em 16 registros, dos quais 12 permaneceram após aplicação dos critérios de exclusão. As buscas complementares com os termos “catalogação”, “indexação” e “análise documental” aplicados ao cordel resultaram na seleção de 5 trabalhos adicionais, totalizando 17 estudos na BRAPCI.

Quadro 6 - BRAPCI: Resultado buscas

BRAPCI	
Artigos	11
Trabalhos completos apresentados em eventos	4
Resumos de tese	1
Relatos de pesquisa	1
Total	17

Fonte: a própria autora (2025).

Na BDTD, a aplicação dos descritores “Representação Temática”, “Cordel”, “Análise documental”, “Indexação” e “Catalogação” resultou na seleção de 7 trabalhos acadêmicos (4 teses e 3 dissertações).

Quadro 7 - BDTD: Resultado das buscas

BDTD	
Teses	4
Dissertações	3
Total	7

Fonte: a própria autora (2025)

Em razão do número reduzido de estudos diretamente relacionados ao tema, optou-se por apresentar as teses e dissertações recuperadas em quadro síntese, destacando informações essenciais para análise comparativa.

Quadro 8 - BDTD: Teses e dissertações

Tipo	Ano	Título	Autor	Palavras-chave	Programa
1 Tese	2023	A representação temática da literatura de Cordel à luz da Teoria dos Campos Lexicais	PAIVA, Andréia Del Conte de.	Competência em informação. Formação para a competência em informação. Crenças de autoeficácia. Motivação. Gerações.	Universidade Estadual de Londrina - Ciência da Informação
2 Tese	2023	Representação Temática da Informação no contexto da saúde em folhetos de cordel de Manoel Monteiro	LAGE, Sandra Regina Moitinho.	Representação Temática da Informação; Saúde; Literatura de Cordel; Teoria do Campo Lexical. Confiabilidade Informacional.	Universidade Estadual de Londrina - Ciência da Informação
3 Dissertação	2022	Representação temática do cordel de circunstância à luz da verossimilhança	DIAS, Karcia Lúcia Oliveira.	Representação temática da informação; cordel de circunstância; verossimilhança ; semântica discursiva	Universidade Federal da Paraíba - Ciência da informação
4 Dissertação	2022	Poeta Antônio Apolinário da Cruz: traços biográficos e temáticos na literatura de cordel	SOUZA, Ana Cleide Patricio de.	Representação temática da informação; literatura de cordel; Antônio Apolinário da Cruz	Universidade Federal da Paraíba - Ciência da informação

5	Tese	2019	Indexação de xilogravuras em versos: a representação entre o real e o imaginário coletivo	SANTOS, Raimunda Fernanda dos.	Indexação de imagens; Xilogravuras de cordel; Semântica Discursiva; Folksonomia; Informação imagética	Universidade Federal da Paraíba - Ciência da Informação
6	Dissertação	2016	Percurso temático e figurativo na literatura de cordel	SANTOS, Charlene Maria dos.	Literatura de Cordel; Memória; Semântica Discursiva; Percurso Temático e Figurativo; Organização do Conhecimento	Universidade Federal de Pernambuco - Ciência da Informação
7	Tese	2011	Literatura Popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica	ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Balthar Carneiro.	Literatura Popular de Cordel; Discursivização; Classificação Bibliográfica	Universidade Federal da Paraíba - Programa de Pós-Graduação em Letras

Fonte: a própria autora (2025)

Dos sete trabalhos identificados na BDTD, cinco foram posteriormente publicados sob a forma de artigos e encontram-se indexados na BRAPCI, sendo incorporados ao conjunto já contabilizado nessa base. Permaneceram como produções exclusivas da BDTD as teses de Albuquerque (2011) e Paiva (2023), as quais também integram o corpus de análise.

5.2.4.1 Análise interpretativa

A análise crítica das fontes acadêmicas evidência que os estudos sobre literatura de cordel na Ciência da Informação concentram-se predominantemente na Representação Temática da Informação, na indexação e na organização do conhecimento, com forte presença de abordagens fundamentadas em modelos semânticos, especialmente a teoria dos campos lexicais e a semântica discursiva.

Observa-se, contudo, que a maioria das pesquisas se direciona a aspectos gerais da temática do cordel, a aplicações em domínios específicos (como saúde), estudos sobre memória, classificação bibliográfica ou representação imagética. Não

foram identificadas investigações que tomem o feminino como eixo central de análise sob a perspectiva da Representação Temática da Informação nas bases consultadas.

Esse panorama revelou uma lacuna no tratamento temático das questões de gênero no cordel no âmbito da Ciência da Informação, reforçando a pertinência e a contribuição da presente pesquisa ao propor uma análise sistemática do vocabulário utilizado para caracterizar o feminino nos folhetos da BC/UEL.

Em relação as fontes documentais, nesta etapa, foram definidas as informações a serem extraídas do corpus selecionado, tomando como fundamento os princípios da Análise documentária e da Representação Temática da Informação. Esses processos compreendem operações sistemáticas de leitura, seleção, identificação e organização de conteúdos, com vistas à construção de representações temáticas consistentes dos documentos, conforme discutem Kobashi (1996) e Guimarães (2003).

No âmbito desta pesquisa, a leitura dos folhetos não se restringiu ao enredo narrativo, mas concentrou-se na identificação dos termos, expressões e características atribuídos às personagens femininas, entendidos como unidades lexicais relevantes para a construção das categorias analíticas. Tal procedimento permitiu articular o conteúdo textual à organização conceitual proposta, assegurando coerência entre a análise empírica e os pressupostos teóricos da Ciência da Informação.

5.2.4.2 Justificativa do procedimento de seleção do corpus

O procedimento de seleção do corpus baseou-se inicialmente na aplicação de um filtro lexical aos títulos constantes na base de dados fornecida pela Biblioteca Central. Essa estratégia foi adotada por considerar o título como um dos principais elementos de condensação temática do documento, funcionando como indicador semântico preliminar de seu conteúdo e orientando a identificação de obras potencialmente relacionadas ao universo feminino.

A aplicação desse critério resultou na identificação de 339 títulos com possíveis referências ao feminino. Contudo, considerando a complexidade e a profundidade do procedimento analítico adotado — que envolve leitura integral dos textos, extração literal de termos, atribuição de campos semânticos, construção de categorias temáticas e elaboração de justificativas individuais — optou-se pela definição de um

recorte amostral proporcional por década, resultando em um corpus final composto por 60 cordéis.

Essa delimitação metodológica teve como objetivo assegurar a viabilidade analítica, a consistência e o rigor da análise, permitindo um exame aprofundado das representações do feminino no corpus selecionado, em consonância com os objetivos da pesquisa e com o tempo disponível para sua realização.

5.2.4.3 Limitações do método

Reconhecem-se limitações inerentes ao método adotado, especialmente no que se refere ao uso do título como critério inicial de seleção do corpus. Embora o título constitua importante elemento de condensação do documento, nem todas as representações femininas se encontram explicitadas nesse nível textual, podendo manifestar-se apenas no desenvolvimento narrativo do texto.

Assim, cordéis que abordam personagens femininas de modo indireto, implícito ou secundário podem não ter sido contemplados na etapa inicial de seleção. Conseqüentemente, é possível que cordéis cuja abordagem do feminino não esteja lexicalmente marcada no título não tenham sido contemplados na etapa preliminar de filtragem.

O critério lexical empregado deve, portanto, ser compreendido como marcador inicial de pertinência temática, e não como mecanismo exaustivo de identificação das representações do feminino no conjunto documental disponível.

5.2.4.4 Definição das informações extraídas

A partir do corpus selecionado, procedeu-se à organização e sistematização das seguintes informações:

- Identificação dos títulos e dados bibliográficos básicos (autor e data);
- Resumo do conteúdo narrativo;
- Levantamento dos termos e características atribuídos às personagens femininas;
- Classificação temática das representações identificadas.

No que se refere ao levantamento dos termos e características, importa destacar que esse procedimento não se limitou à mera extração lexical. Conforme

discutido no item 2.2, a identificação de termos envolve a apreensão dos conceitos que estruturam o conteúdo temático do documento, distinguindo-se a ocorrência linguística do conceito que ela expressa (Dahlberg, 1978).

Desse modo, os termos identificados nos textos foram analisados não apenas como unidades vocabulares isoladas, mas como manifestações linguísticas de conteúdos conceituais, considerados à luz do contexto narrativo em que se inserem. Essa distinção possibilitou a posterior organização dos elementos levantados em campos semânticos, entendidos como conjuntos de termos que compartilham traços de sentido comuns, bem como a construção das categorias analíticas que estruturam a representação do feminino no corpus.

Esse procedimento culminou na elaboração de quadros analíticos individuais reunidos no Apêndice B, nos quais se sistematizam, para cada cordel, dados cronológicos, termos e características atribuídos às personagens femininas, campos semânticos ativados e a categoria de representação predominante. Essa sistematização constitui a base estruturante da análise temática desenvolvida neste capítulo.

5.2.4.5 Construção da lista-base de campos semânticos

A análise temática das representações do feminino exigiu a construção de uma lista-base de campos semânticos que orientasse a organização e a classificação dos termos extraídos dos folhetos de cordel. Essa lista foi elaborada a partir de um procedimento indutivo, fundamentado na leitura integral do corpus selecionado e no levantamento sistemático dos termos e expressões explicitamente atribuídos às personagens femininas.

Os campos semânticos não foram definidos a priori. Ao contrário, foram construídos progressivamente, à medida que se identificavam recorrências lexicais e padrões de atribuição de sentido ao feminino no interior dos textos. Tal procedimento permitiu que a organização conceitual emergisse da materialidade textual, respeitando os princípios da Análise Documentária e da Representação Temática da Informação.

A definição de cada campo considerou a função discursiva dos termos no contexto narrativo em que aparecem, evitando a introdução de inferências externas ou categorias conceituais não ancoradas explicitamente nos folhetos. Desse modo, a

constituição dos campos semânticos buscou preservar a fidelidade ao corpus e assegurar coerência metodológica.

Cada termo identificado foi alocado em apenas um campo semântico, em conformidade com o princípio da não sobreposição categorial, garantindo consistência analítica e padronização na organização temática. A lista-base resultante funcionou como instrumento metodológico estruturante da pesquisa, orientando a etapa de categorização dos cordéis e assegurando comparabilidade entre as obras analisadas.

O Quadro 9 apresenta a lista-base de campos semânticos construída a partir do corpus.

Quadro 9 - Lista-base de campos semânticos utilizados na análise

Nº	Campo semântico	Definição	Exemplos de termos
1	Sofrimento emocional	Termos que expressam dor emocional, tristeza, angústia ou padecimento psicológico da personagem feminina.	infeliz; triste; angustiada; penar; chorar; saudade
2	Sofrimento físico	Termos que indicam dor corporal, enfermidade, ferimentos ou degradação física.	ferida; torturada; sangrava; corpo chagado; doença
3	Vulnerabilidade	Termos que indicam fragilidade, submissão, humilhação ou exposição à violência.	vítima; humilhada; explorada; submissa
4	Desvalorização social	Termos que produzem rebaixamento simbólico da personagem feminina por condição social ou marginalização.	pobre; velha; desprezada; marginalizada
5	Desqualificação moral	Termos que atribuem juízos morais negativos ao caráter ou comportamento da personagem feminina.	sem vergonha; danada; traiçoeira; cabeça virada
6	Hostilidade / agressividade	Termos que indicam comportamento agressivo, violento ou de enfrentamento.	enfrenta; surra; agressiva
7	Animalização	Termos que associam a personagem feminina a animais ou traços bestiais, produzindo desumanização simbólica.	cobra; serpente; mulher-serpente
8	Demonização	Termos que vinculam a personagem feminina ao mal religioso ou a forças demoníacas.	endemoniada; ligada ao Diabo; amaldiçoada
9	Papel social feminino	Termos que identificam a posição relacional, familiar ou social da mulher na narrativa.	esposa; mãe; filha; princesa; parteira
10	Maternidade	Termos relativos à gravidez, ao parto ou à relação mãe-filho.	gravidez; parto; deu à luz; mãe
11	Idealização estética	Termos que exaltam positivamente a aparência física ou atributos estéticos da personagem feminina.	linda; formosa; brilho reluzente; beleza restaurada

12	Pureza	Termos associados à castidade, inocência sexual ou ideal de pureza moral feminina.	virgem; donzela; pura
13	Virtude moral	Termos que valorizam eticamente a conduta humana da personagem feminina.	honestas; dedicada; corajosa; cuidadosa
14	Sacralização	Associação da personagem feminina à santidade reconhecida formalmente pela Igreja Católica.	santa canonizada; padroeira; beatificada
15	Autonomia e inserção social	Termos que indicam atuação social, trabalho, liderança ou autonomia prática da mulher.	independente; líder comunitária; vive sem homem
16	Encantamento sobrenatural	Condição da personagem feminina submetida a feitiço ou estado sobrenatural.	encantada; visagem; presa a feitiço; quebra do encanto
17	Santidade simbólica	Atribuição discursiva e metafórica da condição de santa como elogio moral, sem reconhecimento institucional.	essa mulher é uma santa; santa viva; santa sem altar
18	Religiosidade	Vivência ou prática de fé da personagem feminina, sem implicar santidade institucional.	religiosa; mulher de fé; reza; oração; frequenta culto

Fonte: a própria autora.

A lista-base de campos semânticos apresentada no Quadro 9 orientou a classificação dos termos extraídos dos folhetos de cordel e fundamentou a construção das categorias de representação do feminino. Ressalta-se que a atribuição dos campos semânticos considerou sempre o contexto narrativo em que os termos aparecem, evitando interpretações isoladas ou deslocadas do texto.

Os exemplos listados em cada campo não esgotam as ocorrências identificadas no corpus, funcionando apenas como ilustração dos tipos de termos alocados em cada conjunto semântico. A listagem integral das ocorrências encontra-se sistematizada na etapa analítica, conforme apresentado no capítulo seguinte.

5.2.4.6 Construção das categorias de representação do feminino

No contexto desta pesquisa, entende-se por categoria uma unidade analítica resultante das operações de seleção, organização e representação do conteúdo temático dos textos. Tal compreensão fundamenta-se na perspectiva de que a elaboração da informação documentária envolve procedimentos de leitura, seleção e representação do conteúdo informacional, conferindo-lhe nova forma para fins de organização e análise (Kobashi, 1996).

Diferentemente dos campos semânticos, que operam no nível da proximidade lexical e conceitual, agrupando termos por traços de sentido comuns, as categorias situam-se em um nível interpretativo mais abrangente, correspondendo aos modelos de representação que emergem da articulação predominante entre diferentes campos semânticos no interior das narrativas. Essa distinção dialoga com a concepção de que o termo constitui a expressão linguística de um conceito, inserido em estruturas mais amplas de organização do conhecimento (Dahlberg, 1978).

A definição das categorias foi realizada de maneira indutiva, a partir da leitura integral dos textos e da análise da distribuição dos campos semânticos identificados em cada folheto. A categoria não decorre de um termo isolado, mas da articulação predominante entre campos semânticos no contexto narrativo, considerada sua recorrência e centralidade na construção da personagem feminina. Assim, a predominância de determinados campos possibilita a identificação de modelos recorrentes de representação do feminino no corpus.

A construção das categorias também dialoga com procedimentos empregados em estudos sobre literatura de cordel no âmbito da Ciência da Informação. Dias, Belisário e Albuquerque (2013) demonstram que os temas emergem da articulação entre figuras recorrentes no texto, responsáveis por figurativizar conteúdos temáticos. De modo semelhante, nesta pesquisa, a identificação dos campos semânticos e sua recorrência em cada folheto possibilitaram a construção de categorias interpretativas correspondentes aos modelos de feminino predominantes nas narrativas.

Cada cordel foi classificado em uma única categoria predominante, respeitando o princípio da coerência interna e evitando sobreposição categorial. Esse procedimento permitiu articular três níveis analíticos, lexical (termos), conceitual (campos semânticos) e interpretativo (categorias), assegurando consistência metodológica ao processo de Representação Temática da Informação aplicado ao corpus.

Desse modo, a categoria constitui a expressão sintética da organização temática identificada no documento, não como imposição externa, mas como resultado do próprio material analisado.

5.2.5 Quinta etapa: análise e interpretação dos resultados

Concluída a aplicação dos procedimentos metodológicos descritos anteriormente, procede-se à análise e interpretação dos resultados obtidos nas fontes acadêmicas e documentais, com o objetivo de compreender como a Representação Temática da Informação tem sido aplicada à literatura de cordel e em que medida tais abordagens contemplam — ou não — a representação do feminino como eixo analítico específico. Essa análise permitirá situar a presente pesquisa no panorama da área, evidenciando aproximações, distinções metodológicas e lacunas temáticas.

A análise das fontes acadêmicas teve como finalidade examinar de que modo os estudos produzidos na área da Ciência da Informação têm abordado o tratamento temático da literatura de cordel, buscando identificar tendências metodológicas e possíveis lacunas relacionadas à representação do feminino.

a) Estudos voltados a classificação temática geral do cordel

Entre os estudos voltados à classificação temática geral da literatura de cordel, destaca-se a tese de Albuquerque (2011), que propôs a construção de vinte e sete classes temáticas a partir da análise de 1.250 folhetos, fundamentando-se na Semiótica Greimasiana. A pesquisa evidencia a possibilidade de sistematização classificatória do gênero, organizando os temas recorrentes do cordel para fins de recuperação da informação em acervos especializados.

Essa proposta contribuiu significativamente para a consolidação de parâmetros de organização temática da literatura de cordel no âmbito da Ciência da Informação, ao oferecer um modelo estruturado de classes temáticas aplicável a bibliotecas e centros de documentação.

Na mesma direção, estudos posteriores, como o de Albuquerque *et al.* (2023), avançam na criação de bases de dados e no mapeamento conceitual para a elaboração de um tesouro da literatura de cordel, igualmente estruturado a partir de classes temáticas identificadas nos folhetos. Tais iniciativas reforçam o esforço da área em consolidar instrumentos de organização do conhecimento voltados ao gênero.

Nesse sentido, a presente pesquisa dialoga com essas iniciativas ao adotar a leitura textual como base para a identificação de temas, mas diferencia-se por delimitar um objeto específico — a representação do feminino — e por construir

categorias interpretativas derivadas da articulação entre campos semânticos identificados no corpus.

b) Estudos fundamentados na semântica discursiva

Outro conjunto de pesquisas na área da Ciência da Informação tem recorrido à semântica discursiva como instrumento metodológico para a identificação e organização temática da literatura de cordel.

Dias, Belisário e Albuquerque (2013), ao analisarem as pelejas na literatura de cordel, aplicaram os procedimentos de tematização e figurativização para identificar oitenta e dois temas recorrentes em setenta e seis folhetos pertencentes à classe temática “pelejas”. O estudo evidencia que a articulação entre figuras presentes no texto permite explicitar conteúdos temáticos subjacentes, contribuindo para maior rigor na indexação.

Observa-se, entretanto, que essas propostas se concentram na classificação temática ampla da literatura de cordel, buscando abarcar a diversidade de assuntos presentes no gênero. Não se verifica, nesses estudos, a delimitação de um eixo específico de análise voltado às representações sociais — como o feminino — nem a construção de categorias interpretativas centradas em um recorte temático particular.

Na mesma perspectiva teórico-metodológica, Santos e Pinho (2018) aplicaram o percurso temático e figurativo na análise de folhetos de J. Borges, demonstrando que a identificação das figuras recorrentes e sua articulação temática permite evidenciar os conteúdos centrais das narrativas. O estudo reforça a contribuição da semântica discursiva como instrumento para a leitura técnica de textos literários, especialmente em gêneros marcados por linguagem figurada e elevada carga simbólica, como o cordel.

Também Santos (2020), ao investigar a indexação de xilogravuras à luz da semântica discursiva, amplia essa abordagem ao campo imagético, articulando figurativização e tematização na análise de elementos visuais presentes nas capas dos folhetos. A pesquisa evidencia a necessidade de métodos que considerem a complexidade simbólica do cordel, particularmente quando o objeto de análise extrapola o texto verbal.

De modo semelhante, Dias e Albuquerque (2022), ao estudarem o cordel de circunstância sob a perspectiva da verossimilhança, empregam a semântica discursiva para mapear relações entre fatos narrados e acontecimentos reais,

reforçando a aplicabilidade dessa abordagem na identificação temática de textos que dialogam com contextos sociais específicos.

Esses estudos demonstram que a semântica discursiva tem se consolidado como importante referencial metodológico para o tratamento temático da literatura de cordel na Ciência da Informação, especialmente no que se refere à identificação de temas e à organização de classes temáticas. Contudo, embora avancem na sistematização da análise temática, tais pesquisas não delimitam recortes centrados na representação do feminino como eixo interpretativo específico.

Sob essa perspectiva, a presente pesquisa aproxima-se dessas abordagens ao reconhecer a relevância da articulação entre figuras e temas na construção do sentido, mas diferencia-se ao estruturar a análise a partir da organização de campos semânticos voltados especificamente à caracterização do feminino, culminando na construção de categorias interpretativas centradas nesse recorte.

c) Estudos voltados à indexação e práticas profissionais

Outro conjunto de pesquisas concentra-se nas práticas de indexação e na adaptação de instrumentos de organização da informação às especificidades da literatura de cordel.

Maia e Albuquerque (2014), ao investigarem o uso da análise da informação nos processos de indexação do cordel, destacam a importância da leitura técnica e da extração criteriosa de termos para assegurar qualidade na representação temática. O estudo enfatiza a necessidade de procedimentos sistemáticos capazes de reduzir a subjetividade e aprimorar a recuperação da informação.

Na mesma direção, Melo, Pinto e Trèzze (2017) discutem as peculiaridades da catalogação de folhetos no repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI), evidenciando a necessidade de customização de metadados para contemplar características específicas do gênero, como xilogravuras e elementos estruturais próprios do cordel.

Também Maia, Oliveira e Neves (2017) analisam o processo de indexação por meio de mapas conceituais, evidenciando diferenças nas escolhas terminológicas realizadas por indexadoras e reforçando o caráter interpretativo da atividade de representação temática.

Esses estudos contribuem para o aprimoramento das práticas profissionais de tratamento temático da literatura de cordel, ao evidenciar desafios metodológicos e

operacionais envolvidos na indexação do gênero. Contudo, concentram-se na análise de procedimentos técnicos e decisórios da indexação, não se voltando à investigação de recortes temáticos específicos, como a representação do feminino nas narrativas.

Á luz dessas discussões, a presente pesquisa dialoga com essas contribuições ao reconhecer a centralidade da leitura técnica e da extração lexical no processo de representação temática, mas diferencia-se ao estruturar uma proposta analítica voltada à construção de categorias interpretativas centradas em um eixo temático delimitado.

d) Estudos fundamentados na Teoria do Campo Lexical (TCL)

Nos anos mais recentes, observa-se o fortalecimento de pesquisas que incorporam a Teoria do Campo Lexical (TCL) como recurso metodológico para a identificação temática da literatura de cordel. Essa abordagem parte do reconhecimento de conjuntos de palavras pertencentes a um mesmo domínio conceitual como estratégia para evidenciar o tema central dos folhetos.

Lunardelli, Paiva e Lage (2023), ao proporem a utilização da TCL para o tratamento temático do cordel, destacam que a identificação de campos lexicais auxilia na delimitação do assunto principal das obras, especialmente em textos marcados por linguagem figurada e elevada carga simbólica. As autoras demonstram que a organização de termos por proximidade semântica contribui para maior precisão na representação temática.

Na mesma perspectiva, Paiva (2023), em sua tese sobre a representação temática da literatura de cordel à luz da Teoria dos Campos Lexicais, valida a aplicabilidade da TCL como procedimento metodológico para a identificação de assuntos em folhetos, evidenciando sua eficácia na sistematização do tratamento temático.

Também Lage e Lunardelli (2020), ao analisarem a representação temática da Covid-19 em cibercordéis, utilizam a TCL para identificar conjuntos lexicais associados à temática da saúde, demonstrando a viabilidade da abordagem na análise de temas específicos no contexto do cordel.

Essas pesquisas evidenciam o avanço metodológico na área ao incorporar instrumentos linguísticos para apoiar a identificação temática de textos literários. Entretanto, embora trabalhem com campos lexicais e com a sistematização de temas específicos, não delimitam a representação do feminino como eixo central de análise,

nem constroem categorias interpretativas voltadas à caracterização das personagens femininas.

Nesse sentido, a presente pesquisa aproxima-se dessas abordagens ao organizar termos por proximidade semântica; contudo, diferencia-se ao estruturar uma lista-base de campos semânticos construída indutivamente a partir do corpus e ao utilizar essa organização como fundamento para a elaboração de categorias de representação do feminino.

Em relação a interpretação das fontes documentais fundamentou-se na aplicação dos procedimentos da Representação Temática da Informação aos folhetos de cordel selecionados. Inicialmente, realizou-se a leitura técnica dos folhetos, a partir da qual foram identificadas as personagens femininas e extraídos os termos e expressões empregados para caracterizá-las. Esses elementos lexicais constituíram a base empírica da investigação do vocabulário associado ao feminino.

Em seguida, os termos foram organizados por aproximação de sentido, formando campos semânticos que evidenciam núcleos de significação recorrentes. A articulação desses campos permitiu identificar os tipos de mulher representados no corpus, compreendidos como modelos de representação do feminino construídos a partir do léxico mobilizado nos textos.

A organização dos termos em campos semânticos e a posterior atribuição das categorias possibilitaram a sistematização das representações identificadas, assegurando coerência metodológica entre os níveis lexical, conceitual e interpretativo da análise. Esses procedimentos fundamentam a análise dos resultados apresentada no capítulo seguinte.

6 ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DO FEMININO

Este capítulo desenvolve a análise da Representação Temática da Informação do feminino nos folhetos de cordel que compõem a coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (BC/UEL). A análise apoia-se nos dados sistematizados nas etapas metodológicas anteriores, resultantes da extração dos termos e expressões atribuídos às personagens femininas, da organização em campos semânticos e da construção das categorias temáticas.

Os dados foram organizados por décadas de publicação, o que possibilitou identificar padrões recorrentes, permanências e deslocamentos nas formas de caracterização do feminino ao longo do tempo. A leitura analítica concentra-se nos efeitos de sentido produzidos pela articulação dos campos semânticos identificados, tomando a materialidade linguística dos cordéis como eixo central da interpretação. Dessa forma, a análise fundamenta-se nos elementos internos ao corpus, evidenciando como a linguagem mobilizada nos folhetos estrutura e atualiza modelos de representação do feminino na literatura de cordel.

6.1 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS E CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

A análise dos folhetos de cordel permitiu identificar diferentes categorias de representação do feminino, construídas a partir da articulação dos campos semânticos observados em cada obra. As categorias não foram estabelecidas de forma prévia, mas resultaram do levantamento dos termos e das características explicitamente atribuídos às personagens femininas nos textos. Esse procedimento possibilitou a síntese temática das representações predominantes em cada cordel, respeitando a materialidade linguística do corpus analisado

As categorias identificadas expressam diferentes modelos de construção do feminino, construídos a partir da articulação predominante dos campos semânticos identificados no corpus. O conjunto dessas categorias é apresentado de forma sintética no Quadro 10, que sistematiza as categorias identificadas, os campos semânticos predominantes e a descrição das representações construídas no corpus analisado. Tais categorias são discutidas ao longo deste capítulo por meio de exemplos representativos, considerando sua distribuição temporal e os campos semânticos que as sustentam.

Quadro 10 - Categorias de representação do feminino identificadas no corpus

Nº	Categoria	Campos semânticos predominantes	Síntese da representação
1	Mulher abduzida	Papel social feminino; Vulnerabilidade	Mulher retirada forçadamente do convívio social por evento extraordinário, com perda de autonomia.
2	Mulher artista	Autonomia e inserção social	Mulher definida por atuação no campo artístico e produção cultural.
3	Mulher bruxa	Demonização; Desqualificação moral	Mulher associada a forças malignas e transgressão espiritual.
4	Mulher castigada	Sufrimento físico; Vulnerabilidade	Mulher submetida a punição física ou moral no enredo.
5	Mulher cidadã de direitos	Autonomia e inserção social	Mulher afirmada como sujeito político e social no espaço público.
6	Mulher donzela	Pureza (campo central) Idealização estética	Mulher representada como jovem e solteira, associada à pureza e à castidade no contexto narrativo. A personagem é construída por meio da idealização estética e da valorização moral de sua inocência e honra.
7	Mulher em evolução espiritual	Religiosidade; Virtude moral	Personagem marcada por trajetória de aperfeiçoamento moral e espiritual.
8	Mulher enfeitizada	Encantamento sobrenatural; Vulnerabilidade	Mulher vítima de feitiço ou malefício que altera sua condição social.
9	Mulher escravizada	Vulnerabilidade; Desvalorização social	Mulher submetida à dominação extrema e perda de autonomia.
10	Mulher esposa virtuosa	Papel social feminino; Virtude moral	Mulher idealizada no papel conjugal e associada à honra e integridade.
11	Mulher exaltada pela beleza	Idealização estética	Mulher definida pela exaltação da beleza física.
12	Mulher faladeira	Desqualificação moral	Mulher criticada moralmente por comportamento verbal excessivo.
13	Mulher feiticeira	Encantamento sobrenatural; Religiosidade	Mulher que pratica rituais mágicos no contexto narrativo.
14	Mulher grávida demonizada	Demonização; Maternidade	Gravidez associada à influência demoníaca ou desordem moral.
15	Mulher guardiã de saberes tradicionais	Virtude moral; Autonomia	Mulher associada à preservação e transmissão de saberes populares.
16	Mulher guerreira	Autonomia e inserção social	Mulher representada como figura de luta e resistência social.
17	Mulher heroína	Hostilidade/agressividade; Autonomia	Mulher que participa de combate armado e é reconhecida simbolicamente.

18	Mulher indígena	Papel social feminino; Idealização estética	Mulher identificada por pertencimento étnico e identidade cultural.
19	Mulher intelectual	Autonomia e inserção social	Mulher associada à produção e circulação do conhecimento formal.
20	Mulher interesseira	Desqualificação moral	Mulher definida pela busca de vantagem material ou poder.
21	Mulher lésbica	Papel social feminino; Autonomia	Mulher cuja relação afetiva se dirige a outra mulher.
22	Mulher líder religiosa	Religiosidade; Autonomia	Mulher investida de autoridade espiritual reconhecida publicamente.
23	Mulher mãe	Maternidade; Virtude moral	Mulher representada a partir da função materna.
24	Mulher mãe de proveta	Maternidade; Autonomia	Mulher cuja maternidade decorre de reprodução assistida.
25	Mulher midiática sexualizada	Idealização estética; Desvalorização social	Mulher associada à exposição corporal no universo midiático.
26	Mulher moderna	Autonomia e inserção social	Mulher vinculada a comportamentos contemporâneos e novos espaços sociais.
27	Mulher monstro	Animalização; Demonização	Mulher representada de forma desumanizada e ameaçadora.
28	Mulher princesa	Papel social e Idealização estética	Mulher representada como filha do rei, cuja condição aristocrática estrutura a disputa narrativa. A personagem é idealizada por meio da pureza, da beleza e da elevação moral associadas à nobreza.
29	Mulher princesa encantada	Idealização estética; Encantamento sobrenatural	Mulher associada à nobreza simbólica e condição de encantamento.
30	Mulher prostituta	Desvalorização social; Vulnerabilidade	Mulher vinculada à prostituição e à marginalização social.
31	Mulher provedora	Autonomia e inserção social	Mulher responsável pelo sustento próprio ou familiar.
32	Mulher religiosa	Religiosidade; Virtude moral	Mulher marcada pela vivência cotidiana da fé.
33	Mulher sábia	Virtude moral; Autonomia	Mulher associada ao saber e à experiência valorizada.
34	Mulher santa	Santidade simbólica; Virtude moral	Mulher reconhecida formalmente como santa no âmbito católico.
35	Mulher sogra demonizada	Demonização; Desqualificação moral	Sogra representada de forma negativa e associada a conflitos familiares.
36	Mulher transgressora	Desqualificação moral; Autonomia	Mulher que rompe normas sociais ou comportamentais.

37	Mulher trocada/objetificada	Desvalorização social; Vulnerabilidade	Mulher tratada como objeto de troca ou substituição.
38	Mulher vítima de violência doméstica	Vulnerabilidade; Sofrimento físico	Mulher submetida a agressão no âmbito conjugal ou familiar.
39	Mulher velha desvalorizada	Desvalorização social (campo central); Desqualificação moral	Mulher caracterizada pela velhice associada ao rebaixamento simbólico e à desvalorização social no enredo.

Fonte: a própria autora.

O quadro apresentado oferece uma visão geral das categorias construídas a partir do corpus analisado. Na sequência, apresenta-se um exemplo de análise temática, centrado na categoria “Mulher mãe”, com o objetivo de explicitar, de forma aplicada, o funcionamento do procedimento metodológico adotado.

6.2 EXEMPLO DE ANÁLISE TEMÁTICA: A CATEGORIA “MULHER MÃE”

O Quadro 11 apresenta um exemplo de cordel analisado no qual se observa a articulação dos campos semânticos que fundamentam a categoria “Mulher Mãe”, permitindo visualizar o procedimento de análise temática adotado nesta pesquisa.

Quadro 11 - Cordel década de 1940

Título	A mulher que deu à luz na fila do açúcar!
Data	Maio de 1947
Autor	Clério Francisco dos Santos
Resumo	Narra a história de Antonieta, uma mulher grávida que, em meio à escassez de alimentos no país, entra em trabalho de parto enquanto aguarda em uma fila para comprar açúcar.
Termos e características	Deu à luz; pobre (afetivo); infeliz; coitada; ligeira; astuta; pobrezinha (afetivo); humilhada; cansada.
Campos semânticos	Sofrimento emocional: infeliz; cansada; Vulnerabilidade: coitada; pobrezinha; humilhada Maternidade: deu à luz
Categoria	Mulher mãe

Fonte: a própria autora.

A categoria “Mulher mãe” foi atribuída a partir da articulação predominante dos campos semânticos de maternidade, sofrimento emocional e vulnerabilidade, identificados nos termos e expressões associados à personagem feminina. A centralidade da experiência do parto, associada a condições de escassez e humilhação, configura a maternidade como eixo estruturante da representação, ainda que marcada por dor e exaustão.

O exemplo apresentado explicita o procedimento de análise temática adotado nesta pesquisa, evidenciando a articulação entre termos, campos semânticos e categoria interpretativa. Todos os 60 folhetos que compõem o corpus foram submetidos ao mesmo procedimento, resultando na elaboração de quadros analíticos individuais para cada obra, nos quais se registram título, data, resumo, termos e características, campos semânticos ativados e categoria atribuída. Em razão da extensão desse material, os quadros completos encontram-se reunidos no Apêndice B. No corpo do texto, a análise passa a considerar a distribuição e a recorrência das categorias ao longo do tempo, organizando-se por décadas.

6.3 DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

A observação das categorias de representação do feminino sob perspectiva diacrônica permite identificar permanências, deslocamentos e reconfigurações na organização temática do corpus ao longo das décadas analisadas. As categorias não se distribuem de maneira homogênea no tempo; sua ocorrência revela variações na ativação dos campos semânticos que estruturam a construção discursiva das personagens femininas.

Considerando o conjunto do corpus (1940–2019), verifica-se que determinados campos semânticos mantêm presença recorrente ao longo das décadas, especialmente aqueles vinculados à vulnerabilidade e ao sofrimento emocional. Esses campos configuram uma base estruturante da representação do feminino, frequentemente associada a experiências de dor, submissão, privação ou exposição a situações de conflito.

Entre os campos de presença transversal destaca-se também “Papel social feminino”, que não opera apenas como marcador relacional. Ao definir a mulher como mãe, esposa, filha, princesa ou sogra, o campo estrutura expectativas normativas de conduta, estabelecendo parâmetros implícitos de comportamento considerados adequados ou desviantes. Nesse sentido, funciona como eixo regulador da representação, a partir do qual outros campos — como desqualificação moral, vulnerabilidade ou virtude moral — passam a ser ativados.

A análise transversal dos campos semânticos evidencia que a transformação das categorias ao longo do tempo não implica substituição dos eixos estruturais, mas

reorganização de suas articulações. Mesmo nas décadas em que se intensificam campos como “Autonomia e inserção social”, “Virtude moral” e “Religiosidade”, os campos ligados à vulnerabilidade e ao sofrimento não desaparecem, coexistindo com novos elementos de valorização e atuação feminina.

Por outro lado, campos como “Demonização” e “Animalização” apresentam maior incidência nas décadas de 1970 e 1980, vinculando-se a narrativas punitivas ou moralizantes. Já nas décadas mais recentes, observa-se ampliação de categorias relacionadas à atuação social, liderança e diversidade de papéis femininos, indicando deslocamentos na organização temática do corpus.

A consolidação quantitativa das categorias confirma a dispersão representacional: o corpus é composto por 39 categorias distribuídas em 60 cordéis, sendo que apenas algumas apresentam recorrência mais significativa, destacando-se “Mulher transgressora” (5 ocorrências), “Mulher monstro” (4 ocorrências) e “Mulher princesa encantada” e “Mulher enfeitada” (3 ocorrências cada). A maioria das categorias registra ocorrência única ou baixa frequência, indicando pluralidade temática e ausência de predominância hegemônica na construção do feminino ao longo do período analisado.

Desse modo, a representação do feminino na coleção da BC/UEL não se organiza por substituição linear de modelos, mas por sobreposição e rearticulação de campos semânticos ao longo do tempo. O quadro completo com a distribuição das frequências encontra-se no Apêndice C. Na sequência, procede-se à análise detalhada das categorias por década, a fim de examinar como esses campos se articulam concretamente em cada período e como se configuram, em contexto narrativo específico, as representações predominantes do feminino.

6.4 DÉCADA DE 1940: CATEGORIA DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

A década de 1940 é representada, no corpus analisado, por um único folheto de cordel. Embora numericamente restrito, o material permite observar uma configuração temática significativa, pois reúne campos semânticos que permanecem ativos em períodos posteriores.

O Quadro 12 apresenta o cordel identificado para essa década e a categoria atribuída conforme o procedimento analítico adotado.

Quadro 12 - Cordel da década de 40 do século XX (1940-1949)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	A mulher que deu à luz na fila do açúcar!	Mulher mãe

Fonte: a própria autora.

A categoria “Mulher mãe” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do sofrimento emocional, da desvalorização social, da vulnerabilidade e da maternidade, identificados nos termos e características associados à personagem feminina. A narrativa constrói a experiência do feminino a partir da dor emocional, da exaustão e da humilhação simbólica, vivenciadas no contexto da gravidez e do parto em situação de escassez.

Nesse contexto, a maternidade não é tratada como atributo idealizado, mas como experiência atravessada por desgaste físico e humilhação simbólica. A personagem feminina assume centralidade na narrativa justamente pela condição de sofrimento associada ao exercício do papel materno.

6.5 DÉCADA DE 1950: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

A análise dos folhetos de cordel da década de 1950 indica uma ampliação e diversificação das formas de representação do feminino em relação à década anterior. Nesse período, coexistem construções marcadas pela desvalorização simbólica e pela censura moral da mulher com representações que exaltam atributos associados à virtude, à pureza e ao papel conjugal feminino, configurando um imaginário tensionado entre controle social e exaltação da virtude feminina.

O Quadro 13 reúne os títulos da década de 1950 e as categorias de representação do feminino atribuídas a partir da análise dos termos presentes nas obras.

Quadro 13 - Cordéis da década de 50 do século XX (1950-1959)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	Discussão de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe	Mulher velha desvalorizada
2	Nequinho e Jandira	Mulher donzela

3	Josafá e Marieta	Mulher transgressora
4	A Mulher roubada	Mulher esposa virtuosa

Fonte: a própria autora.

A ampliação do corpus nessa década permite perceber maior complexidade na articulação dos campos semânticos. Categorias como “Mulher donzela” e “Mulher esposa virtuosa” organizam-se em torno dos campos Virtude moral, Pureza, Idealização estética e Papel social feminino, reforçando atributos como honra, recato e adequação ao modelo conjugal. Em contraste, categorias como “Mulher transgressora” e “Mulher velha desvalorizada” mobilizam campos como Desqualificação moral, Hostilidade/agressividade e Desvalorização social, marcando negativamente comportamentos que se afastam das normas estabelecidas.

Essa coexistência configura uma polarização na construção do feminino. De um lado, a mulher associada à virtude, à pureza e à conformidade social; de outro, a mulher caracterizada por termos depreciativos ou moralizantes quando rompe expectativas sociais. A organização temática dos termos indica que o feminino é estruturado a partir de um sistema de valores que classifica condutas e delimita fronteiras entre o comportamento considerado legítimo e aquele entendido como desviante.

De modo geral, a década de 1950 apresenta um cenário discursivo em que o feminino aparece simultaneamente como referência de virtude e como alvo de censura simbólica. Mantêm-se valores tradicionais já identificados anteriormente, mas também se delineiam tensões internas que ganharão maior visibilidade nas décadas seguintes.

6.6 DÉCADA DE 1960: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Na década de 1960, as representações do feminino nos folhetos de cordel mantêm forte vinculação com modelos narrativos tradicionais, mas passam a concentrar-se especialmente em figuras associadas ao encantamento e à subordinação. Observa-se a recorrência de personagens femininas situadas em universos de realeza ou feitiço, bem como construções que reforçam a dependência e o controle sobre a conduta feminina.

As categorias identificadas distribuem-se entre “Mulher princesa encantada”, “Mulher escravizada” e “Mulher faladeira”. A predominância da categoria “Mulher princesa encantada”, presente em três das cinco obras analisadas, indica a centralidade de narrativas que associam o feminino à beleza, ao encantamento e à condição de espera ou dependência de intervenção externa. Nessas construções, mobilizam-se campos como Encantamento sobrenatural, Idealização estética e, em determinados casos, Virtude moral, reafirmando um modelo de feminilidade marcado pela passividade e pela valorização simbólica da pureza ou da delicadeza.

Em contraste, a categoria “Mulher escravizada” aciona campos como Vulnerabilidade, Sofrimento físico e Desvalorização social, apresentando o feminino sob a lógica da opressão e da subordinação extrema. Já em “Mulher faladeira”, o foco desloca-se para o controle da conduta: a fala feminina é enquadrada como excesso ou desvio, ativando campos como Desqualificação moral e Hostilidade/agressividade, o que evidencia mecanismos de censura comportamental.

Quadro 14 - Cordéis da década de 60 do século XX (1960-1969)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	História da escrava Guiomar	Mulher escravizada
2	História do soldado Roberto e a Princesa do reino de Canan	Mulher princesa encantada
3	História das três princesas encantadas	Mulher princesa encantada
4	O marido que passou o cadeado na boca da mulher	Mulher faladeira
5	A princesa Rosamunda ou a Morte do gigante	Mulher princesa encantada

Fonte: a própria autora

A organização dessas categorias demonstra que, na década de 1960, o feminino é estruturado discursivamente entre dois polos predominantes: de um lado, a mulher associada ao encantamento e à realeza, cuja valorização simbólica não elimina sua posição de dependência; de outro, a mulher submetida a controle, punição ou silenciamento. Assim, mesmo quando inserida em narrativas fantásticas, a personagem feminina permanece circunscrita a papéis regulados por expectativas normativas, que delimitam os comportamentos considerados aceitáveis no universo do cordel.

6.7 DÉCADA DE 1970: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Na década de 1970, observa-se uma intensificação das representações moralizantes e punitivas do feminino nos folhetos de cordel. As narrativas do período ampliam a presença de categorias associadas à punição, à demonização, à animalização e à desumanização simbólica da mulher, frequentemente vinculando o feminino à transgressão moral e à ameaça à ordem familiar ou social.

Observa-se a intensificação de discursos que vinculam o comportamento feminino à necessidade de correção por meio do castigo físico e simbólico. A mulher que rompe normas morais, familiares ou sociais passa a ocupar o centro das narrativas punitivas.

O Quadro 15 apresenta os cordéis analisados na década de 1970 e as respectivas categorias de representação do feminino.

Quadro 15 - Cordéis da década de 70 do século XX (1970-1979)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	O verdadeiro amor de mãe	Mulher mãe
2	A mulher que deu o filho ao Diabo	Mulher bruxa
3	A língua da mulher faladeira	Mulher faladeira
4	A mulher de quatro metros de altura	Mulher monstro
5	A moça que bateu na mãe e virou cachorra	Mulher castigada
6	A mulher que foi surrada pelo Diabo	Mulher castigada
7	A dama de três amantes	Mulher princesa
8	Como se amansa uma sogra	Mulher sogra demonizada
9	A menina que foi gerada fora da mãe	Mulher mãe de proveta
10	O marido que trocou a mulher por uma garrafa de aguardente	Mulher trocada/objetificada

Fonte: própria autora.

A distribuição das categorias indica forte predominância de construções vinculadas ao controle moral do feminino. A categoria “Mulher mãe” mantém a valorização simbólica associada à maternidade, à dedicação e ao espaço doméstico, acionando campos como Maternidade, Virtude moral e Papel social feminino. Essa representação reafirma modelos tradicionais de feminilidade pautados na abnegação e no dever moral.

Em contraste, diversas categorias acionam campos punitivos e desqualificadores. “Mulher faladeira”, “Mulher castigada” e “Mulher sogra demonizada” mobilizam Desqualificação moral, Hostilidade/agressividade e Sofrimento físico, evidenciando a censura dirigida a comportamentos considerados inadequados. A

punição surge como elemento central das narrativas, acompanhada de humilhação, violência ou sofrimento corporal.

A categoria “Mulher monstro” intensifica esse movimento ao articular Animalização, Demonização e Violência, construindo o feminino como corpo grotesco e figura de desordem. Já em “Mulher bruxa”, a associação com o demoníaco reforça campos como Demonização e Encantamento sobrenatural, deslocando o feminino para o território da ameaça moral e espiritual.

Outras categorias, como “Mulher trocada/objetificada” e “Mulher mãe de proveta”, indicam tensões específicas do período, nas quais o corpo feminino aparece como objeto de troca, experimentação ou controle, acionando campos como Desvalorização social, Vulnerabilidade e, no caso da maternidade tecnológica, possíveis deslocamentos na representação do papel materno.

De modo geral, a década de 1970 apresenta concentração expressiva de categorias punitivas e moralizantes, superando, em intensidade, as décadas anteriores. O feminino é construído como objeto de vigilância, correção e castigo, e o cordel assume função normativa ao reafirmar fronteiras entre condutas consideradas legítimas e comportamentos passíveis de punição simbólica ou física.

6.8 DÉCADA DE 1980: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

A década de 1980 marca um deslocamento significativo nas formas de representação do feminino nos folhetos de cordel analisados. Amplia-se o conjunto de categorias atribuídas às personagens femininas e diversificam-se os papéis sociais a elas associados. Representações tradicionais permanecem no corpus, mas passam a dividir espaço com construções que enfatizam atuação pública, saber, liderança e reconhecimento social.

Quadro 16 - Cordéis da década de 80 do século XX (1980-1989)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	O Direito que a mulher tem	Mulher cidadã de direitos
2	Reclamação e sofrimentos de uma Prostituta	Mulher prostituta
3	Eu quero é ser madamo e casar com feminista	Mulher provedora
4	Clara Nunes	Mulher artista
5	Júlia Corrêa da Silva	Mulher intelectual
6	Santa Bárbara	Mulher santa
7	Adeus Menininha – A nossa lalorixá	Mulher líder religiosa

8	Significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos	Mulher sábia
9	A filha da louca do jardim	Mulher transgressora
10	O nascimento e a feiura de Totonha Temperada	Mulher monstro

Fonte: própria autora.

A distribuição das categorias indica ampliação expressiva do repertório simbólico atribuído ao feminino. A categoria “Mulher cidadã de direitos” apresenta a mulher como sujeito social e político, mobilizando campos como Autonomia e inserção social e Participação pública, o que desloca a representação do espaço exclusivamente doméstico para o debate sobre direitos e desigualdades.

Destacam-se ainda categorias como “Mulher intelectual”, “Mulher artista”, “Mulher sábia” e “Mulher líder religiosa”, que acionam campos relacionados ao saber, ao reconhecimento social, à religiosidade e à santidade simbólica. Nessas construções, a mulher ocupa posições de autoridade simbólica, produção cultural e liderança comunitária, ampliando os sentidos tradicionalmente atribuídos ao feminino no cordel.

Paralelamente, permanecem categorias associadas à censura ou à negatividade, como “Mulher transgressora” e “Mulher monstro”, que mobilizam desqualificação moral, animalização e demonização. A presença dessas representações indica que o deslocamento observado na década não substitui integralmente modelos anteriores, mas amplia o espectro de possibilidades discursivas.

De modo geral, a década de 1980 configura um momento de inflexão no corpus analisado. Em comparação com a concentração punitiva observada nos anos 1970, o período apresenta maior diversidade de papéis e maior visibilidade da mulher como agente social, intelectual e religiosa. O feminino passa a incorporar dimensões de autonomia, atuação pública e reconhecimento simbólico, sem que desapareçam totalmente as marcas de controle moral já identificadas nas décadas anteriores.

6.9 DÉCADA DE 1990: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Na década de 1990, as representações do feminino nos folhetos de cordel analisados organizam-se em torno de categorias que associam a mulher à transgressão, ao encantamento, à demonização e à desqualificação moral. O repertório do período reúne figuras enfeitadas, interesseiras, transgressoras,

monstruosas ou demonizadas, indicando a presença recorrente de construções que vinculam o feminino ao desvio e à ameaça simbólica.

Quadro 17 - Cordéis da década de 90 do século XX (1990-1999)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	Lucilene, a moça que dançou lambada com o cão	Mulher enfeitada
2	História do Menino dos bodinhos e a Princesa Interesseira	Mulher interesseira
3	A moça que foi trocada por uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras na seca de 1877	Mulher trocada/objetificada
4	“Xá” de Xixi da Xuxa	Mulher midiática sexualizada
5	Zélia e Bernardo — Os adúlteros de Brasília	Mulher transgressora
6	A mulher que desejou um pedaço do marido	Mulher grávida demonizada
7	A moça que se casou quatorze vezes e continuou donzela	Mulher enfeitada
8	A mulher que comeu a orelha do marido	Mulher monstro
9	Lampião e a velha feiticeira	Mulher feiticeira
10	O apaixonamento de Maria Bonita por Lampião	Mulher transgressora

Fonte: própria autora.

A distribuição das categorias mobiliza campos como Demonização, Encantamento sobrenatural, Desqualificação moral, Animalização e Desvalorização social. A recorrência de “Mulher enfeitada” e “Mulher feiticeira” associa o feminino ao sobrenatural, enquanto “Mulher grávida demonizada” reforça a articulação entre maternidade e censura moral. Em “Mulher monstro”, o corpo feminino é representado como elemento grotesco, acionando campos de animalização e violência simbólica.

Categorias como “Mulher transgressora”, “Mulher interesseira” e “Mulher trocada/objetificada” indicam a permanência de discursos moralizantes que enquadram o comportamento feminino sob avaliação normativa. Já “Mulher midiática sexualizada” introduz referência ao espaço público e à cultura de massa, vinculando a representação feminina à exposição corporal e à visibilidade midiática.

A década de 1990 apresenta, assim, um conjunto de representações que articula temas sobrenaturais, midiáticos e moralizantes. O feminino é construído por meio de imagens de desejo, desvio, exposição e punição simbólica, mantendo mecanismos discursivos de regulação da conduta feminina já identificados em períodos anteriores.

6.10 DÉCADA DE 2000: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Na década de 2000, os folhetos de cordel analisados apresentam alterações nas formas de representação do feminino. Observa-se a ampliação das categorias atribuídas às personagens femininas e a diversificação dos espaços de atuação da mulher nas narrativas. Representações que reconhecem a mulher como sujeito social, político, afetivo e simbólico passam a ocupar maior espaço no corpus.

As narrativas do período incorporam, com maior recorrência, categorias associadas à autonomia, à afirmação identitária e à participação no espaço público. A mulher deixa de figurar apenas como objeto de punição ou controle simbólico e passa a ser representada, em diversos casos, como agente de decisão, liderança social, produtora de conhecimento ou sujeito de direitos. Esses deslocamentos indicam mudanças no repertório simbólico do feminino no cordel contemporâneo.

Essa ampliação, contudo, não ocorre de forma homogênea. Permanecem representações associadas à demonização, à monstruosidade, à violência e à moralização do comportamento feminino. Categorias vinculadas à vitimização, à sexualização e à idealização estética coexistem com aquelas que enfatizam a resistência e a atuação feminina, revelando um cenário discursivo marcado por tensões.

Desse modo, os cordéis da década de 2000 configuram um campo de disputa simbólica. Antigos estereótipos do feminino convivem com novas formas de significação, refletindo ambiguidades e contradições presentes nas representações da mulher no período.

O Quadro 18 reúne os folhetos de cordel da década de 2000 analisados e as categorias de representação do feminino atribuídas a cada obra.

Quadro 18 - Cordéis da primeira década do século XXI (2000-2009)

Nº	Título do cordel	Categoria
1	A moça que foi levada pelo disco voador	Mulher abduzida
2	João da Viola e a Princesa Interesseira	Mulher interesseira
3	Mulher feia	Mulher monstro
4	Um adeus a Rachel de Queiroz	Mulher intelectual
5	A Índia Iracema na Lagoa de Messejana	Mulher indígena
6	Homem que bate em mulher não passa de um bufão	Mulher vítima de violência doméstica
7	A mulher de sete vidas	Mulher em evolução espiritual

8	Resposta à carta à sua ex-mulher	Mulher transgressora
9	Lesbecause	Mulher lésbica
10	Mulheres guerreiras decantadas em Cordel	Mulher guerreira

Fonte: própria autora.

As categorias identificadas na década de 2000 indicam a ampliação e a diversificação das representações do feminino no cordel. Observam-se categorias que enfatizam a autonomia, a resistência e a atuação social da mulher, como “Mulher guerreira”, “Mulher intelectual”, “Mulher indígena” e “Mulher lésbica”, que atribuem visibilidade a identidades, saberes e experiências femininas antes pouco recorrentes no corpus.

Cabe destacar que o cordel Lesbecause (um cordel para noss@s filh@s), incluído no corpus da década de 2010, é de autoria de Salete Maria da Silva, cordelista cuja produção se insere em uma poética feminista explicitamente assumida. A obra da autora utiliza o cordel como espaço de denúncia, afirmação de direitos e visibilidade de experiências femininas historicamente silenciadas, em especial no que se refere às questões de gênero e diversidade, conforme discutido por Barboza e Andrade (2024).

Permanecem representações marcadas pela desqualificação moral, pela demonização e pela violência, como nas categorias “Mulher interesseira”, “Mulher monstro” e “Mulher vítima de violência”. Essas construções mantêm mecanismos discursivos de controle simbólico e de moralização do feminino.

A coexistência dessas categorias revela um cenário discursivo heterogêneo, no qual antigas formas de representação convivem com novas significações do feminino. Desse modo, a década de 2000 consolida um período de ampliação temática, sem que haja a superação completa de modelos tradicionais presentes na literatura de cordel.

6.11 DÉCADA DE 2010: CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Na década de 2010, as representações do feminino nos folhetos de cordel analisados apresentam reorganização significativa das categorias atribuídas às personagens. O período reúne figuras associadas à identidade, à diversidade, à atuação social e à denúncia da violência, ao mesmo tempo em que mantém construções vinculadas à desqualificação moral e à estigmatização do corpo feminino.

Quadro 19 - Cordéis da segunda década do século XXI (2010-2019)

Nº	Título do Cordel	Categoria
1	O Cordel da sogra	Mulher sogra demonizada
2	Muié, Bicho Bão!	Mulher exaltada pela beleza
3	O homem animal e a geografia da mulher	Mulher do lar
4	As heroínas de Tejucupapo	Mulher heroína
5	Maria de Julião	Mulher vítima de violência doméstica
6	A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro	Mulher religiosa
7	Bolsa de mulher	Mulher moderna
8	O matuto que perdeu a mulher pro Facebook	Mulher moderna
9	Zefa da Guia, guiando o parto da vida	Mulher guardiã de saberes tradicionais
10	A princesa encantada de Jericoacoara	Mulher princesa encantada

Fonte: elaborado pela autora

A distribuição das categorias indica a presença de diferentes eixos de representação. Em “Mulher heroína” e “Mulher guardiã de saberes tradicionais”, observa-se a valorização da atuação feminina em contextos históricos e comunitários, acionando campos como Autonomia e inserção social, e Papel social feminino, a partir de termos que associam a mulher à liderança, à resistência ou à transmissão de conhecimento.

A categoria “Mulher religiosa” mobiliza campos como Religiosidade e Santidade simbólica, situando o feminino em posição de devoção e reconhecimento espiritual. Já “Mulher vítima de violência doméstica” aciona Vulnerabilidade e Sofrimento físico, deslocando a representação para a explicitação da violência sofrida.

Outras categorias retomam construções tradicionais. “Mulher do lar” reforça o campo Papel social feminino, associado ao espaço doméstico. “Mulher exaltada pela beleza” mobiliza Idealização estética, enquanto “Mulher sogra demonizada” ativa Demonização e Desqualificação moral. Em “Mulher princesa encantada”, reaparece o campo Encantamento sobrenatural, já identificado em décadas anteriores.

A década de 2010 apresenta um repertório em que representações de valorização da atuação feminina em espaços históricos, religiosos e comunitários aparecem ao lado de categorias que mantêm padrões simbólicos tradicionais. O conjunto indica continuidade e rearranjo nas formas de tematização do feminino no cordel contemporâneo, articulando permanências e deslocamentos no interior do corpus analisado.

A análise diacrônica realizada neste capítulo permite compreender que a organização das categorias de representação do feminino não se configura como sequência linear de substituições, mas como rearticulação contínua dos campos semânticos ao longo do tempo. Permanências, intensificações e deslocamentos observados nas diferentes décadas apontam para a construção temática do feminino como processo historicamente situado no domínio da literatura de cordel.

A sistematização das categorias e de suas recorrências possibilita compreender como os sentidos atribuídos à mulher se reorganizam historicamente, oferecendo subsídios tanto para a análise comparativa do corpus quanto para a reflexão sobre os critérios de representação empregados na organização do acervo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral investigar o vocabulário utilizado para caracterizar o feminino nos cordéis da coleção da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. Ao examinar palavras e expressões empregadas na caracterização das personagens femininas, buscou-se compreender como essas escolhas lexicais constroem sentidos socialmente situados e estruturam formas de representação do feminino ao longo do tempo.

A representação temática não se configura como operação neutra ou meramente técnica. Ao determinar quais conceitos serão destacados como assuntos, o profissional da informação participa de um processo de nomeação que condiciona a visibilidade dos conteúdos nos sistemas de recuperação. Nomear é tornar localizável; é inscrever determinado tema no espaço organizado do conhecimento.

Historicamente, a presença das mulheres nas narrativas sociais foi atravessada por processos de silenciamento e invisibilização. No campo informacional, essa dinâmica pode reproduzir-se quando experiências femininas não são explicitadas como assuntos, permanecendo diluídas em classificações genéricas ou subordinadas a perspectivas hegemônicas. Ao explicitar a “mulher” como eixo temático nos folhetos analisados, esta pesquisa permite compreender que a análise de assunto possui implicações simbólicas, ampliando as condições de acesso, reconhecimento e interpretação dessas representações.

O percurso metodológico adotado — fundamentado na extração de termos literais presentes nos textos, na organização desses termos em campos semânticos e na construção de categorias — resultou na sistematização de 39 categorias de representação do feminino no corpus analisado: Mulher abduzida; Mulher apaixonada transgressora; Mulher artista; Mulher bruxa; Mulher cidadã de direitos; Mulher de sete vidas; Mulher do lar; Mulher donzela; Mulher donzela demonizada; Mulher donzela transgressora; Mulher donzela virtuosa; Mulher enfeitada; Mulher escravizada; Mulher esposa virtuosa; Mulher exaltada pela beleza; Mulher faladeira; Mulher feiticeira; Mulher grávida demonizada; Mulher guardiã de saberes tradicionais; Mulher guerreira; Mulher heroína; Mulher indígena; Mulher infiel; Mulher intelectual; Mulher interesseira; Mulher lésbica; Mulher líder religiosa; Mulher mãe; Mulher mãe de profeta; Mulher midiática sexualizada; Mulher moderna; Mulher monstro; Mulher princesa encantada; Mulher prostituta; Mulher religiosa; Mulher sábia; Mulher santa;

Mulher mártir; Mulher sogra demonizada; Mulher sofredora; Mulher trocada/objetificada; Mulher vítima de violência doméstica; Mulher velha desvalorizada.

A diversidade dessas categorias expressa a multiplicidade de configurações atribuídas à mulher no cordel, abrangendo representações marcadas por vulnerabilidade, sofrimento e subalternização, assim como formas de valorização moral, atuação social, liderança, religiosidade e inserção pública.

A análise diacrônica do corpus (1940–2019) permitiu compreender que essas representações não se organizam por substituição linear de modelos, mas por rearticulação contínua de campos semânticos ao longo do tempo. Nas décadas iniciais, predominam categorias associadas à moralização da conduta feminina, à punição e à idealização simbólica. A década de 1970 apresenta intensificação de representações vinculadas à demonização, à animalização e ao castigo. A partir da década de 1980, ampliam-se categorias relacionadas à atuação social, produção intelectual, liderança religiosa e cidadania. Nas décadas mais recentes, incorporam-se identidades étnicas, diversidade sexual, denúncia da violência doméstica e valorização de saberes tradicionais, sem que desapareçam categorias associadas à desqualificação moral e à estigmatização.

Essas transformações indicam que a construção temática do feminino no cordel acompanha reorganizações discursivas do domínio cultural analisado. Permanências e deslocamentos produzem rearranjos na forma como a mulher é tematizada, revelando tensões entre controle simbólico, idealização e ampliação de espaços de atuação.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, os resultados reforçam a pertinência da Representação Temática da Informação e da Organização do Conhecimento no tratamento de textos literários. A identificação sistemática de termos e sua organização em campos semânticos demonstram que o conteúdo do cordel pode ser analisado com rigor metodológico, permitindo a construção de categorias sensíveis às dimensões históricas, culturais e discursivas presentes nos textos.

A sistematização realizada contribui para práticas de indexação e descrição em acervos literários, ao oferecer um repertório conceitual ancorado nos próprios termos do corpus. Ao reconhecer a historicidade das representações e a pluralidade de sentidos atribuídos ao feminino, a pesquisa aponta para a necessidade de políticas

de representação temática capazes de considerar permanências e deslocamentos discursivos.

Ao final, o estudo reafirma que organizar a informação é também intervir na forma como sujeitos e experiências tornam-se visíveis no universo informacional. A Representação Temática da Informação, nesse contexto, configura-se como prática intelectual e socialmente situada, mediando a relação entre produção cultural, memória e acesso ao conhecimento.

Como desdobramento, a pesquisa aponta possibilidades para investigações futuras. Sugere-se, por exemplo, a ampliação do corpus para outras coleções de cordel, permitindo análises comparativas entre diferentes acervos e contextos regionais. Estudos posteriores também podem aprofundar a investigação de categorias específicas — como “Mulher vítima de violência doméstica”, “Mulher indígena” ou “Mulher lésbica” — examinando suas recorrências, transformações discursivas e articulações com movimentos sociais contemporâneos.

Outra possibilidade consiste na aplicação do procedimento metodológico adotado a outros temas recorrentes no cordel, como masculinidades, religiosidade popular ou representações da infância, a fim de verificar a replicabilidade dos campos semânticos e categorias construídos. Do ponto de vista da Organização do Conhecimento, investigações posteriores podem explorar a incorporação dessas categorias em instrumentos de indexação, testando sua aplicabilidade em sistemas reais de recuperação da informação.

Em continuidade a esse percurso investigativo, será aprofundada na fase de doutorado a análise das possíveis tensões entre a linguagem autoral presente nos folhetos e os instrumentos de controle de vocabulário utilizados na representação temática. Propõe-se o desenvolvimento de um Tesouro do Feminino na Literatura de Cordel, tomando como base inicial as categorias e campos semânticos sistematizados nesta dissertação e prevendo a ampliação do corpus analisado. A elaboração desse instrumento permitirá examinar relações hierárquicas, associativas e de equivalência entre os termos identificados, contribuindo para o aprimoramento das práticas de organização do conhecimento em acervos de literatura.

Dessa forma, a presente pesquisa constitui base empírica e conceitual para a construção de instrumento terminológico especializado, ampliando o diálogo entre

literatura de cordel e Ciência da Informação e aprofundando a reflexão sobre os limites e possibilidades da representação temática em contextos culturalmente situados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: leitura e literatura. São Paulo: UNESP, 2008.

AGUIAR, Izabel Maria de; ANDRADE, Ilza; JOVANOVIČ, Eliana Maria da Silva; LETRARI, Maria Aparecida; RIBEIRO, Laudicena de Fátima. Literatura de Cordel digitalizada: disseminação do acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo, **Anais** [...]. São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4280>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História oral**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 11-28, jan./jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v8i1.113>. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113/108>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Carneiro de. **Literatura popular de Cordel**: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. 2011. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6183>. Acesso em: 21 mar. 2024.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; MARTINS, Gracy Kelli; SANTOS, Raimunda Fernanda dos; MOITA, Denysson Axel Ribeiro; FELIPE, André Anderson Cavalcante; GAUDÊNCIO, Sale Mário; GONÇALVES, Eveline Filgueiras; FRANÇA, Fabiana da Silva; LUNARDELLI, Rosane Suely Álvares; SERRA, Lucélia Mara de Souza; URBGA, Maria Eduarda Dantas Hardman. Criação da base de dados e mapeamento conceitual para elaboração do tesouro da literatura de cordel. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 92-114, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/58399/30937>. Acesso em: 24 set. 2025.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ANANIAS, Mariana do Nascimento. **Os desafios de Chica Barrosa**: estudo dos fragmentos poéticos e biográficos de uma repentista negra da Paraíba Oitocentista. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-04042023-103929/publico/MarianaAnanias_Corrigida.pdf. Acesso em: 02 out. 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12676:1992. Métodos para análise de documentos — determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro: ABNT, 1992.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel**: do século XX ao XXI. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7441/1/arquivo455_1.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

BARBOZA, Edcarla; ANDRADE, Cleyton. A poética feminista nos cordéis de Salete Maria da Silva. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, e85132, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X85132>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/85132>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BARRETO, Aldo Albuquerque. Uma quase história da Ciência da Informação. **DataGramZero** – Revista da Ciência da Informação, [S. l.], v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/162/1/Barreto%205.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

BORKO, Harold. Information Science: What is it? **American Documentation**, [S. l.], v. 19, n. 1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/mri-01---information-science---what-is-it.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BRÄSCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP/ANCIB, 2008. Disponível em: [https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%20C3%89\(2008\)-1835.pdf](https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%20C3%89(2008)-1835.pdf). Acesso em: 12 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP. Dossiê de registro literatura de cordel. Brasília: CNFCP, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 22 maio 2025.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 45, n. 5, p. 351–360, 1991. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~cjpgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](https://www.cin.ufpe.br/~cjpgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em: 4 dez. 2024.

BUSH, Vannevar. Como podemos pensar. Tradução de Fábio Mascarenhas e Silva. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 678-696, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v17.n3.2024.55197>. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/337939>. Acesso em: 8 jul. 2025.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; SALES, Rodrigo de. Organização da informação:

conceitos básicos e breve fundamentação teórica. *In*: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa. (org.). **Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília: IBICT, 2010. p. 115-129. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>. Acesso em: 05 set. 2025.

CAMPOS, Dastur Costa. “**Cordel de saia**”: o que será que será? 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. 199 p.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 16 mar. 2025.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)**. 15. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARDOSO FILHO, Antônio. **Teoria de literatura I**. São Cristóvão: UFS, 2011. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalago/19020416022012Teoria_da_Literatura_I_Aula_1.pdf. Acesso em 27 ago. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global editora, 2012.

CATARINO, Maria Elisabete; SOUZA, Terezinha Batista de. A representação descritiva no contexto da web semântica. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 77-90, mai./agos. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/LNXBFHmzhdhTKkswBqry58R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2025.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CINTRA, Ana Maria Marques; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; LARA, Marilda Lopes Ginez de; KOBASHI, Nair Yumiko. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis; Associação Paulista de Bibliotecários, 1994. (Coleção Palavra-Chave, 4). 72 p.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. São Paulo: UNESP, 2009. p. 292.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. **Processos e produtos de representação temática da informação**. Brasília, DF: CAPES : UAB; Rio de Janeiro: Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2019.

DAHLBERG, Ingetraut. A referent-oriented, analytical concept theory of interconcept. **International Classification**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 142-151, 1978. Disponível em: <https://article.imrpess.com/journal/KO/5/3/10.5771/0943-7444-1978-3-142/746e219e62f787b30450191649a2231c.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Lopes. **Análise de assunto**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2007. 116 p.

DIAS, Karla Lúcia Oliveira; BELISÁRIO, Danielle dos Santos; ALBUQUERQUE, Maria Elisabeth Baltar Carneiro de. Pelejas na Literatura de Cordel: construindo temas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 122-140, 2013. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/16507>. Acesso em: 19 set. 2025.

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; ALBUQUERQUE, Maria Elisabeth Baltar Carneiro de. Representação temática do cordel de circunstância à luz da verossimilhança. **Pesquisas Brasileiras em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 28-41, 2022. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/61278/34314>. Acesso em: 27 set. 2025.

FAVERO, Alessandra. **Literatura popular regional**. Rio de Janeiro: SESES, 2017.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FROHMANN, Bernd. Revisiting “what is a document?” **Journal of Documentation**, [S. l.], v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009. Disponível em: Disponível em: https://www.academia.edu/14045535/Revisiting_what_is_a_document_. Acesso em: 04 out. 2025.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v1i1.2089>. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/40149>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GAUDÊNCIO, Sale Mário; BORBA, Mária do Socorro de Azevedo. O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/4905/3710>. Acesso em: 15 set. 2024.

GAUDÊNCIO, Sale Mário. **Representação da Informação de cibercordéis em blogs**: uma análise sob a luz da semântica discursiva. 2014. 232 f. Dissertação

(Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3953>. Acesso em: 04 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GUERREIRO, Manuel Viegas. **Literatura Popular**: em torno de um conceito. Revista de literatura oral e tradição popular, Paris, p. 1-7, nov. 1986. Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/~jj/ARQEVO/cip/etnografia/manuelViegasGuerreiro-literaturapop.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A análise documentária no âmbito do tratamento temático da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, Georgete Maria; LOPES, Ilza L. (org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003, v. 2, p. 100-117.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, [S. l.], v. 3, p. 105–117, 2009. DOI: <https://doi.org/10.54886/ibersid.v3i.3730>. Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3730>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994. 540 p. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1007>. Acesso em: 16 jun. 2024.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Léxico e Semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HJØRLAND, Birger. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 35, n. 2/3, p. 86–101, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5771/0943-7444-2008-2-3-86>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277803483_What_is_Knowledge_Organization_KO. Acesso em: 01 jun. 2025.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. ISO 5963:1985. Documentation — Methods for examining documents, determining their subjects, and selecting indexing terms. Geneva: ISO, 1985.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4524093/mod_resource/content/1/Artigo%20Kobashi%20202.pdf. Acesso em: 08 out. 2019.

LAGE, Sandra Regina Moitinho; LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares. A Representação Temática da Covid-19 na Literatura de Cordel. **Informação&Informação**, Londrina, v. 25, n. 3, p. 402-422, jul./set. 2020. DOI:

<https://doi.org/10.5433/1981-8920.2020v25n3p402>. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/40108/pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

LAGE, Sandra Regina Moitinho. **A Representação Temática da Informação no contexto da saúde em folhetos de cordel de Manoel Monteiro**. 2023. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

LAGE, Sandra Regina Moitinho; LUNARDELLI, Rosane Suely Álvares; KAWAKAMI, Tatiana Tissa. As conexões temáticas entre o cordel e a informação para a saúde. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 29, Fluxo Contínuo, 2024, e-52543. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pci/a/tXwyP5BqKhsF3pBvmsdLZGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LAGE, Sandra Regina Moitinho; MOURA, Cristiane Ferreira de; LUNARDELLI, Rosane Suely Álvares. O Tratamento Temático da Informação e suas variantes terminológicas nos estudos de Guimarães. *In*: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO, E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 8., 2024, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: COAIC, 2024. Disponível em:
<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2024/coaic2024/paper/view/876>. Acesso em: 18 set. 2024.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitura e leitores**. São Paulo: Moderna, 2008.

LANCASTER, Frederik Wilfrid. **Indexação e resumos**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Interfaces entre a ciência da informação e a ciência cognitiva. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 77–87, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/QbYSX39CjbBrMLbqcqsfN6h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 dez. 2025.

LUNARDELLI, Rosane Suely Álvares; LAGE, Sandra Regina Moitinho; GALO, Regina Aranda da Cruz. A multimodalidade dos folhetos de cordel como fator positivo na representação temática da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: ENANCIB, 2023. Disponível em:
<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/viewFile/1318/1019>. Acesso em: 22 jul. 2024.

LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares; PAIVA, Andréia Del Conte de; LAGE, Sandra Regina Moitinho. A representação temática da informação e do conhecimento e contribuições da Teoria do Campo Lexical: uma proposta metodológica para o folheto de cordel. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: ANCIB, 2023. p. 1-11. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/258543>. Acesso em: 04 jun. 2025.

MAIA, Manuela Eugênio; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. O uso da análise da informação nos processos de indexação para o contexto do cordel. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 101-111, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/3762/3005>. Acesso em: 20 out. 2025.

MAIA, Manuela Eugênio; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Apreciação sobre a indexação de cordel a partir do contexto de mapa conceitual. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 15-42, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/470/585>. Acesso em: 06 set. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; SILVA, Esequiel Gomes da. Peias e espartilhos: sátira popular à moda francesa na Primeira República. **Boitató**, Londrina, v. 9, n. 17, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31624/22155>. Acesso em: 09 jun. 2025.

MELO, Rosilene Alves de. Literatura de cordel: conceitos, intelectuais, arquivos. **Projeto História**, São Paulo, v. 65, p. 66-99, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/41086/29345>. Acesso em: 19 set. 2025.

MELO, Elisete de Sousa; PINTO, Tiago Leite; TRÉZZE, Luziana Jordão Lessa. Peculiaridades na catalogação da literatura de cordel no Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBDD 2017, p. 1183-1196, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/921/871>. Acesso em: 02 out. 2025.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto: Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez., 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2025.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 37-45, 1996. DOI:

<https://doi.org/10.5433/1981-8920.1996v1n2p37>. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1603>. Acesso em: 28 mar. 2026.

OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. **De mártir a meretriz**: figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930). 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a67166b4-700f-45ac-ae96-2da18c9e82a3/content>. Acesso em: 16 set. 2025.

OLSON, Hope A. **The Power to name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologia da palavra. Campinas: Papyrus, 1998.

PAIVA, Andréia Del Conte de; SANTOS, Raimunda Fernanda dos; LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. O ensino da representação temática dos folhetos de cordel: reflexões iniciais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: ANCIB, 2019. p. 1-16. Disponível em:
<http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/4683/1/representacaotematicafolhetoscordel.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

PAIVA, Andréia Del Conte de. **A representação temática da literatura de cordel à luz da Teoria dos Campos Lexicais**. 2023. 226 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/27d4008f-821c-4ca8-8488-08f0bde1a710/content>. Acesso em: 03 jan. 2025.

PAIVA, Paulo Jeyson Barros. Memória gráfica: os folhetos de cordel no Brasil. **Revista Transverso**: diálogos entre Design, Cultura e Sociedade, Belo Horizonte, n. 3, p. 89-101, 2021. Disponível em:
<https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/view/5413>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PEREIRA, Ana Maria Cardoso. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, 1996. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22309/17917>. Acesso em: 20 set. 2025.

RABELO, Camila Regina de Oliveira; PINTO, Virginia Bentes. Tendências nos estudos de representação temática da informação: uma revisão integrativa dos artigos científicos indexados na BRAPCI. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245252.66-88>. Disponível em:
<https://cip.brapci.inf.br/download/113778>. Acesso em: 25 set. 2025.

REBECHI JÚNIOR, Arlindo. Folhetos de cordel e a poesia popular. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 25, p. 169-185, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/162953>. Acesso em: 01 jul. 2025.

RESENDE, Beatriz. Estudos literários, estudos nacionais, estudos culturais: reflexões em diálogo. **Semear**, [S. l.], n. 10, 2004. Disponível em: <https://catedravieira-ic.lettras.puc-rio.br/obra/181/estudos-literarios-estudos-nacionais-estudos-culturais-reflexoes-em-dialogo>. Acesso em: 3 set. 2025.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBREDO, Jaime. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, março 2011, p. 19-42. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v7i1.401>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/401/261>. Acesso em: 25 jan. 2026.

RODRIGUES FILHO, José. Imagem, texto e edição na literatura de cordel: possibilidades de análise. **Revista Faces de Clio**, Juiz de Fora, v. 11, n. 20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.34019/2359-4489.2024.v11.43185>. Acesso em: 18 out. 2025.

SANTOS, Charlene Maria dos; PINHO, Fabio Assis. Aplicação do percurso temático e figurativo em literatura de cordel. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 109-121, set./fev. 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4004>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Romaria dos Versos: mulheres autoras na ressignificação do cordel**. 2002. 159 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/72344>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres fazem... Cordéis. **Graphos**, João Pessoa, v. 8, n. 1, jan./jul. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9325/5006>. Acesso em: 18 set. 2025.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Novas cartografias no cordel e na cantoria: desterritorialização de gênero nas poéticas das vozes**. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos. **Modelos colaborativos de indexação social e a sua aplicabilidade na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)**. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17218>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SANTOS, Raimunda. Indexação de xilogravuras à luz da Semântica Discursiva. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 2, maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n2.52062>. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/343756744_Indexacao_de_xilogravuras_a_luz_da_Semantica_Discursiva. Acesso em: 22 jul. 2025.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, Bruna Gabriella Santiago. **Erguer a voz**: as representações das mulheres negras na literatura de cordel de Jarid Arraes. 2022. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SILVA, Brenda de Souza; PINHO, Fabio Assis. Matriarca do desconhecido:

representação temática da personagem Funesta. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 467-496, abr./jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2025v30n2p467>. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/51669>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, Fabrício Alves da; PINHEIRO, Williams Jorge Correa. Literatura popular e biblioteca. **Biblionline**, João Pessoa, v. 15, n. 4, p. 33-44, 2019. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/148552>. Acesso em: 05 set. 2025.

SMIT, Johanna W. A informação na Ciência da Informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 2012. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/incid/article/view/48655/52726>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de.

Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-06, mar., 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007

STEGER, Hugo. O que é linguagem literária? **Fragmentos**, Florianópolis, n. 3, p. 101-140, jan./dez. 1987. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/2263/2823> . Acesso em 18 ago. 2025.

TOUTAIN, Lúcia Brandão. Representação da informação visual segundo a ontologia e a semiótica. *In*: TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão. (org.). **Para entender a**

Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 91-101. (Saladeaula, 6.).

Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2026.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

WUNDERLICH, Maria Clara; COSTA, Paola. Cordelista ativista e indígena: quem é Auritha Tabajara? **Revista Esquinas**, São Paulo, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/politica/cordelista-ativista-e-indigena-quem-e-auritha-tabajara/>. Acesso em: 1 fev. 2026.

ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Appris, 2022.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/31310360/Teoria_da_literatura_I_Regina_Zilberman_Completo. Acesso em: 03 jan. 2025.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. 325 p. (Coleção Linguagem e Cultura, 28).

APÊNDICES

APÊNDICE A
LISTAGEM TÍTULO DOS CORDÉIS SELECIONADOS

Quadro 20 - Títulos e ano dos cordéis selecionados

Nº	Título do cordel	Ano
1	A mulher que deu à luz na fila do açúcar!	1947
2	Discussão de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe	1956
3	Nequinho e Jandira	1957
4	Josafá e Marieta	1957
5	A Mulher roubada	1958
6	História da escrava Guiomar	1960
7	História do soldado Roberto e a Princesa do reino de Canan	1965
8	História das três princesas encantadas	1964
9	O marido que passou o cadeado na boca da mulher	1966
10	A princesa Rosamunda ou a morte do gigante	1967
11	O verdadeiro amor de Mãe	1971
12	A mulher que deu o filho ao Diabo	1972
13	A língua da mulher faladeira	1973
14	A mulher de quatro metros que anda de feira em feira	1974
15	A moça que bateu na mãe e virou cachorra	1975
16	A mulher que foi surrada pelo Diabo	1976
17	A dama de três amantes	1977
18	Como se amansa uma sogra	1978
19	A menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra	1978
20	O marido que trocou a mulher por uma garrafa de aguardente	1979
21	O direito que a mulher tem	1980
22	Reclamação e sofrimentos de uma prostituta	1981
23	Eu quero é ser madamo e casar com feminista	1982
24	Clara Nunes	1983
25	Júlia Corrêa da Silva — Uma das expressões vivas da cultura brasileira	1984
26	Santa Bárbara	1985
27	Adeus Menininha – A nossa lalorixá	1986
28	Significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos	1987
29	A filha da louca do jardim	1988
30	O nascimento e a feiura de Totonha Temperada	1989
31	Lucilene, a moça que dançou lambada com o cão em Juazeiro do Norte	1990
32	História do menino dos bodinhos e a Princesa interesseira	1990

33	A moça que foi trocada por uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras, na seca de 1877	1990
34	Xá" de Xixi da Xuxa	1991
35	Zélia e Bernardo — Os adúlteros de Brasília	1992
36	A mulher que desejou um pedaço do marido	1993
37	A moça que se casou quatorze vezes e continuou donzela	1993
38	A mulher que comeu a orelha do marido na lavagem do Bonfim	1994
39	Lampião e a velha feiticeira	1997
40	O apaixonamento de Maria Bonita por Lampião	1998
41	A moça que foi levada pelo disco voador	2000
42	João da Viola e a Princesa Interessada	2001
43	Mulher feia	2002
44	Um adeus a Rachel de Queiroz	2003
45	A Índia Iracema na Lagoa de Messejana	2004
46	Homem que bate em mulher não passa de um bufão	2005
47	A mulher de sete vidas	2006
48	Resposta à carta à sua ex-mulher	2007
49	Lesbecause (um cordel para noss@s filh@s)	2008
50	Mulheres guerreiras decantadas em Cordel	2009
51	O cordel da sogra	2010
52	Muié, Bicho Bão!	2011
53	O homem animal e a geografia da mulher	2011
54	As heroínas de Tejucupapo	2012
55	Maria de Julião	2014
56	A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro	2014
57	Bolsa de mulher	2015
58	O matuto que perdeu a mulher pro Facebook	2015
59	Zefa da Guia, guiando o parto da vida	2015
60	A princesa encantada de Jericoacoara	2017

Fonte: a própria autora.

APÊNDICE B

Quadros analíticos individuais dos cordéis (1947– 2019) Cordel década de 40 do século XX

Quadro 21 - A mulher que deu à luz na fila do açúcar!

Título	A mulher que deu à luz na fila do açúcar!
Data	Maio de 1947
Autor	Clério Francisco dos Santos
Resumo	Narra a história de Antonieta, uma mulher grávida que, em meio à escassez de alimentos no país, entra em trabalho de parto enquanto aguarda em uma fila para comprar açúcar.
Termos e características	Deu à luz; pobre (afetivo); infeliz; coitada; ligeira; astuta; pobrezinha (afetivo); humilhada; cansada.
Campos semântico	Sufrimento: infeliz; cansada; Compaixão: pobre; coitada; pobrezinha Vulnerabilidade: humilhada Maternidade: deu à luz
Categoria	Mulher mãe
	A categoria “Mulher mãe” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de sofrimento, compaixão, vulnerabilidade e maternidade, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela dor física, pela exaustão e pela humilhação, vivenciadas no contexto da maternidade em situação de escassez.

Fonte: a própria autora.

Cordéis década de 50 do século XX

Quadro 22 - Discussão de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe

Título	Discussão de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe
Data	1956
Autor	Leandro Gomes de Barros
Resumo	Apresenta um embate verbal entre o poeta e uma mulher idosa sobre papéis sociais e casamento.
Termos e características	Velha; marmota; seca; carrancuda; sisuda; alta; serpente assanhada; cascavel; excomungada; fera; danada; cabra velha.
Campos semânticos	Desvalorização social: marmota; cabra velha; excomungada; Hostilidade e agressividade: carrancuda; sisuda; danada Animalização: serpente assanhada; cascavel; fera
Categoria	Mulher velha desvalorizada

	A categoria “Mulher velha desvalorizada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de desqualificação moral e social, hostilidade e agressividade, e animalização, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino envelhecido marcada pela deslegitimação simbólica, pela agressividade verbal e pela inferiorização por meio de metáforas depreciativas.
--	---

Fonte: a própria autora.

Quadro 23 - Nequinho e Jandira

Título	Nequinho e Jandira
Data	1957
Autor	Manoel d’Almeida Filho
Resumo	Romance marcado por perseguições onde Jandira é raptada e submetida a situações de vulnerabilidade.
Termos e características	Rosto lindo; gesto de um anjo; retrato de Vênus; gesto de Minerva; olhar fascinante; sorriso palpitante; linda; formosa; gentil donzela; santa; perfume de rosa.
Campos semânticos	Idealização estética: rosto lindo; linda; formosa; sorriso palpitante; olhar fascinante Pureza: gesto de um anjo, santa; gentil donzela; Idealização simbólica: retrato de Vênus; gesto de Minerva; perfume de rosa
Categoria	Mulher donzela
	A categoria “Mulher donzela” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de beleza idealizada, pureza e idealização, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela exaltação estética, pela associação à virtude moral e pela sacralização simbólica da figura feminina.

Fonte: a própria autora.

Quadro 24 - Josafá e Marieta

Título	Josafá e Marieta
Data	1957
Autor	João Martins de Athayde
Resumo	Marieta, filha de um barão perverso, apaixonou-se por um escravo, enfrentando a oposição do pai.
Termos e características	Linda; faces de virgem; consciente; santa criatura; maldita; vil; bandida; donzela.
Campos semânticos	Idealização estética: linda Pureza/inocência: faces de virgem; santa criatura; donzela Desqualificação moral: maldita; vil; bandida
Categoria	Mulher transgressora

	A categoria “Mulher transgressora” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de idealização/pureza e desqualificação moral, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela tensão entre a virtude idealizada e a transgressão das normas morais e sociais impostas à mulher.
--	---

Fonte: a própria autora.

Quadro 25 - A mulher roubada

Título	A Mulher roubada
Data	07 abril 1958
Autor	João Martins de Athayde
Resumo	História de Minerva, uma mulher casada e virtuosa que é sequestrada em uma trama de traição.
Termos e características	Esposa; senhora casada; carinhosa; filha modelo; elegante; honrada; divina; joia de valor; real majestade.
Campos semânticos	Papel social feminino: esposa; senhora casada Virtude moral: honrada; carinhosa; filha modelo Idealização simbólica: divina; joia de valor; real majestade Idealização estética: elegante
Categoria	Mulher esposa virtuosa
	A categoria “Mulher esposa virtuosa” reúne representações femininas construídas a partir do papel conjugal, associadas a atributos de virtude moral, honra, delicadeza e idealização simbólica. Os termos extraídos evidenciam uma feminilidade valorizada pela conduta ética e pela posição familiar, frequentemente colocada em contraste com situações de engano, sequestro ou violência, nas quais a personagem feminina assume uma condição de vulnerabilidade na narrativa.

Fonte: a própria autora.

Cordéis década de 60 do século XX

Quadro 26 - História da Escrava Guiomar

Título	História da Escrava Guiomar
Data	1960
Autor	João Martins de Athayde
Resumo	Narra a vida de uma jovem escravizada submetida ao controle e exploração de sua liberdade.
Termos e características	Escrava; cativa; bela; triste; obediente; submissa; objeto de troca; vítima.

Campos Semânticos	Papel social feminino: escrava; cativa; Vulnerabilidade: objeto de troca; submissa; vítima Virtude moral: obediente Sofrimento emocional: triste; Idealização estética: bela
Categoria	Mulher escravizada
	A categoria Mulher escravizada foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da vulnerabilidade, do sofrimento emocional, da virtude moral e da idealização estética, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela condição de escravidão e sujeição social, pela submissão imposta e pela objetificação da mulher como objeto de troca, acompanhadas de sofrimento emocional e da valorização de atributos morais e estéticos que reforçam sua posição passiva e vulnerável na narrativa.

Fonte: a própria autora.

Quadro 27 - História do soldado Roberto e a Princesa do reino de Canan

Título	História do soldado Roberto e a Princesa do reino de Canan
Data	Juazeiro, 4 março 1965
Autor	José Bernardo da Silva
Resumo	O cordel narra a jornada do soldado Roberto até o reino de Canan, onde encontra a princesa ameaçada pelo monstro Canan. A história envolve luta, perigo e tentativa de resgate.
Termos e características	Filha solteira; linda; loura, infante; jovial; perfume de rosa; Mulher fiel; esposa dedicada; companheira; paciente; resignada.
Campos semânticos	Idealização estética: linda; loura; perfume de rosa Pureza/inocência: infante; jovial Papel social feminino: princesa; filha solteira; companheira; esposa dedicada Submissão/resignação: paciente; resignada Moralidade conjugal: mulher fiel
Categoria	Mulher princesa encantada
	A categoria “Mulher princesa encantada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de idealização estética, pureza, companheirismo e submissão, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino vinculada ao apoio afetivo, à fidelidade conjugal e à disposição para a espera e a resignação, em consonância com o papel relacional atribuído à mulher na narrativa.

Fonte: a própria autora.

Quadro 28 - História das três princesas encantadas

Título	História das três princesas encantadas
Data	1964
Autor	Severino Milanês
Resumo	O cordel narra a história de três princesas que foram encantadas e transformadas em retratos de pedra por ação de um encantamento, aguardando alguém que quebre o feitiço.
Termos e características	Princesa; bela; formosa; moça; encantada; obediente; virtuosa; delicada.
Campos semânticos	Papel social feminino: princesa Idealização estética: bela; formosa; delicada Vulnerabilidade: encantada Virtude moral: virtuosa; obediente
Categoria	Mulher princesa encantada
	A categoria Mulher princesa encantada foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da idealização estética, da vulnerabilidade e da virtude moral, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela posição simbólica de princesa, pela exaltação de atributos físicos e morais e pela condição de encantamento, que restringe sua ação e reforça uma imagem idealizada, passiva e sujeita a forças externas na narrativa.

Fonte: a própria autora.

Quadro 29 - O marido que passou o cadeado na boca da mulher

Título	O marido que passou o cadeado na boca da mulher
Data	Julho de 1966
Autor	Cuíca de Santo Amaro
Resumo	O folheto relata a história de um homem que, para controlar a esposa considerada por ele, faladeira e desobediente, utiliza violência extrema como forma de punição e silenciamento.
Termos e características	Perigosa; bastante manhosa; preguiçosa; faladeira; não deixava o marido dormir; sempre saía pras carreiras; o diabo; mesmo que satanás; falava na navalha; briguenta; perigosa; agressiva; ameaçadora; silenciada; castigada.
Campos semânticos	Papel social feminino: esposa Agressividade/hostilidade: perigosa; agressiva; ameaçadora; briguentas; falava na navalha. Desqualificação moral: manhosa; preguiçosa; faladeira Demonização: o diabo; satanás Vulnerabilidade: silenciada; castigada
Categoria	Mulher faladeira

	A categoria Mulher faladeira foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da desqualificação moral, da hostilidade /agressividade, da demonização e da vulnerabilidade, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela condenação da fala excessiva da mulher, apresentada como comportamento moralmente negativo e socialmente perturbador, que resulta em punição simbólica e física, reforçando mecanismos de controle e silenciamento feminino no discurso do cordel.
--	---

Fonte: a própria autora.

Quadro 30 - A princesa Rosamunda ou a morte do gigante

Título	A princesa Rosamunda ou a morte do gigante
Data	1967
Autor	José Bernardo da Silva
Resumo	O cordel narra a história da princesa Rosamunda, jovem de rara beleza e grande bondade, que se apaixona, e é vítima da inveja da bruxa Zorina, sendo transformada em pedra.
Termos e características	Princesa; rara formosura; perfume de rosa; estrela d'alva do brilho da neve branca e candura; olhar da ternura; muda; bela; paciente; sofredora; obediente.
Campos semânticos	Papel social feminino: princesa Idealização estética: rara formosura; bela; perfume de rosa; estrela d'alva do brilho da neve branca Virtude moral: candura; olhar da ternura; obediente; paciente Vulnerabilidade: muda Sofrimento emocional: sofredora
Categoria	Mulher princesa encantada
	A categoria Mulher princesa encantada foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da idealização estética, da virtude moral, da vulnerabilidade e do sofrimento emocional, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela posição simbólica de princesa, pela exaltação intensa da beleza e da delicadeza, pela valorização de atributos morais como candura e paciência e pela condição de silenciamento e sofrimento, que reforçam uma imagem idealizada, passiva e fragilizada da mulher na narrativa.

Fonte: a própria autora

Década de 70 do século XX

Quadro 31 - O verdadeiro amor de mãe

Título	O verdadeiro amor de mãe
Data	Janeiro de 1971
Autor	Rodolfo Coelho Cavalcante
Resumo	O autor exalta a figura materna como um tesouro divino, reforçando o dever cristão de honrar pai e mãe.
Termos e características	Anjo da Guarda; Rainha do lar; tesouro; querida; angustiada; vaso de puro amor; lírio; quintessência do Criador; maravilha única; lealdade; garantia; amor; dedicação; respeito; filantropia; luz; dever; dor; saudade. Maternidade: mãe; Idealização simbólica: anjo da guarda; quintessência do Criador; luz; vaso de puro amor; tesouro; maravilha única Pureza: lírio
	Virtudes morais: lealdade; dedicação; respeito; filantropia; querida Sofrimento emocional: angustiada; dor; saudade Virtude moral: dever; garantia Papel social feminino: rainha do lar
Categoria	Mulher mãe
	A categoria Mulher mãe foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da maternidade, do papel social feminino, da idealização simbólica, da pureza, da virtude moral e do sofrimento emocional. Esses elementos constroem uma representação do feminino centrada na figura materna, exaltada simbolicamente por seus valores morais, dedicação ao lar e pureza, ao mesmo tempo em que o discurso evidencia o sofrimento emocional associado ao amor e à abnegação maternos.

Fonte: a própria autora

Quadro 32 - A mulher que deu o filho ao Diabo

Título	A mulher que deu o filho ao Diabo
Data	Maio de 1972
Autor	Rodolfo Coelho Cavalcante
Resumo	Dona Damázia, casada, vivendo na pobreza, praticava a bruxaria e mandiga; oferece o filho no ventre para Satanás; a criança é salva anos depois pela intercessão da Virgem Maria.
Termos e características	Pobre; mulher de João Petintingá; explorava a redondeza com bruxaria e mandiga;
Campos semânticos	Vulnerabilidade social: pobre Papel social feminino: mulher de João Petintingá Demonização: oferta do filho a Satanás Desqualificação moral: bruxaria; mandiga
Categoria	Mulher Bruxa

	A categoria “Mulher bruxa” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da desqualificação moral, da demonização e do papel social feminino, identificados na prática de bruxaria e na oferta do filho a Satanás. Esses elementos constroem uma representação do feminino associada à atuação como agente de forças consideradas maléficas, configurando a personagem como figura de transgressão religiosa e alteridade moral no contexto narrativo.
--	--

Fonte: a própria autora.

Quadro 33 - A língua da mulher faladeira

Título	A língua da mulher faladeira
Data	Salvador (BA), julho de 1973 (3ª edição)
Autor	Rodolfo Coelho Cavalcante
Resumo	Crítica às mulheres que se dedicam à fofoca, descrevendo-as como pragas sociais que destroem a harmonia. Júlia.
Termos e características	Língua comprida; raio da silibrina; Satanás; cão; alma de serpente; mulher faladeira; Redor dos olhos é roxo; o gogó é demais; comprida que só coqueiro; suvaco com mal cheiro de alcatrão ou de gás; Fala grosso como homem, Só vive desconfiada, Tem um mocotó mais fino, meio aleijada, Só fala xingando o nome, É o retrato da fome, o Exu da encruzilhada; misteriosa, trabalhadeira, sebosa; amiga de discussão, treiteira, teimosa.
Campos semânticos	Desqualificação moral: mulher faladeira; língua comprida; só fala xingando o nome; sebosa; amiga de discussão; treiteira; teimosa misteriosa; retrato da fome; só vive desconfiada. Hostilidade/agressividade: fala grosso como homem Demonização: Satanás; Exu da encruzilhada Animalização: cão; alma de serpente; suvaco com mal cheiro de alcatrão ou de gás Desvalorização social: retrato da fome;
Categoria	Mulher faladeira
	A categoria Mulher faladeira foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da desqualificação moral, da desvalorização social, da hostilidade / agressividade e do sofrimento físico, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela condenação do comportamento verbal da mulher, apresentado como excessivo e perturbador da ordem social, resultando em punições simbólicas e corporais que reforçam o controle moral e social sobre a fala feminina no discurso do cordel.

Fonte: a própria autora.

Quadro 34 - A mulher de quatro metros que anda de feira em feira

Título	A mulher de quatro metros que anda de feira em feira
Data	Fevereiro de 1974
Autor	Enéias Tavares Santos
Resumo	Relato sobre uma mulher descrita como tendo “quatro metros”, vista em diversas feiras do Brasil, carregando uma mala com objetos.
Termos e características	Negra; com uma trouxa na cabeça; cheia de patifaria; Besta-fera; com 4 metros de altura; com uma mala na mão; ligeira; danada; corre mais que um caminhão; anda de feira em feira; pra todo mundo sorrindo; tão veloz;

Campos semânticos	Animalização: besta-fera Desvalorização social: com 4 metros de altura; tão veloz; corre mais que um caminhão; com uma trouxa na cabeça; com uma mala na mão; Hostilidade/agressividade: ligeira; danada Desqualificação moral: cheia de patifaria; pra todo mundo sorrindo
Categoria	Mulher monstro
	A categoria Mulher monstro resulta da articulação de campos semânticos de animalização, desvalorização social, hostilidade e desqualificação moral, compondo uma representação do feminino marcada pelo exagero corporal, pelo estranhamento e pela ruptura dos limites do corpo humano.

Fonte: a própria autora

Quadro 35 - A moça que bateu na mãe e virou cachorra

Título	A moça que bateu na mãe e virou cachorra
Data	Salvador (BA), agosto de 1975 – 27ª edição
Autor	Rodolfo Coelho Cavalcante
Resumo	Narrativa sobre Helena Matias, filha de uma religiosa, que desrespeita e agride a mãe, zomba da religião e da Sexta-Feira da Paixão. Após blasfemar, é amaldiçoada e transforma-se em cachorra, passando a vagar por várias regiões, causando medo e violência. A história é apresentada como exemplo moral.
Termos e características	Moça; falso relicário; vaidosa; língua ferina; dava surra na mãe; aborrecia; filha maldita; serpente; sempre a zombar; filha assassina; cachorra horrorosa; espumando e furiosa; cabeça de gente, mas do corpo até a cauda era uma horrível cadela; castigada; filha amaldiçoada; animal furioso horrível endemoniado; cachorra assassina; cachorra valente.
Categoria	Mulher castigada
Campos semânticos	Papel social feminino: moça; filha Desqualificação moral: vaidosa; língua ferina; sempre a zombar; filha maldita; filha assassina; Hostilidade/agressividade: dava surra na mãe; aborrecia; espumando e furiosa; cachorra valente Demonização: falso relicário; filha amaldiçoada; endemoniado Animalização: serpente; cachorra horrorosa; cachorra assassina; cachorra valente; animal furioso horrível; cabeça de gente, mas do corpo até a cauda era uma horrível cadela.
	A categoria “Mulher castigada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de transgressão moral e religiosa, violência filial, demonização e punição religiosa, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pelo castigo divino, no qual a transformação em animal opera como sanção exemplar diante da violação das normas familiares e religiosas.

Fonte: a própria autora.

Quadro 36 - A mulher que foi surrada pelo Diabo

Título	A mulher que foi surrada pelo Diabo
Data	Salvador, outubro de 1976
Autor	Rodolfo Coelho Cavalcante
Resumo	O cordel narra a história de uma mulher casada que abandona o lar em busca de liberdade e prazer. O destino lhe pune com doenças e miséria. Arrependida, tenta voltar e é surrada pelo Diabo antes de morrer.
Termos e características	Vaidosa; alma oprimida; jovem; aventureira; teimosa; traiçoeira; meretriz; pele manchada; feição desbotada; cabelos desgrenhados; eczemas; corpo chagando; tristonho penar; danada; desgraçada;
Campos semânticos	Papel social feminino: casada Desqualificação moral: vaidosa; aventureira; teimosa; traiçoeira; meretriz; danada; desgraçada; abandonou o lar Sofrimento físico: pele manchada; eczemas; corpo chagando; feição desbotada; cabelos desgrenhados Sofrimento: tristonho penar; alma oprimida Demonização: surrada pelo Diabo;
Categoria	Mulher castigada
	A categoria “Mulher castigada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de desqualificação moral, sofrimento físico, sofrimento e demonização, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina, construindo uma representação do feminino marcada pela punição exemplar diante da violação das normas morais e conjugais.

Fonte: a própria autora.

Quadro 37 - A dama de três amantes

Título	A dama de três amantes
Data	Março de 1977 (Juazeiro do Norte)
Autor	Joaquim Batista de Sena
Resumo	Princesa Carmelita, filha de Dom Luiz, é disputada por três príncipes, que partem em busca de objetos valiosos para conquistá-la.
Termos e características	princesa; filha primogênita; a mais grande dita / que das donzelas da França / era a mais jovem e bonita” ; dotada de grande simplicidade”; no rosto ela se lia inocência e castidade; amor singelo e pureza; firmeza e sinceridade; o gesto era duma santa; os traços dum anjo louro; a linda princesa; aquela linda donzela; corada e bonita; risonha; bela;
Campos semânticos	Papel social feminino: princesa; filha primogênita Idealização estética: a mais jovem e bonita; bela; loura; linda princesa; corada e bonita; risonha Pureza: inocência; castidade; pureza Virtude moral: simplicidade; firmeza; sinceridade; amor singelo
Categoria	Mulher princesa

	A categoria “Mulher princesa” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de estatuto social (nobreza), idealização estética, pureza e virtude moral, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino idealizado, vinculada à posição aristocrática e à elevação moral.
--	--

Fonte: a própria autora.

Quadro 38 - Como se amansa uma sogra

Título	Como se amansa uma sogra
Data	1978
Autor	João Martins de Athayde
Resumo	Relato cômico e agressivo de um genro sobre os conflitos com sua sogra, descrita de forma animalesca.
Termos e características	Cobra; mãe de macaco; tomava tabaco; fumava; bebia; velha; leão furioso; bicho mais perigoso; inseto venenoso; fera teimosa; animal valente; olho virado; cabeça oval e seca; cabelouro levantado;
Campos semânticos	Papel social feminino: sogra Animalização: cobra; mãe de macaco; leão furioso; bicho mais perigoso; inseto venenoso; fera teimosa; animal valente Hostilidade/Agressividade: leão furioso; bicho mais perigoso; fera teimosa Desqualificação moral: tomava tabaco; fumava; bebia Desvalorização social: velha; olho virado; cabeça oval e seca; cabelouro levantado
Categoria	Mulher sogra demonizada
	A categoria Mulher sogra demonizada foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, animalização, hostilidade e desqualificação moral, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina, compondo uma representação do feminino marcada pela redução simbólica à condição animal e pela legitimação da violência no conflito familiar.

Fonte: a própria autora.

Quadro 39 - A menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra

Título	A menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra
Data	agosto de 1978
Autor	Abraão Batista
Resumo	O cordel narra o caso de uma menina concebida por processo médico fora do corpo da mãe, na Inglaterra. A história acompanha o casal, os médicos e a repercussão do nascimento da chamada “menina proveta
Termos e características	Mãe: dona Lesley; operária; pobre; desiludida; que desejava o filho; consciente; Filha: Lizia; menina; criança; menina que nasceu fora da mãe; filha; menina proveta; filha princesa.
Campos semânticos	Papel social feminino: mãe Maternidade: mãe; filha; criança; menina Vulnerabilidade social: operária; pobre Sofrimento: desiludida Virtude moral: consciente

Categoria	Mulher mãe de proveta
	A categoria Mulher mãe de proveta foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, maternidade, vulnerabilidade social, sofrimento e virtude moral, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina, compondo uma representação do feminino centrada na experiência materna viabilizada por procedimento médico, designado no texto pelo termo “proveta”.

Fonte: a própria autora.

Quadro 40 - O marido que trocou a mulher por uma garrafa de aguardente

Título	O marido que trocou a mulher por uma garrafa de aguardente
Data	1ª edição — abril de 1979
Autor	Expedito F. Silva
Resumo	Zeca do Brejo, alcoólatra, após a morte do filho, tenta trocar a esposa Chica por uma garrafa de aguardente.
Termos e características	Mulher sem vergonha; cara de pamonha; insolente; risonha e muito atraente.
Campos semânticos	Desqualificação moral: mulher sem vergonha; insolente Hostilidade/agressividade: enfrenta o marido Desvalorização social: cara de pamonha Idealização estética: risonha; muito atraente
Categoria	Mulher resistente à autoridade conjugal
	A categoria “Mulher resistente à autoridade conjugal” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da desqualificação moral, hostilidade, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela oposição à autoridade do marido, evidenciando uma postura de resistência no interior da relação conjugal, sem configurar ruptura com a ordem moral ou social mais ampla.

Fonte: a própria autora.

Década de 80 do século XX

Quadro 41 - O Direito que a mulher tem

Título	O Direito que a mulher tem
Data	Juazeiro, janeiro de 1980
Autor	Abraão Batista
Resumo	O folheto discute a igualdade de direitos entre homens e mulheres, abordando a necessidade de acesso à educação, ao trabalho e ao respeito social, criticando a violência doméstica e o preconceito contra mulheres em diferentes condições sociais.
Termos e características	delicadeza; beleza; carinhosa; bonita; bela; amor; vida; companheirismo; flor do mundo; consolo; sacola; pensamento livre; trabalhadora; mulheres da vida; filhas de Deus; prostituta; objetos indecentes; casada; trabalhadora do campo; meretriz; camponesa; professora; mulher do mundo
Campos semânticos	Virtude moral: delicadeza; carinhosa; amor; consolo Idealização estética: beleza; bonita; bela; flor do mundo Papel social feminino: casada Desqualificação moral: objetos indecentes; prostitutas; meretriz; mulheres da vida Autonomia e inserção social: trabalhadora; trabalhadora do campo; camponesa; professora; pensamento livre
Categoria	Mulher cidadã de direitos
	O cordel constrói a representação do feminino a partir da afirmação da igualdade jurídica, social e moral entre homens e mulheres, configurando a personagem feminina como sujeito de direitos. A centralidade do discurso recai sobre o acesso à educação, ao trabalho, à liberdade de escolha e à participação social, o que justifica a atribuição da categoria "Mulher cidadã de direitos", sustentada principalmente pelo campo da autonomia e inserção social.

Fonte: a própria autora.

Quadro 42 - Reclamação e sofrimentos de uma prostituta

Título	Reclamação e sofrimentos de uma prostituta
Data	05 de janeiro de 1981
Autor	Raul Carneiro de Lima e Minelvino Francisco Silva
Resumo	Relato em primeira pessoa de uma mulher que, após ser enganada e deserdada pelos pais, acaba na prostituição.
Termos e características	meretriz; eu era pra ser feliz; reclama da sorte; desvalida; mal vista; perseguida; mulher dama; a prostituta ninguém lhe respeita; prazer na vida não tem; ente sofredor; infeliz; desprotegida; mais desprotegida;
Campos semânticos	Papel social feminino: meretriz; a prostituta Sofrimento emocional: eu era pra ser feliz; reclama da sorte; infeliz; ente sofredor; prazer na vida não tem Desvalorização social: desvalida; mal vista; desprotegida; mais desprotegida Vulnerabilidade: perseguida; ninguém lhe respeita; enganada; deserdada pelos pais

Categoria	Mulher prostituta
	A categoria "Mulher prostituta" foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social, sofrimento, desvalorização social e desamparo, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela experiência da prostituição associada à exclusão, à perseguição e à ausência de proteção social.

Fonte: a própria autora.

Quadro 43 - Eu quero é ser madamo e casar com feminista

Título	Eu quero é ser madamo e casar com feminista
Data	Rio de Janeiro, agosto de 1982
Autor	Franklin Maxado Nordestino
Resumo	O autor propõe uma inversão de papéis sociais, expressando o desejo de ser sustentado por uma mulher "emancipada" e "liberal", assumindo ele as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos enquanto ela trabalha.
Termos e características	Patroa; mulher senhorial; mulher independente; emancipada; liberal; viúva; solteira; divorciada; mãe de filhos; virgem; bem empregada; que tenha garantia de bens ou segurada; empregadora; chefe executiva de firma bem pagadora; profissional liberada; de ofício liberal; mulher que tenha valor.
Campos semânticos	Papel social feminino: viúva; solteira; divorciada; patroa; mulher senhorial; mãe de filhos Pureza: virgem Autonomia e inserção social: mulher independente; emancipada; liberal; mulher que tem valor; bem empregada; empregadora; profissional liberada; chefe executiva de firma bem pagadora; que tenha garantia de bens; segurada
Categoria	Mulher provedora
	A categoria Mulher provedora foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da autonomia e inserção social e do papel social feminino, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela atuação da mulher no trabalho e na esfera produtiva, pela assunção de responsabilidades econômicas e pela reorganização das dinâmicas familiares, evidenciando uma condição feminina vinculada à provisão material e à participação ativa na manutenção da vida doméstica e social.

Fonte: a própria autora.

Quadro 44 - Clara Nunes

Título	Clara Nunes
Data	Rio de Janeiro, 2 de abril de 1983
Autor	Raimundo Santa Helena
Resumo	Homenagem póstuma à cantora Clara Nunes, focando em suas raízes mineiras, sua trajetória no samba, sua forte ligação com as religiões de matriz africana e a dor nacional causada por sua morte prematura.
Termos e características	guerreira; serena, bela; Rainha da goela; operária sonhadora; professora; artista; kardecista; frequentava candomblé; respeitava a umbanda; em Deus ela tinha fé; amou ricos e mendigos; voz límpida; sedosa, agradável, envolvente; obstinação.
Campos semânticos	Autonomia e inserção social: operária; professora; artista Idealização estética: bela; voz límpida; sedosa; agradável; artista; voz límpida; sedosa; agradável; envolvente Virtude moral: serena; respeitava a umbanda; amou ricos e mendigos Religiosidade: kardecista; frequentava candomblé; em Deus ela tinha fé
Categoria	Mulher artista
	A categoria Mulher artista foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de autonomia e inserção social, idealização estética, virtude moral e sacralização, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino vinculada à atuação cultural, ao reconhecimento público e à valorização simbólica da mulher no cenário artístico brasileiro.

Fonte: a própria autora

Quadro 45 - Júlia Corrêa da Silva — uma das expressões vivas da cultura brasileira

Título	Júlia Corrêa da Silva — uma das expressões vivas da cultura brasileira
Data	1984
Autor	Rodolfo Coelho Cavalcante
Resumo	Apresenta a trajetória de Júlia Corrêa da Silva, destacando sua formação, atuação cultural, literária e educacional, além de sua participação em instituições, congressos e academias.
Termos e características	Grande expressão; vasta cultura dentro da Literatura; filha que hoje brilha pela intelectualidade; quando criança um anjo iluminado anjo adorado de face cor de bonina; foi casada duas vezes; lutou heroicamente; acadêmica da ABL; membro da diretoria; conquistou a medalha Machado de Assis; bacharelou em Biblioteconomia; Trovadora; diretora da biblioteca; benfeitora; participante de Congressos nacionais e até do exterior; atuação brilhante; sonhadora; amada e fiel poetisa; escritora; luz

Campos semântico	Autonomia e inserção social: vasta cultura dentro da Literatura; acadêmica da ABL; bacharelou em Biblioteconomia; diretora da biblioteca; membro da diretoria; participante de Congressos nacionais e até do exterior; atuação cultural; atuação educacional; Trovadora Virtude moral: lutou heroicamente; benfeitora; amada e fiel poetisa Idealização simbólica: grande expressão; filha que hoje brilha pela intelectualidade; um anjo iluminado; luz; brilhante Papel social feminino: casada duas vezes
Categoria	Mulher intelectual
	A categoria Mulher intelectual foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de autonomia e inserção social, virtude moral e idealização simbólica, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino vinculada à formação educacional, à atuação cultural e ao reconhecimento institucional, evidenciando a presença da mulher no campo intelectual e acadêmico.

Fonte: a própria autora.

Quadro 46 - Santa Bárbara

Título	Santa Bárbara
Data	1985
Autor	Raimundo Santa Helena
Resumo	narra a história de Santa Bárbara, jovem cristã perseguida pelo pai pagão, que resiste à imposição religiosa e mantém sua fé.
Termos e características	uma bonita criança; uma pérola humana; Santa cosmopolita; muito bondosa; caridosa; tinha moral transcendente; mocinha inteligente; humilde e virtuosa; nossa jovem virgem mártir; rainha; trancada numa torre; foi torturada; degolada; ofereceu a dor a Cristo.
Campos semânticos	Sacralização: santa cosmopolita; ofereceu a dor a Cristo; nossa jovem mártir; Virtude moral: bondosa; caridosa; humilde e virtuosa; tinha moral transcendente Sofrimento: foi torturada; degolada; trancada numa torre; Idealização estética: uma bonita criança; uma pérola humana; rainha
Categoria	Mulher santa
	A categoria Mulher santa foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de sacralização, virtude moral e sofrimento, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela devoção religiosa, pelo martírio e pela elevação moral, apresentando a mulher como modelo exemplar de fé e sacrifício.

Fonte: a própria autora

Quadro 47 - Adeus Menininha – A nossa Ialorixá

Título	Adeus Menininha – A nossa Ialorixá
Data	1ª edição — 1986
Autor	Antônio Ribeiro da Conceição (Bule-Bule)
Resumo	Homenagem Mãe Menininha do Gantois, destacando sua vida dedicada à religião, à caridade e ao cuidado espiritual do povo baiano.
Termos e características	a grande Ialorixá; entre todas a rainha; viveu noventa e dois anos; somente fazendo o bem; mensagem de amor; nossa imortal Menininha; grande orientadora; iluminada dos deuses; grandiosa e enfeitada; conforto dos sofredores; sincera e trabalhadora; Mãe Menininha cresceu por extremas bondades; representante incontestável; vida longa e agradável; Mãe de Santo incontestável; rainha do Candomblé
Campos Semânticos	Religiosidade: Ialorixá; iluminada dos deuses; Mãe de Santo incontestável Autonomia e inserção social: a grande Ialorixá; grande orientadora; representante incontestável; rainha do Candomblé Virtude moral: somente fazendo o bem; mensagem de amor; sincera; trabalhadora; bondades grandiosas; conforto dos sofredores; Idealização simbólica: entre todas a rainha; grandiosa e enfeitada; nossa imortal Menininha
Categoria	Mulher líder religiosa
	A categoria Mulher líder religiosa foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de sacralização, autonomia e inserção social e virtude moral, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela autoridade espiritual, pelo reconhecimento coletivo e pela atuação pública da mulher no âmbito das religiões de matriz africana.

Fonte: a própria autora

Quadro 48 - Significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos

Título	Significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos
Data	1987
Autor	Abraão Batista
Resumo	O folheto apresenta uma reflexão histórica e simbólica sobre a mulher, relacionando sua sabedoria, a moda e o comportamento feminino ao longo do tempo, com referência a Eva e à trajetória da humanidade.
Termos e características	flor do mundo; alegria; sabedoria; domina no magistério; fortaleza; esperteza; sabida; beleza.
Campos semânticos	Autonomia e inserção social: sabedoria; sabida; domina no magistério Idealização estética: beleza Idealização simbólica: flor do mundo; alegria Virtude moral: fortaleza; esperteza
Categoria	Mulher sábia

	A categoria Mulher sábia foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da autonomia e inserção social, da virtude moral e da idealização simbólica, identificados nos termos e características associadas à representação feminina no cordel. Esses elementos constroem uma imagem do feminino marcada pela inteligência, pela capacidade de observação e adaptação às transformações sociais e pela detenção de saberes construídos ao longo do tempo, evidenciando a mulher como sujeito ativo, estratégico e dotado de discernimento na condução de suas ações e relações sociais.
--	---

Fonte: a própria autora.

Quadro 49 - A filha da louca do jardim

Título	A filha da louca do jardim
Data	1988
Autor	Caetano Cosme da Silva
Resumo	Ibertina, filha de uma mulher tida como louca, apaixona-se por Doutor Amado, mas o relacionamento é marcado por tragédias, violência, assassinato e vingança.
Termos e características	filha; bendita jovem; linda jovem; senhorita; apaixonada; delicadeza; muito apaixonada; dominada; noiva; pobre Albertina; chorando; sofrendo; inocente; orgulhosa; donzela; mulher traiçoeira; ingrata
Campos semântico	Papel social feminino: filha; noiva; senhorita Idealização estética: linda jovem Virtude moral: delicadeza; Vulnerabilizada: dominada Sofrimento emocional: chorando; sofrendo; apaixonada; muito apaixonada Desqualificação moral: orgulhosa; traiçoeira; ingrata Pureza: inocente; donzela
Categoria	Mulher transgressora
	A categoria "Mulher transgressora" foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, sofrimento emocional, vulnerabilidade e desvalorização social, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos produz uma representação do feminino marcada pela dependência relacional, pela submissão afetiva e pela experiência de padecimento no contexto das relações narradas.

Fonte: a própria autora.

Quadro 50 - O nascimento e a feiura de Totonha Temperada

Título	O nascimento e a feiura de Totonha Temperada
Data	1ª edição — 1989
Autor	Mariano Imperador Docílio (Imperador do Cordel)
Resumo	Narra o nascimento de Totonha Temperada, menina apresentada como “assombração”, cuja feiura provoca medo, confusão e interpretações sobrenaturais na comunidade
Termos e características	parecendo Caifás”; “era uma desumana” ; “feia que nem Satanaz”; tinha um sinal vermelho bem na ponta do nariz; pançuda; esta pobre infeliz”; “não sabia falar”; “só andava resmungando”; “só andava fedorenta”; “vive no mundo se maldizendo da sorte”.
Campos semânticos	Sofrimento emocional: muito triste; triste; esta pobre infeliz; vive no mundo se maldizendo da sorte; triste criatura Sofrimento físico: tinha no peito um caroço; outro bem no pescoço Desvalorização social: muito feia; é feia, mas não faz mal; uma assombração; é feia não é o cão; era desumana; nariz era redondo parecendo uma tigela; torta a canela; orelhas cabeludas; um pé virado pra trás; uma perna muito fina parecendo Caifás; tinha um sinal vermelho bem na ponta do nariz; pançuda; só andava fedorenta Desqualificação moral: rabugenta; danada; só andava resmungando Animalização: feia que nem um cão; serpente; Demonização: endiabrada; feia que nem Satanaz; caipora Papel social feminino: menina Vulnerabilidade: não sabia falar
Categoria	Mulher monstro
	A categoria “Mulher monstro” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de desvalorização social, animalização, demonização, desqualificação moral, sofrimento emocional e vulnerabilidade, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela deformação simbólica do corpo, pela associação ao não humano e ao mal religioso, bem como pela exclusão social e pelo padecimento subjetivo, configurando a personagem como figura anômala, ameaçadora e destituída de humanidade.

Fonte: a própria autora.

Década de 90 do século XX

Quadro 51 - Lucilene, a moça que dançou lambada com o cão em Juazeiro do Norte

Título	Lucilene, a moça que dançou lambada com o cão em Juazeiro do Norte
Data	2ª ed. — jun./nov. 1990
Autor	Abraão Batista
Resumo	Durante uma festa de lambada, Lucilene dança com um rapaz desconhecido e se encanta por ele.
Termos e características	Lucilene; moça; dançava com prazer; admirada; corpo se requebrava; apaixonada; envolvente; sedutora na dança; coração em doçura; ingênua; levada pela paixão; caiu desmaiada; assustada; vítima de assombração; frágil; emocionada.
Campos semânticos	Papel social feminino: moça Sofrimento emocional: apaixonada; levada pela paixão; emocionada Idealização estética: admirada; envolvente; dançava com prazer; corpo se requebrava; sedutora na dança Pureza: ingênua; coração em doçura Encantamento sobrenatural: vítima de assombração; caiu desmaiada Vulnerabilidade: frágil
Categoria	Mulher enfeitada
	A categoria “Mulher enfeitada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, idealização estética, sofrimento emocional, pureza e vulnerabilidade, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela exposição corporal e pelo envolvimento afetivo no espaço social da dança, seguida pela interferência do sobrenatural, que provoca a suspensão do discernimento e o colapso emocional da personagem, configurando uma experiência de encantamento e ruptura narrativa.

Fonte: a própria autora.

Quadro 52 - História do menino dos bodinhos e a Princesa interesseira

Título	História do menino dos bodinhos e a Princesa interesseira
Data	1990
Autor	Joaquim Luiz Sobrinho
Resumo	Narra a história de Chiquinho, um menino pobre que vive da criação de cabritos e usa astúcia para negociar com uma princesa conhecida por comprar tudo por interesse.
Termos e características	princesa interesseira; bela; grande; faceira; comprava o que passasse; mesmo sem precisão; comprava por preço que não valia; não era tola; levantou as vestes; descobriu as pernas; mostrou as coxas; impressionada; desmoralizada; donzela; sua descompostura subiu a roupa até à cintura.

Campos semânticos	Papel social feminino: princesa Desqualificação moral: interesseira; não era tola; desmoralizada Desvalorização social: impressionada; desmoralizada; comprava o que passasse; comprava por preço que não valia Idealização estética: bela; grande; faceira Vulnerabilidade: levantou as vestes; descobriu as pernas; mostrou as coxas; sua descompostura subiu a roupa até a cintura
Categoria	Mulher interesseira
	A categoria “Mulher interesseira” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, idealização estética, desqualificação moral, desvalorização social e vulnerabilidade, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela instrumentalização das relações em benefício próprio, pela valorização da aparência e pela exposição corporal associada à perda de prestígio simbólico, resultando em uma figura feminina cuja posição social é progressivamente deslegitimada no decorrer da narrativa.

Fonte: a própria autora.

Quadro 53 - A moça que foi trocada por uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras, na seca de 1877

Título	A moça que foi trocada por uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras, na seca de 1877
Data	Junho de 1990
Autor	Abraão Batista
Resumo	Narra a história de uma jovem que, em meio à seca de 1877 e à extrema pobreza, é trocada por bens materiais, sendo tratada como mercadoria em uma negociação marcada pela escassez e pela miséria.
Termos e características	Moça; apavorada; chorando em desespero; trocada; mula; carga de farinha; 40 rapaduras; vendida; formosura; moça tão bonita; olhar de inocência; desesperada; olhos da cor de sariema
Campos semânticos	Papel social feminino: moça Desvalorização social: trocada; vendida; mula; carga de farinha; 40 rapaduras. Sofrimento emocional: apavorada; chorando em desespero; desesperada Idealização estética: formosura; moça tão bonita; olhar de inocência; olhos da cor de sariema
Categoria	Mulher trocada/objetificada
	A categoria Mulher trocada/objetificada foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de sofrimento emocional, desvalorização social e idealização estética, identificados nos termos associados à personagem feminina. A mulher é representada como objeto de troca e mercadoria, equiparada a bens materiais, ao mesmo tempo em que é idealizada por atributos físicos e simbólicos, o que constrói uma representação do feminino marcada pelo medo, pela perda de autonomia e pelo contraste entre valorização estética e rebaixamento social.

Fonte: a própria autora

Quadro 54 - “Xá” de Xixi da Xuxa”

Título	“Xá” de Xixi da Xuxa”
Data	1991
Autor	Raimundo Santa Helena
Resumo	Cordel satírico e crítico que usa a figura pública de Xuxa como símbolo da indústria cultural, da televisão e do consumo.
Termos e características	loira e linda; imagem nua; seduz; mulher da televisão; símbolo midiático; associada à fama; ligada à imagem sensual; “despida”; figura pública; influência sobre crianças; mulher transformada em produto da mídia.
Campos semânticos	Idealização estética: loira; linda; Papel social feminino: mulher da televisão; figura pública; símbolo da indústria cultural Desvalorização social: mulher transformada em produto da mídia Desqualificação moral: imagem nua; seduz; despida; ligada à imagem sensual Autonomia e inserção social: associada a fama; influência sobre crianças
Categoria	Mulher midiática sexualizada
	A categoria “Mulher midiática sexualizada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, idealização estética, desqualificação moral, desvalorização social e autonomia e inserção social, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela visibilidade pública e pela valorização da aparência, associadas a um discurso crítico que expõe o corpo feminino como elemento de consumo simbólico, submetido ao julgamento moral e à lógica da espetacularização midiática.

Fonte: a própria autora

Quadro 55 - Zélia e Bernardo — Os adúlteros de Brasília

Título	Zélia e Bernardo — Os adúlteros de Brasília
Data	1ª ed. — 24 março 1992
Autor	Abraão Batista
Resumo	O cordel narra escândalos amorosos envolvendo figuras públicas ligadas ao governo, apresentando Zélia como mulher de trajetória intensa.
Termos e características	solteira; bonita; elegante; ousada; namorava quem queria; “bicho inominável” (fala do narrador sobre sua paixão); irrequieta; ferosa; apaixonada; rebelde; comunista; militante; ativista; perseguida; presa; torturada; medrosa; estudiosa; economista; mestra; professora; competente; famosa; admirada; trabalhadora; ambiciosa; amorosa; sonhadora; sofredora; iludida; mulher de “grande paixão”.
Campos semânticos	Papel social feminino: solteira; Autonomia e inserção social: trabalhadora; competente; ambiciosa; estudiosa; comunista; militante; ativista; namorava quem queria economista; mestra; professora militante; figura pública; famosa; admirada Idealização estética: bonita; elegante Sofrimento emocional: sonhadora; sofredora; iludida; apaixonada Vulnerabilidade: perseguida; presa; torturada; medrosa Desqualificação moral: ousada; ferosa; irrequieta
Categoria	Mulher transgressora

	A categoria “Mulher transgressora” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de autonomia e inserção social, papel social feminino, vulnerabilidade, sofrimento emocional e desqualificação moral, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela atuação ativa na esfera pública e intelectual, tensionada por processos de repressão, julgamento moral e padecimento emocional decorrentes de sua militância e de sua visibilidade social.
--	--

Fonte: a própria autora

Quadro 56 - A mulher que desejou um pedaço do marido

Título	A mulher que desejou um pedaço do marido
Data	1993
Autor	Apolônio Alves
Resumo	Uma jovem esposa grávida passa a sentir desejos estranhos e durante a gestação.
Termos e características	jovem; esposa; grávida; desejava comer coisas absurdas; desejo terrível; mulher dos diabos; louca; enlouqueceu; com desejo maldito; caiu no laço do satanás; queria comer um pedaço do marido; descontrolada; com sinais de deficiência das faculdades mentais; chorando; revoltada; “mãe de satanás”.
Campos semânticos	Papel social feminino: esposa; Maternidade: grávida Sofrimento emocional: chorando; revoltada; desejo terrível Vulnerabilidade: descontrolada; com sinais de deficiência das faculdades mentais; desejava comer coisas absurdas; Demonização: mulher dos diabos; caiu no laço do satanás; mãe de satanás; queria comer um pedaço do marido Desqualificação moral: enlouqueceu; louca
Categoria	Mulher grávida demonizada
	A categoria “Mulher grávida demonizada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de maternidade, papel social feminino, vulnerabilidade, sofrimento emocional e demonização, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino em que a experiência da gestação é associada à perda de controle e à intervenção de forças sobrenaturais, deslocando a maternidade de um lugar de cuidado e normalidade para um campo de ameaça moral e condenação simbólica.

Fonte: a própria autora

Quadro 57 - A moça que se casou quatorze vezes e continuou donzela

Título	A moça que se casou quatorze vezes e continuou donzela
Data	1993
Autor	Apolônio Alves dos Santos
Resumo	Salomé, jovem bela e religiosa, casa-se repetidas vezes, mas todos os maridos morrem pouco depois do casamento.
Termos e características	donzela; virgem; estimada; simpática; moça mais formosa; jovem muito bela; viúva virgem; azarada; triste; amaldiçoada; “vampiro que chupa o sangue do marido” (acusação); “figueira de sexo” (fala do povo); “peste”; “matadora de marido”; praguejada; sofredora; religiosa; cheia de fé; vítima de feitiço; esposa fiel.
	Papel social feminino: esposa, viúva Pureza: donzela; virgem; viúva virgem Idealização estética: estimada; simpática; moça mais formosa; jovem muito bela Virtude moral: esposa fiel Sofrimento emocional: triste; sofredora Desvalorização social: azarada; praguejada Desqualificação moral: figueira de sexo” (fala do povo); matadora de marido Animalização: vampiro que chupa o sangue do marido Demonização: amaldiçoada; peste; Religiosidade: religiosa; cheia de fé Encantamento sobrenatural: vítima de feitiço
Categoria	Mulher enfeitada
	A categoria “Mulher enfeitada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de pureza, idealização estética, sacralização, sofrimento emocional, desvalorização social, desqualificação moral, animalização, demonização e papel social feminino, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela coexistência entre idealização moral e estética e a atribuição de culpa sobrenatural, na qual a preservação da castidade e da fé não impede a associação da personagem ao mal, à ameaça e à punição simbólica diante de acontecimentos trágicos.

Fonte: a própria autora.

Quadro 58 - A mulher que comeu a orelha do marido na lavagem do Bonfim

Título	A mulher que comeu a orelha do marido na lavagem do Bonfim
Data	1ª edição — 1994
Autor	Hildemar de Araújo Costa
Resumo	Maricota dos Prazeres, desesperada para casar, recorre a um Pai de Santo para conseguir marido.
Termos e características	quarenta anos; queria casar; fez promessa; recorreu à macumba; feitiçaria; “mulher não tinha chance”; feia; pele escura; idade pesava; maldade; gorda; “figura estranha”; boca muito vermelha; parecia assombração; sem graça; velha; zaroia (zarolha); nua; banhada pela lua; agressiva; violenta; vingativa; descontrolada; mordeu a orelha; “tinha cera com fatura”; megera; pantera; figura estranha; preta
Campos semânticos	Papel social feminino: mulher; 40 anos Vulnerabilidade: queria casar; desesperada para casar; não tinha chance; descontrolada Desvalorização social: feia; gorda; pele escura; boca muito vermelha; figura estranha; parecia assombração; sem graça; velha; nua; zarolha; beirão; preta Desqualificação moral: maldade; vingativa; megera Animalização: parecia assombração; pantera Demonização: recorreu à macumba feitiçaria; banhada pela lua Hostilidade / agressividade: agressiva; violenta Religiosidade: fez promessa
Categoria	Mulher monstro
	A categoria “Mulher monstro” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de desvalorização social, animalização, desqualificação moral, hostilidade/agressividade, vulnerabilidade e papel social feminino, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela deformação simbólica do corpo e da presença social, pela associação à anormalidade e pelo deslocamento da personagem para fora do campo do humano aceitável, configurando-a como figura grotesca e ameaçadora, cuja conduta é narrativamente apresentada como resultado da exclusão e do rebaixamento simbólico reiterados.

Fonte: a própria autora.

Quadro 59 - Lampião e a velha feiticeira

Título	Lampião e a velha feiticeira
Data	2ª ed. — julho de 1997
Autor	José Cordeiro
Resumo	Narra o confronto entre Lampião e uma velha feiticeira que tenta usar mandingas, feitiços e rituais para vencê-lo
Termos e características	velha feiticeira; mandingueira; fazia feitiço; catimbozeira; mandigueira; cuspiu e benzeu;

Campos semânticos	Papel social feminino: velha Desvalorização social: feiticeira Encantamento sobrenatural: feiticeira; fazia feitiço; mandingueira; Catimbozeira; Religiosidade: cuspiu e benzeu
Categoria	Mulher feiticeira
	A categoria “Mulher feiticeira” foi atribuída a partir da recorrência e centralidade de termos e práticas associadas à feitiçaria e ao uso de rituais mágicos, que estruturam a atuação da personagem feminina na narrativa. Diferentemente de outros casos do corpus, a feitiçaria não aparece como atributo secundário ou consequência de exclusão social, mas como função narrativa dominante, definindo o papel da personagem no confronto com Lampião e configurando sua representação como agente sobrenatural no enredo.

Fonte: a própria autora.

Quadro 60 - O apaixonamento de Maria Bonita por Lampião

Título	O apaixonamento de Maria Bonita por Lampião
Data	1998
Autor	Abraão Batista
Resumo	O cordel narra como Maria Bonita, ainda casada, passa a se encantar por Lampião ao ouvir sobre seus feitos e vê-lo nos combates, até decidir abandonar o marido e segui-lo.
Termos e características	mulher apaixonada; coração batendo; grande obsessão; revoltada; destemida; vestiu-se bem; perfumou-se; linda; princesa; olhou firme; olhar que transpassa; coração como bomba; comparada a flor; “essa mulher é um raio”; ardor; calor do amor; ousada; decidiu abandonar o marido; amorosa; companheira fiel; perfumada; cuidava para ser amada.
Campos semânticos	Papel social feminino: casada; Sofrimento emocional: apaixonada; coração batendo; grande obsessão; ardor; calor do amor; amorosa; cuidava para ser amada coração como bomba Idealização estética: linda; comparada à flor; princesa; vestiu-se bem; perfumada; olhar que transpassa; essa mulher é um raio Virtude moral: amorosa; companheira fiel; cuidava para ser amada Autonomia e inserção social: ousada; destemida; decidiu abandonar o marido; olhar firme;
Categoria	Mulher transgressora
	A categoria “Mulher transgressora” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, idealização estética, virtude moral, sofrimento emocional (de forma secundária) e, sobretudo, autonomia e inserção social, identificados na caracterização da personagem feminina. A convergência desses campos constrói uma representação do feminino marcada pela intensidade do envolvimento afetivo associada à capacidade de decisão e à afirmação da própria vontade, evidenciando uma trajetória em que a paixão não conduz à submissão ou à fragilidade, mas sustenta escolhas conscientes e a ruptura com a ordem conjugal estabelecida.

Fonte: a própria autora.

Década de 00 do século XXI

Quadro 61 - A moça que foi levada pelo disco voador

Título	A moça que foi levada pelo disco voador
Data	Setembro de 2000
Autor	Edvaldo Laurentino
Resumo	Bartira, jovem agricultora, presencia a descida de um disco voador e é levada por seres extraterrestres para Marte.
Termos e características	moça; donzela; corpo perfeito; pele sedutora; assustada; chorava; agoniada; sempre calada; rasgaram suas vestes; mostrando um de seus peitos; servindo de cobaia; grávida; mãe de um menino “parecendo um ET”; quase emudeceu; mulher desacreditada; mentirosa (acusação do pai); expulsa de casa; pregando união; sofreu rejeição; viveu com decepção.
Campo semânticos	Papel social feminino: donzela; moça; jovem agricultora; mãe Idealização estética: corpo perfeito; pele sedutora Vulnerabilidade: assustada; agoniada; sempre calada; quase emudeceu; servindo de cobaia; rasgaram suas vestes; mostrando um de seus peitos Maternidade: grávida; mãe de um menino Desvalorização social: mulher desacreditada; mentirosa; expulsa de casa Sofrimento emocional: sofreu rejeição; viveu com decepção Animalização: “parecendo um ET”
Categoria	Mulher abduzida
	A categoria “Mulher abduzida” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos de papel social feminino, idealização estética, vulnerabilidade, maternidade, desvalorização social, sofrimento emocional e animalização identificados na caracterização da personagem. Esses campos constroem uma representação do feminino marcada pela retirada forçada do convívio social e pela suspensão de sua autonomia corporal e narrativa em decorrência de experiência extraterrestre, seguida pelo silenciamento, pelo descrédito e pela marginalização social. A personagem configura-se, assim, como sujeito submetido a evento extraordinário que a desloca para a margem da normalidade simbólica.

Fonte: a própria autora.

Quadro 62 - João da Viola e a Princesa interesseira

Título	João da Viola e a Princesa interesseira
Data	Julho de 2001
Autor	Antônio Klévisson Viana
Resumo	João, o filho caçula de um velho, parte em busca de ajudar os irmãos e encontra uma princesa belíssima, porém dominada pela avareza.
Termos e características	princesa; mulher esculpida; deusa da beleza; bela; sensual; tomou banho nua; maneira sensual; corpinho dourado; nadava como uma piaba com o rabinho empinado; olhos brilhavam; linda princesa; admirada por sua beleza; dominada pela avareza; interesseira; gananciosa; riu do perdedor; mandou prender; autoritária; invejosa; curiosa; desejava os objetos mágicos; mulher que explora;

Campos semânticos	<p>Papel social feminino: princesa</p> <p>Idealização estética: mulher esculpida; deusa da beleza; bela; linda princesa; admirada por sua beleza; corpinho dourado; olhos brilhavam; sensual; tomou banho nua; maneira sensual; nadava como uma piaba</p> <p>Desqualificação moral: interesseira; gananciosa; invejosa; curiosa; riu do perdedor; mulher que explora; dominada pela avareza; desejava os objetos mágicos</p> <p>Hostilidade/agressividade: mandou prender; autoritária</p>
Categoria	Mulher interesseira
	<p>A categoria “Mulher interesseira” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da idealização estética, da desqualificação moral e do exercício autoritário do poder, identificados na construção da personagem feminina. Esses campos configuram uma representação do feminino em que a exaltação da aparência e da sensualidade atua como recurso narrativo associado a condutas orientadas pela cobiça, pela exploração do outro e pela imposição de autoridade, resultando em uma figura feminina moralmente reprovável no desenvolvimento da narrativa.</p>

Fonte: a própria autora.

Quadro 63 - Mulher feia

Título	Mulher feia
Data	16 maio 2002
Autor	Jorge Calheiros
Resumo	Descreve o sofrimento de viver casado com uma mulher apresentada como extremamente feia, associando sua aparência a imagens demoníacas e monstruosas.
Termos e características	<p>mulher feia; mais feia que Chico Lopes; um peito só; parece uma serpente; o satanás levou ela; falta um seio; a venta dela é torta; o olho dela é no meio; esta mulher é o cão; esta mulher é tão feia; parece um torpedão; fera; esta peste; desgraça; miséria; animal; mulher pesada; parecia um trator; serpente; esta moléstia; gota; dismantelo; criatura que assusta; ligada ao satanás; “esta mulher é o cão”.</p>
	<p>Desvalorização social: mulher feia; mais feia que Chico Lopes; um peito só; falta um seio; a venta dela é torta; o olho dela é no meio; mulher pesada; desgraça; miséria; dismantelo</p> <p>Animalização: serpente; animal; parece um torpedão; parecia um trator; esta mulher é o cão; fera; criatura que assusta</p> <p>Demonização: o satanás levou ela; ligada ao satanás.</p> <p>Desqualificação moral: esta peste; esta moléstia.</p>
Categoria	Mulher monstro
	<p>A categoria “Mulher monstro” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da desvalorização social, da animalização e da demonização, identificados na caracterização da personagem feminina. Esses campos constroem uma representação do feminino marcada pela desumanização simbólica extrema, pela associação ao mal religioso e pela transformação do corpo feminino em figura grotesca e ameaçadora, resultando na exclusão simbólica da personagem, do campo, da humanidade e da convivência social.</p>

Fonte: a própria autora.

Quadro 64 - Um adeus a Rachel de Queiroz

Título	Um adeus a Rachel de Queiroz
Data	17 novembro 2003
Autor	Guaipuan Vieira
Resumo	Cordel que homenageia Rachel de Queiroz após sua morte, destacando sua trajetória como escritora, jornalista, cronista e intelectual nordestina.
Termos e características	flor tão singela; bela luz da sabedoria; mulher nordestina; escritora; jornalista; cronista; intelectual; professora; talentosa; militante; forte; não se abateu; mulher ativa na vida pública; primeira mulher acadêmica; sábia; exemplo; mulher forte e guerreira; mensageira nas letras; ligada às raízes do sertão; sensível à questão social; figura admirável.
Campos semânticos	Papel social feminino: mulher nordestina; mulher ativa na vida pública; primeira mulher acadêmica Autonomia e inserção social: acadêmica da ABL; bacharel em Biblioteconomia; diretora de biblioteca; escritora; jornalista; cronista; intelectual; professora; atuação literária; vasta cultura; intelectualidade; mensageira nas letras; ligada às raízes do sertão; sensível à questão social; Virtude moral: exemplo; forte; guerreira; sensível a questão social
Categoria	Mulher intelectual
	A categoria “Mulher intelectual” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da autonomia e inserção social e da virtude moral, identificados na construção da personagem feminina. Esses campos configuram uma representação do feminino marcada pelo domínio do conhecimento, pela atuação na vida pública e acadêmica e pelo reconhecimento simbólico da mulher como produtora, mediadora e referência intelectual no contexto social e cultural brasileiro.

Fonte: a própria autora.

Quadro 65 - A índia Iracema na lagoa de Messejana

Título	A Índia Iracema na Lagoa de Messejana
Data	28 abril 2004
Autor	Guaipuan Vieira
Resumo	O cordel reconta, em versos, o mito de Iracema, retomando a personagem criada por José de Alencar e relacionando-a simbolicamente à Lagoa de Messejana, em Fortaleza.
Termos e características	índia; divina beleza; meiguice; candura; índia e deusa; virgem consagrada; tão pura e bela; tinha arte verdadeira; guerreira; virgem fascinante; grávida; sozinha e confiante; debilitada do parto; agoniza; linda virgem; personagem mítica; ligada à natureza; símbolo histórico-cultural.

	<p>Papel social feminino: índia; personagem mítica; símbolo histórico-cultural; ligada à natureza.</p> <p>Idealização estética: divina beleza; tão pura e bela; linda; linda virgem; índia e deusa</p> <p>Autonomia e inserção social: guerreira; sozinha e confiante Pureza: virgem consagrada; linda virgem; virgem fascinante. consagrada</p> <p>Maternidade: grávida</p> <p>Sofrimento emocional: agoniza</p> <p>Sofrimento físico: debilitada do parto</p>
Categoria	Mulher indígena
Categorias semânticas	<p>A categoria “Mulher indígena” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do Papel social feminino, da Idealização estética, da Pureza, da Sacralização e da Maternidade, identificados na construção da personagem. Esses campos configuram uma representação marcada pela valorização simbólica da mulher indígena, evidenciada pela exaltação de sua beleza, pela associação à pureza e pela atribuição de sentido transcendente à sua trajetória. A maternidade é apresentada como experiência de entrega e sofrimento, reforçando uma construção idealizada que insere a personagem no entrelaçamento entre identidade cultural, dimensão simbólica e destino trágico.</p>

Fonte: a própria autora.

Quadro 66 - Homem que bate em mulher não passa de um bufão

Título	Homem que bate em mulher não passa de um bufão
Data	Outubro de 2005
Autor	José Antônio dos Santos (Zé Antônio)
Resumo	Cordel de denúncia que condena a violência masculina contra a mulher, retratando o agressor como covarde, falso “macho” e moralmente desprezível.
Termos e características	mulher espancada; mulher agredida; pobre coitada; mulher arrastada; mulher vítima; mulher que apanha; mulher deixada em casa enclausurada; mulher humilhada; mulher que sofre violência; mulher como alvo de covardia masculina.
Campos semânticos	<p>Vulnerabilidade: mulher espancada; mulher agredida; mulher que apanha; mulher arrastada; mulher deixada em casa enclausurada; mulher vítima; mulher como alvo de covardia masculina.</p> <p>Sofrimento emocional: mulher humilhada; pobre coitada Sofrimento físico: mulher espancada; mulher agredida; mulher arrastada; mulher que apanha</p>
Categoria	Mulher vítima de violência masculina
	<p>A categoria “Mulher vítima de violência masculina” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da vulnerabilidade, do sofrimento físico e do sofrimento emocional, identificados na caracterização da personagem feminina. Esses campos constroem uma representação do feminino marcada pela exposição à agressão, pela humilhação e pela limitação de sua autonomia diante da violência sofrida, evidenciando a mulher como alvo da violência praticada por homens e reforçando o caráter de denúncia social que estrutura a narrativa.</p>

Fonte: a própria autora.

Quadro 67 - A mulher de sete vidas

Título	A mulher de sete vidas
Data	Fevereiro de 2006
Autor	Salete Maria da Silva
Resumo	Narra a trajetória de uma alma feminina através de múltiplas encarnações, experiências de dor, opressão, erro, aprendizado e evolução interior.
Termos e características	alma feminina; mulher de sete vidas; alma caminhante; criatura em evolução; busca sentido do viver; ser espiritual; força estranha; sensível; sedenta por aprender; alma em expiação; vítima de ilusões; mulher sofrida; mulher que erra e aprende; mulher em transformação; consciência; missão; perdão; carma; busca espiritual; essência de luz; mulher que oscila entre bem e mal; mulher em processo de cura; ser em reforma íntima.
Campos semânticos	Religiosidade: ser espiritual; busca espiritual, carma Sofrimento emocional: mulher sofrida; alma em expiação; vítima de ilusões Virtude moral: perdão; mulher que erra e aprende; consciência; mulher em processo de cura; perdão; alma feminina; essência de luz; Autonomia e inserção social: busca sentido do viver; sedenta por aprender; criatura em evolução; mulher em transformação; ser em reforma; íntima missão; alma caminhante; mulher de sete vidas
Categoria	Mulher em evolução espiritual
	A categoria “Mulher em evolução espiritual” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da religiosidade, do sofrimento emocional, da virtude moral e da autonomia, identificados na construção da personagem feminina. Esses campos configuram uma representação do feminino marcada pela vivência da espiritualidade como processo de aprendizado, pela experiência do erro e do sofrimento como etapas de conscientização e pelo movimento contínuo de transformação interior, situando a mulher como sujeito de busca, reflexão e aperfeiçoamento ético-espiritual

Fonte: a própria autora.

Quadro 68 - Resposta à carta à sua ex-mulher

Título	Resposta à carta à sua ex-Mulher
Data	13 outubro 2007- (Edição nº 67)
Autor	Jorge Calheiros
Resumo	narra a história de um casamento entre Juares e Maristela, que aparentava estabilidade, mas termina em separação.
Termos e características	linda filha; 22 anos; bela; noiva; esposa; mulher esperta; traiçoeira; “mulher má e perversa”; escreveu carta; deixou o marido; usava lingerie nova; manicure; decidida a ir embora; ex-mulher; acusada de engano; mulher que rompe o casamento; associada à infidelidade.
Campos semânticos	Papel social feminino: filha; noiva; esposa; ex-mulher. Idealização estética: linda; bela. Autonomia e inserção social: decidiu ir embora; deixou o marido; escreveu carta; mulher que rompe o casamento. Desqualificação moral: “mulher má e perversa”; traiçoeira; acusada de engano; associada à infidelidade.
Categoria	Mulher transgressora

	A categoria “Mulher transgressora” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do Papel social feminino, da Desqualificação moral, da Idealização estética (em posição inicial) e da Autonomia e inserção social, identificados na construção da personagem feminina no discurso do narrador masculino. Esses campos configuram uma representação marcada pela ruptura do vínculo conjugal e pela reinterpretação dessa ruptura como traição e desvio moral. A decisão da mulher de encerrar o casamento e escrever a própria versão dos fatos é apresentada como afronta ao papel social esperado da esposa, sendo associada à infidelidade e ao engano.
--	---

Fonte: a própria autora.

Quadro 69 - Lesbecause (um cordel para noss@s filh@s)

Título	Lesbecause (um cordel para noss@s filh@s)
Data	Junho de 2008
Autor	Saete Maria da Silva
Resumo	Cordel que aborda a visibilidade lésbica, a diversidade sexual e o direito ao amor entre mulheres, relacionando linguagem, corpo, cultura e luta feminista.
Termos e características	lésbicas; mulheres que amam mulheres; feministas; mulheres insurgentes; corpos femininos; bocas que se tocam; línguas entrelaçadas; amor entre mulheres; luta por igualdade; mulheres que resistem; mulheres que se manifestam; identidade lésbica; mulheres fora da norma heterossexual; mulheres que exigem direitos; mulheres que falam de si; mulheres livres; mulheres que celebram o desejo.
Campos semânticos	Papel social feminino: lésbicas; mulheres que amam mulheres; identidade lésbica; mulheres fora da norma heterossexual Autonomia e inserção social: feministas; mulheres insurgentes; luta por igualdade; mulheres que resistem; mulheres que se manifestam; mulheres que exigem direitos; mulheres que falam de si; mulheres livres.
Categoria	Mulher lésbica
	A categoria “Mulher lésbica” foi atribuída a partir da recorrência de termos e expressões que nomeiam explicitamente a identidade lésbica, o amor entre mulheres e a afirmação do desejo feminino fora da norma heterossexual, articulados aos campos semânticos do papel social feminino, da autonomia e inserção social e da valorização do corpo e do desejo. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela visibilidade da sexualidade lésbica, pela autorrepresentação das mulheres e pela resistência às normas de gênero e sexualidade, situando o cordel como expressão de afirmação identitária e política.

Fonte: a própria autora.

Quadro 70 - Mulheres guerreiras decantadas em Cordel

Título	Mulheres guerreiras decantadas em Cordel
Data	2009
Autor	Josineide Dantas – Gigi
Resumo	O cordel exalta mulheres históricas, religiosas, políticas e sociais como figuras de luta, resistência e transformação, desde personagens bíblicas até militantes modernas.
Termos e características	mulheres guerreiras; mulher forte; mulher valente; mulher de fé; mulher de luta; heroína; corajosa; resistente; sofredora; batalhadora; líder; exemplo; mulher que enfrenta opressão; mulher que luta por justiça; mulher que educa; mulher que trabalha; mulher que transforma a sociedade; símbolo de igualdade; mulher de coragem histórica; mulher de resistência; mulher consciente de seus direitos.
Campos semânticos	Autonomia e inserção social: mulher que trabalha; mulher que transforma a sociedade; mulher que luta por justiça; líder; mulher consciente de seus direitos Virtude moral: exemplo; mulher de fé; mulher de coragem; heroína (em sentido moral) Sofrimento emocional: sofredora; resistente; batalhadora Religiosidade: mulher de fé
Categoria	Mulher guerreira
	A categoria “Mulher guerreira” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da autonomia e inserção social (campo central), da virtude moral, da hostilidade/agressividade, do sofrimento emocional e da religiosidade, identificados nos termos e características associadas às personagens femininas. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela atuação ativa na vida social, pela legitimação moral da luta, pelo enfrentamento de situações de opressão, pela experiência de adversidades e pela dimensão simbólica da fé como elemento de sustentação da resistência.

Fonte: a própria autora.

Década de 10 do século XXI

Quadro 71 - O cordel da sogra

Título	O cordel da sogra
Data	4ª edição — fevereiro de 2010
Autor	Izaías Gomes
Resumo	Descrição da sogra feita por seu genro.
Termos e características	sogra; velha; desgraça; imagem do satanás; danada; velha; praga; má; tormenta; cachorro sem matilha; biritá (xingamento); bruxa; serpente; veneno; mala sem asa; desgraçada; brava pimenteira; mentirosa; ódio; velha que persegue o genro; causadora de prejuízo; sogra que dá azar; sogra como tormento da vida; sogra associada ao inferno; figura demonizada.
Campos semânticos	Papel social feminino: sogra. Desvalorização social: velha; desgraça; praga; sogra como tormento da vida; sogra que dá azar; bruxa; Desqualificação moral: má; danada; mentirosa; ódio; desgraçada; brava pimenteira. Demonização: imagem do satanás; associada ao inferno; figura demonizada. Animalização: cachorro sem matilha; serpente; Hostilidade/agressividade: velha que persegue o genro; causadora de prejuízo
Categoria	Mulher sogra demonizada
	A categoria “Mulher sogra demonizada” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da desvalorização social, da desqualificação moral, da animalização, da demonização e da hostilidade, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela associação da sogra ao mal, à ameaça e ao incômodo no espaço familiar, reforçando estigmas de velhice depreciada e de antagonismo simbólico nas relações domésticas.

Fonte: a própria autora.

Quadro 72 - Muié, Bicho Bão!

Título	Muié, Bicho Bão!
Data	Junho de 2011
Autor	Rogério Snatus
Resumo	o narrador exalta a mulher amada como beleza rara, comparando- a a astros, joias e obras perfeitas da natureza.
Termos e características	linda rapariga; estrela luzente; joia polida; sorriso tão alvo; lua na primazia; muito bela; joia faceira; formosa; rosto perfeito; moça da anca rotunda; dos olhos esverdeados; charme no rebolado; crina cabeluda; minha donzela; minha flor; rapariga guardada no coração; nega galega; coisa mais boa na vida; companhia para viver e sonhar;

Campos semânticos	Idealização estética linda rapariga; muito bela; formosa; rosto perfeito; estrela luzente; lua na primazia; joia polida; joia; faceira minha flor. Pureza: minha donzela Papel social feminino: moça; rapariga Virtude moral: rapariga guardada no coração; coisa mais boa na vida; companhia para viver e sonhar. Idealização estética: dos olhos esverdeados; crina cabeluda; nega galega; sorriso tão alvo; charme no rebolado; moça da anca rotunda.
Categoria	Mulher exaltada pela beleza
	A categoria “Mulher exaltada pela beleza” foi atribuída porque a representação feminina no cordel é construída predominantemente por meio de elogios reiterados à aparência física, à harmonia do corpo e à idealização estética da personagem. Esses elementos estruturam uma imagem do feminino celebrada como objeto de admiração, encanto e ideal afetivo ao longo de toda a narrativa.

Fonte: a própria autora.

Quadro 73 - O homem animal e a geografia da mulher

Título	O homem animal e a geografia da mulher
Data	Março de 2011
Autor	Zé do Jati (José Anchieta Dantas Araújo)
Resumo	Cordel que compara as fases da vida humana ao comportamento de animais (burro, cachorro e macaco), construindo uma parábola sobre trabalho, casamento, envelhecimento e decadência masculina.
Termos e características	mulher na geografia da vida; esposa; casamento; família; filhas; moças; figura ligada ao lar; presença na fase adulta do homem; associada à vida doméstica; referência indireta à mulher como parte da organização familiar; mulher como eixo da estrutura familiar.
Campos semânticos	Papel social feminino: filhas; figura ligada ao lar; associada à vida doméstica; parte da organização familiar; mulher como eixo da estrutura familiar; presença na fase adulta do homem; mulher na “geografia da vida
Categoria	Mulher do lar
	A categoria “Mulher do lar” foi atribuída porque a personagem feminina aparece de forma indireta, associada ao casamento, à família, às filhas e ao espaço doméstico, conforme os termos literais do texto. Esses elementos constroem uma representação do feminino vinculada à organização da vida familiar e à estrutura do lar, funcionando como referência simbólica no percurso da vida masculina narrado no cordel.

Fonte: a própria autora.

Quadro 74 - As heroínas de Tejucupapo

Título	As heroínas de Tejucupapo
Data	Março de 2012
Autor	Medeiros Braga
Resumo	narra a Batalha de Tejucupapo (século XVII), quando mulheres da comunidade lideraram a resistência contra invasores holandeses.
Termos e características	heroínas; guerreiras; corajosas; bravas; mulheres que lideravam; conscientes da missão; não se intimidaram; lutaram com devoção; transformavam a valentia do inimigo em dor; usavam água com pimenta; enfrentavam milícias; defensoras da comunidade; símbolo de resistência; mulheres que lutaram com cacete, foice, enxada; figuras de bravura popular; exemplo de rebeldia contra opressão.
Campos semânticos	Autonomia e inserção social: mulheres que lideravam; defensoras da comunidade; símbolo de resistência; exemplo de rebeldia contra opressão; lutaram com cacete, foice, enxada; usavam água com pimenta; transformavam a valentia do inimigo em dor Virtude moral: guerreiras; corajosas; bravas; não se intimidaram; lutaram com devoção; figuras de bravura popular.
Categoria	Mulher heroína
	A categoria “Mulher heroína” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da autonomia e inserção social, da virtude moral, identificados nos termos e características associadas às personagens femininas. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela liderança coletiva, pela coragem ética e pela atuação direta na defesa da comunidade, evidenciando o protagonismo das mulheres em contextos históricos de conflito e resistência popular.

Fonte: a própria autora.

Quadro 75 - Maria de Julião

Título	Maria de Julião
Data	2014
Autor	Francisco Bruno Elias da Silva
Resumo	Cordel narrativo que apresenta Maria, esposa de Julião, um homem violento, alcoólatra e agressivo, temido na comunidade.
Termos e características	mulher nordestina; esposa; sofria agressões; mulher que aconselha; mulher em perigo; vítima de violência doméstica;
	mulher corajosa; saiu na porta com um barrote na mão; preta da cor de pantera; rugindo como um leão; desarmou o marido; deu- he surra; muito nobre; respeitada; suplente de delegado; mulher que resolve casos de agressão; figura de autoridade; protetora das mulheres; símbolo de resistência feminina.

Campos semânticos	Papel social feminino: esposa Vulnerabilidade: sofria agressões; mulher em perigo; vítima de violência doméstica. Sofrimento emocional: sofria agressões; vítima de violência doméstica Hostilidade/agressividade: saiu na porta com um barrote na mão; desarmou o marido; deu-lhe surra Virtude moral: mulher corajosa; muito nobre; respeitada Autonomia e inserção social: mulher que aconselha; suplente de delegado; mulher que resolve casos de agressão; figura de autoridade; protetora das mulheres; símbolo de resistência feminina
Categoria	Mulher vítima de violência doméstica
	A categoria “Mulher vítima de violência doméstica que se torna liderança comunitária” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da vulnerabilidade, do sofrimento emocional, da virtude moral, da hostilidade reativa e da autonomia e inserção social, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela passagem da condição de violência doméstica para a atuação ativa na proteção de outras mulheres e no exercício de autoridade e justiça no espaço comunitário.

Fonte: a própria autora.

Quadro 76 - A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro

Título	A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro
Data	2ª edição — 20 março 2014
Autor	Hamurábi Batista
Resumo	Narra a vida de Maria de Araújo, mulher pobre e devota de Juazeiro, associada aos fenômenos místicos das hóstias que se transformavam em sangue durante a comunhão no final do século XIX.
Termos e características	Beata; mulher pobre; negra e nordestina; doméstica; lavava roupa; costurava; trabalhava em olaria; devota; dedicada à oração; vida de penitência; consagrada a Jesus Cristo; fervor angelical; tinha visões; em êxtase; estigmas da paixão; sangrava; sofredora; perseguida; torturada; mulher de fé; humilde; silenciosa; reservada; símbolo de milagre; vítima de preconceito; injustiçada pela Igreja; mulher de caridade e fervor religioso.
Campos semânticos	Papel social feminino: doméstica; lavava roupa; costurava; trabalhava em olaria. Religiosidade: devota; dedicada à oração; vida de penitência; consagrada a Jesus Cristo; fervor angelical; mulher de fé; tinha visões; em êxtase; fenômenos místicos. Sofrimento emocional: sofredora; perseguida; estigma da paixão Sofrimento físico: torturada; sangrava Santidade simbólica: símbolo de milagre Vulnerabilidade: vítima de preconceito; injustiçada pela Igreja. Virtude moral: humilde; silenciosa; reservada; mulher de caridade;
Categoria	Mulher religiosa

	A categoria “Mulher religiosa” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da religiosidade, do sofrimento emocional, do sofrimento físico e da santidade simbólica, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela devoção religiosa intensa, pela vida de penitência e oração, pela atuação em atividades domésticas e laborais, bem como pela experiência de perseguição, sofrimento corporal e estigmatização social. A atribuição popular de santidade, expressa simbolicamente como “símbolo de milagre”, não corresponde ao reconhecimento institucional da Igreja Católica, situando a personagem no âmbito da devoção popular.
--	--

Fonte: a própria autora.

Quadro 77 - Bolsa de mulher

Título	Bolsa de mulher
Data	Junho de 2015
Autor	Tião Simpatia e Jefferson Portela
Resumo	Cordel que usa a “bolsa da mulher” como metáfora para falar do universo feminino, misturando vaidade, religiosidade, consumo, cuidado pessoal, emoção, memória afetiva e autonomia.
Termos e características	mulher; bolsa da mulher; vaidosa; ligada à beleza; usa maquiagem; usa perfume; cuida da aparência; consumidora; organizada na desorganização; religiosa (tem terço ou bíblia); prática; carrega agenda e cartão; independente (“vive sem homem”); emotiva; sensível; chora por paixão; guarda lembranças; romântica; sonhadora; leitora; vigilante; cuidadosa (remédio, band-aid); sociável; amiga; tem poder; tem charme; capacidade de amar; guarda “um tiquim de amor”.
Campos semânticos	Autonomia e inserção social: independente; (“vive sem homem”); tem poder; carrega agenda e cartão; consumidora; prática; organizada na desorganização Idealização estética: vaidosa; ligada à beleza; usa maquiagem; usa perfume; cuida da aparência; tem charme. Virtude moral: emotiva; sensível; chora por paixão; romântica; sonhadora; guarda lembranças; guarda “um tiquim de amor”; capacidade de amar; vigilante; cuidadosa (remédio, band-aid); Papel social: sociável; amiga. Religiosidade: religiosa (tem terço ou bíblia).
Categoria	Mulher provedora
	A categoria “Mulher provedora” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da autonomia e inserção social e do papel social feminino, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela atuação no trabalho remunerado e pela responsabilidade econômica no sustento familiar, evidenciando deslocamento do papel tradicionalmente atribuído ao homem como provedor.

Fonte: a própria autora.

Quadro 78 - O matuto que perdeu a mulher pro Facebook

Título	O matuto que perdeu a mulher pro Facebook
Data	Junho de 2015
Autor	Tião Simpatia
Resumo	Narra a história de um homem do meio rural que reclama da esposa, Marinete, ter mudado o comportamento após aderir ao smartphone, à internet e às redes sociais.
Termos e características	Marinete; muié moderna; “cabeça virada”; passa a madrugada na internet; quer pedir divórcio; não quer mais trabalhar na roça; vive no smartphone; usuária de rede social; conversa com “amigo virtual”; defende privacidade; fala de direitos; atitude firme; não se submete ao marido; associada à modernidade; vista como influenciada pela tecnologia; mulher que muda de comportamento; mulher autônoma no espaço digital; esposa que confronta o marido.
Campos semânticos	Papel social feminino: esposa Autonomia e inserção social: muié moderna; vive no smartphone; passa a madrugada na internet; usuária de rede social; conversa com “amigo virtual”; quer pedir divórcio; defende privacidade; fala de direitos; atitude firme; não se submete ao marido; mulher autônoma no espaço digital; não quer mais trabalhar na roça Desqualificação moral: “cabeça virada”
Categoria	Mulher moderna
	A categoria “Mulher moderna” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos da autonomia e inserção social e do papel social feminino, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pelo uso ativo das tecnologias digitais, pela apropriação do smartphone e das redes sociais como espaços de interação e afirmação pessoal, pela ruptura com práticas tradicionais do trabalho rural e pela contestação das relações conjugais hierarquizadas.

Fonte: a própria autora.

Quadro 79 - Zefa da guia, guiando o parto da vida

Título	Zefa da Guia, guiando o parto da vida
Data	Novembro de 2015
Autor	Zé Antônio
Resumo	narra a trajetória de Dona Zefa da Guia (Josefa Maria da Silva Santos), parteira tradicional do interior de Sergipe, reconhecida por sua atuação em milhares de partos, saberes de medicina natural, espiritualidade e liderança comunitária.
Termos e características	parteira; rezadeira; tem divinos encantos; faz os partos da vida; cabocla faceira; mulher de grande poder; conhece a formação da vida; não estudou em escola; sabe ler a natureza; ligada às plantas medicinais; nasceu na Serra da Guia (SE); mais de setenta anos; muita energia; filha e neta de parteira; médica espiritual; medicina natural; trabalhadora rural; líder comunitária; orienta a comunidade; militante em saúde; realiza partos; salva mães e crianças; cura doenças do corpo e espirituais; guiada pela fé; referência de saber popular; mulher de missão.

Campos semânticos	<p>Papel social feminino: parteira; rezadeira; filha e neta de parteira Maternidade: faz os partos da vida; realiza partos; salva mães e crianças</p> <p>Virtude moral: mulher de missão; orienta a comunidade; referência de saber popular</p> <p>Religiosidade: guiada pela fé; espiritualidade; tem divinos encantos; médica espiritual</p> <p>Autonomia e inserção social: trabalhadora rural; líder comunitária; militante em saúde; mulher de grande poder; conhece a formação da vida; sabe ler a natureza; ligada às plantas medicinais; medicina natural; cura doenças do corpo e espirituais;</p>
Categoria	Mulher guardiã de saberes tradicionais
	<p>A categoria “Mulher guardiã de saberes tradicionais” foi atribuída a partir da articulação dos campos semânticos do papel social feminino, da maternidade, da virtude moral, da sacralização e da autonomia e inserção social, identificados nos termos e características associadas à personagem feminina. Esses elementos constroem uma representação do feminino marcada pela atuação como parteira tradicional, pela transmissão de conhecimentos ligados ao parto, à medicina popular e à espiritualidade, pela orientação e liderança comunitária e pelo reconhecimento social de seus saberes, exercidos de forma autônoma no interior de uma cultura popular e religiosa.</p>

Fonte: a própria autora.

APÊNDICE C

Quadro 80 - Distribuição das categorias de representação do feminino (1940–2019)

Categoria	Frequência
Mulher transgressora	5
Mulher monstro	4
Mulher princesa encantada	3
Mulher enfeitiçada	2
Mulher castigada	2
Mulher faladeira	2
Mulher interesseira	2
Mulher intelectual	2
Mulher trocada/objetificada	2
Mulher provedora	2
Mulher sogra demonizada	2
Mulher mãe	2
Mulher abduzida	1
Mulher artista	1
Mulher bruxa	1
Mulher cidadã de direitos	1
Mulher do lar	1
Mulher donzela	1
Mulher em evolução espiritual	1
Mulher escravizada	1
Mulher esposa virtuosa	1
Mulher exaltada pela beleza	1
Mulher feiticeira	1
Mulher grávida demonizada	1
Mulher guardiã de saberes tradicionais	1
Mulher guerreira	1
Mulher heroína	1
Mulher indígena	1
Mulher líder religiosa	1
Mulher lésbica	1
Mulher mãe de proveta	1
Mulher midiática sexualizada	1
Mulher moderna	1
Mulher princesa	1
Mulher prostituta	1
Mulher religiosa	1
Mulher sábia	1

Mulher santa	1
Mulher velha desvalorizada	1
Mulher vítima de violência doméstica	1

Fonte: a própria autora.